Ao P.e Manso

com todo o apreço

Manoel de Sousa Pinto

Lx.a 1911. Nov.o 3.

Fidelino de Figueiredo

VI - 1912

ÁQUELLAS

QUE

PASSARAM

E

SORRIRAM

FEMINARIO

DO AUCTOR:

A UNICA VERDADE (drama).

O MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ (critica).

TERRA MOÇA *(Impressões brasileiras)*.

A SEGUIR:

Á HORA DO CORREIO *(Phantasia e Chronica)*.

SERPENTES DE MELAMPO (contos).

MANOEL DE SOUSA PINTO

FEMINARIO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1911

FEMINARIO

869.9
P6592f

I

A BAILARINA E O CAMPONIO

Tem, afinal, razão o poeta:

> Vino, sentimiento, guitarra y poesia
> Hacen los cantares de la patria mia...
> Cantares...
> Quien dice cantares, dice Andalucia.

Deu-se, ha dias, em Hespanha um caso interessante, como todos os casos que se dão em Hespanha: a mais productiva officina de pittoresco que tem a Europa, e talvez o mundo.

Merece especial registo, e, portanto, deixae-me que o conte e desenvolva a meu talante.

O scenario é Sevilha, castanhola doirada do Guadalquivir, — azul sangue mourisco. A scena passa-se na Praça de Touros, cathedral da raça, a ceu aberto.

Ha muito sol, sêde intensa, uma multidão bizarra, cheia de voz, cheia de cor, cheia de graça e donaire. Mulheres aos centos, como centenas de urnas

formosas de perfume, belleza e riso. A alegria paira, adeja, volita, mais densa que a poeira, mais agil do que os leques, mais soberana do que a luz.

E' uma festa de felicidade, porque é uma festa de heroismo. E' uma festa de amor, porque é uma festa de sol.

Palpitam os corações mais vibrantes do que os clarins, acenam os sorrisos mais soffregos do que as bandeiras, debandam as maguas mais celeres e espavoridas que as pombas perdidas na atmosphera do enorme circo.

Começa a lide fogosa e sangrenta do castigo e do valor, rolam exanimes cavallos torturados, fogem velozes vultos perseguidos; tomba alfim o heroe — a fera — á estocada certa de outro heroe, de outra fera : um homem.

Nova victima surge, semeando exterminios; novo carrasco avança, namorando-lhe a vida. Toca a musica bulhentas melodias; a acclamação ovante estruge, dilata-se, rola de lado a lado, como ondas que se succedem; e nos olhos das mulheres, repousando do pavor, ao dissipar da commoção, nasce a chamma do enthusiasmo, brota em seus labios, como em poente afogueado, a venturosa esperança para o vencedor.

Naquelle instante ruidoso e solemne, em que se levam de arrancada os despojos da lucta, um homem só — o espada — domina esse milhão de almas, e, mais submisso que o vencido animal de repellão arrastado, preso de si tem o publico fascinado.

Nenhum verso de poeta, dulcissimo, capitoso, perturbaria tanto uma d'aquellas almas femininas, como um olhar d'aquelle toureiro, que tem ainda

a lamina marejada de sangue morno. Nem a melhor penna, humida ainda do melhor cantico, conseguiria ser, para ellas, tropheu maior que a bandarilha, tão bem cravada que trouxe comsigo carne ao arrancar-se. A tinta é negra como a noite, que oxalá se demore; o sangue é rutilo como o sol, que oxalá permaneça.

Mãos delicadas magoam-se no applauso, chovem vivas, hossanas, flores. As mantilhas na agitação esquecem a compostura, a elegancia, soltamse, descahem, revelam, e ha cabellos viuvos dos cravos que os perfumaram.

Cresce a refrega, cresce o calor, a celeuma, a sêde crescem; declina a tarde, e vem do ceu mais sangue. A praça é uma fornalha em braza, suffoca-se, o suor innunda as faces, as vozes são roucas, as gargantas asperas. Como bombeiros num incendio, andam os vendilhões distribuindo frescura : ventarolas garridas, limonadas azedas, a crespa cerveja, a gazosa espumante. Ouve-se o tinir do preço e o saltar das rolhas, pregões tentadores, chamados imperiosos.

O sangue açodado pede vinho, a embriaguez quer reinar; emborcam-se garrafas, esvasiam-se picheis, tilintam copos.

***

A quadra era de festas. A Feira Grande attrahira a concurso as diversas regiões, com seus cantos, seus

trajes e seus bailes. Havia alli, entre os convidados, valencianas lindas e constelladas, *charras* vistosas, murcianas timidas, *campurrianas* monotonas, aragonezes...

O aragonez do povo, o *baturro* classico, tem, com a sua celebre teimosia e a sua decantada rudez, excepcionaes faculdades de heroismo. Foi um *baturro* o heroe d'essa tarde e o heroe do dia seguinte em toda a Hespanha, pela sua descommunal ousadia e popularisado feito.

O instrumento da sua propalada victoria, se nada tem de heroico, é castiçamente, tradiccionalmente representativo. Companheiro inseparavel do seu povo, nas ceifas, nas jornadas, nas bodas, nas romarias, symbolisa admiravelmente a alegria triumphante. Com um pandeiro e uma borracha meia Hespanha se pinta; e, se o pandeiro faltou d'esta vez, para mal do quadro, nas mãos da bailarina, foi a borracha o sceptro que deu ao inspirado *baturro* o primado d'essa tarde.

Essa borracha celebre, sobre que decerto vão incidir lendas e offertas valiosas — a *bota* modesta do modestissimo camponez de Aragão — é, segundo todas as probabilidades, uma borracha vulgarissima de couro curtido e boccal de madeira, uma trivial borracha da cantiga :

> Tristezas não pagam dividas :
> Maria, dá cá a borracha !

quando devera ser um vaso precioso de metal rarissimo, uma concha irisada de madreperola com incrustações da melhor arte. Passará talvez á

historia como o estylete de Theodora, como a vibora de Aspasia, a roca de Omphala, o cutello de Judith, ou a cimitharra de Dallila, e é comtudo uma borracha egual a tantas, com a corôa de folha em bicos cortantes, á moda hespanhola, para impedir o contacto dos labios, obrigando para se lhe beber o liquido a deitar a cabeça para traz, elevar os dois braços a toda a altura, e despeja-lo na bocca em jorro cerrado — operação complicadissima para um inexperiente.

Anciaes certamente pelas razões da notoriedade de semelhante borracha! Vou satisfazer-vos a justa impaciencia.

Bombita — um dos mais queridos senhores de estoque e rabicho — despachara com um golpe de mestre para o outro mundo... taurino o bicho volumoso que lhe coubera. Retiniu unisona uma saudação frenetica.

O *baturro*, que, com os do seu grupo, delirava, agarra na sua borracha, em que já mitigara a sêde, e offerece um golo ao *matador* acclamadissimo.

Bombita, com a maior das familiaridades, pega na bojuda, flexivel vasilha, brinda ao camponio, e bebe consolado um trago real.

O *baturro* exultou; a sua borracha, provada pelo *diestro*, afigurou-se-lhe, apoz tal benção, digna dos labios de um rei. Olhou toda a praça: não albergava nenhum monarcha. Mas, num camarote em evidencia, dominadora e deslumbrante, Carolina Otero sorria á geral contemplação. Alli tinha pois o *baturro* uma imperatriz poderosa da graça e do amor, para a honrar.

Dito e feito. Levando em suas mãos como uma

insignia a borracha dignificada, trepa os degraus das bancadas, e vae, risonho, afoito, sem uma hesitação, offerecer á Otero a homenagem do seu vinho. Disse-lhe seguramente na sua lingua rude, o que Marquina exprimiu na sua pura linguagem :

« La España pasa .. » en el Norte, grita la gente a tu paso:
Y España son tus claveles y España tu piel de raso.
Y España, en tu tez de oro, tus ojos como puñales
que levantan vendavales
de deseos á tu paso.

Houve no amphitheatro um silencio sagrado. Perseu — a força — cá em baixo, acceitara sem custo a libação saborosa do vinho nacional, Que faria, lá em cima, a graça — Phrynéa — ante a modesta offrenda?

Era tão nova ante seus olhos aquella invocação, essa ousadia do camponez; tal excentricidade revestia o darem-lhe vinho tinto a provar — a ella, habituada aos presentes realengos, ás dadivas maravilhosas, ás salvas de brilhantes, aos cartões dos potentados — que uma nuvem de surpreza lhe varreu do rosto a usual expressão victoriosa, e quasi timida, confusa, lembrando-se do seu antigo, infantil sorriso gallego, tomou a borracha — a que o *baturro* tirara o resguardo de lata, porque lhe queria o beijo — ergueu-a elegantemente á altura de seus labios tão appetecidos, e lenta, saboreadamente, provou o bom vinho velho da terra, com toda uma inedita sensação de beber o sol, a seiva, a alegria sincera e franca do seu bom paiz franco e sincero.

Contam os chronistas d'esta excellente scena

jocunda que, sommadas todas as palmas que o desejo pela mulher tem arrancado para a Otero por esse mundo, não se ouviriam sequer na delirante, calorosa ovação que a envolveu. Não eram agora cortezes, interesseiros applausos dos namorados cubiçosos, mas as affectuosas saudações de seus irmãos á belleza hespanhola, o orgulho de um povo, sobre todos orgulhoso, ante o colossal triumpho que um humillimo *baturro* conseguia, ao vergar a seu gosto a altivez vaidosa de uma patricia famosa, que sabe o effeito que um não faz a um principe, e o caminho secreto de alguns thronos poderosos...

***

Commentando esse facto, um dos mais ultimamente assignalaveis para inspirar artistas, Mariano de Cávia, esse aragonez que é gloria do jornalismo hespanhol, propunha com espirito que se mandasse a borracha inolvidavel para o Museo Archeologico, com um retrato da Otero, e outro do feliz *baturrico*.

Para nós, que todos, mais ou menos, nos debatemos na corruptora decadencia que Paris nos communica como um veneno fatal, a scena acima referida revestirá um cunho pouco distincto e assaz ordinario.

Mas para os poucos, sinceros, sãos, que ainda amam a vida, a mulher, a paixão, que veem nella a suprema materia artistica, creem no sorriso e no

beijo, preferem o sol á electricidade, a verdade dos corpos á mentira dos manequins, a espontaneidade das almas á apparencia illusoria das lições aprendidas, essa deliciosa fabula ensinadora da bailarina e do *baturro* é bella e boa, porque é linda e sã.

Foi preciso que as rosas da Hellade a esquecessem para que a recordassem os cravos andaluzes...

1908. Maio 3

II

EVA LOUCA

A Moda — essa imperatriz maxima, irresistivel e fatal — dictou ultimamente tão escandalosas leis, do alto fascinante do seu throno de capricho, á universal extensão dos seus dominios de belleza e de peccado, que a opinião, sem ousar discuti-las, murmurou, e verbera-as ainda, num clamor de revolta, que já invadiu a imprensa — thermometro da publica febre.

Realmente, o luxo — esse velho monarcha, seu esposo — desapiedado se excedeu, na inacreditavel quota sumptuaria com que taxou, este inverno, as suas subditas, tão fieis e humilimas.

O preço actual das roupas da mulher attinge cifras alarmantes, de muitos zeros. Um chapeu, essa ninharia esvoaçante — modernas cathedraes de pennas — cota-se tão fabulosamente na bolsa da elegancia, que os ricos ameaçados se veem d'uma bancarrota em seu fausto, pois a moda cada vez mais se millionarisa.

Inventada para as dollarescas filhas dos *trusters* americanos, terão as europeias, para as egualarem, de se vestirem por subscripção nacional...

Notre-Dame de Paris crescentemente se affirma Nossa Senhora do Trapo. Se algum culto profundo, absorvente, dogmatico, nutre a mulher do seculo XX, é, sem duvida, o culto do seu traje. A' missa, substituiu o passeio, o baile, o theatro, o chá — esse liquido cumplice e compatriota do *flirt*.

Cupido, o mocinho descarado de aljava e tanga, foi batido pelo mandalete agaloado da casa de modas, e se acaso aquelle premiado, precoce atirador, ainda vive, é, a estas horas, *chasseur*, *groom*, ou qualquer outra coisa estrangeira, que carregue caixas de chapeus, ou embrulhos de sêdas.

Venus — a mais bella das puras deusas gregas, o mais puro dos bellos sonhos da Hellade — se, porventura, quizesse, numa hora de desfastio, sahir dos cerebros onde habita, teria de calçar meia arrendada e de abafar a sua nudez gloriosa — espelho do luar — na discretissima, voluptuosa macieza de um abrigo felpudo.

Penso na romagem dolorosa que a deusa-mulher faria pelas cidades afóra. Confusa na saia cingida, suffocada no justo corpete, molestada pelo pezo do toucado, obscurecida pelas abas amplas do chapeu enorme, ella, percorrendo os logares da sua antiga devoção, do Monte Eryx, fronteiro de Africa, aos corações femininos, devotos do manequim, constataria todos os seus templos cerrados, derrocados os seus altares, desmoronada a sua lembrança, e só na fria confusão dos museus iria encontrar, eternos, os antigos preitos, as vehementes imagens da sua paixão, os seus maravilhosos simulacros.

Em vez das suas pombas arrulhantes e meigas, que, de remoto, traziam alvas, confortando-as ao

branco seio, as romeiras alegres do amor, contemplaria, mortas, mil aves exoticas na cabeça de suas filhas, e ao seu crescente diaphano e luminoso, lobriga-lo-hia num joalheiro, com um pé atraz, servindo de fibula.

Toparia nas capitaes, coruscantemente envidraçadas, deslumbrantemente illuminadas, fervorosamente concorridas, basilicas diversas de luxo e de prazer. Entrando numas, veria mercadejarem-se as divindades suas vencedoras : a renda, a pelliça, o velludo, a pluma.

Olhando outras, conheceria, acatadissima e usurpadora, no seu antigo throno de nudez sincera, hypocritamente tentadora, habilidosamente perversa, sua majestade o decote — tão colossal como os chapeus, tão fingido como os cabellos.

A deusa, maguada, indagaria, então, onde morava hoje nos homens aquella velha ideia linda, primacial e dominadora, da forma espontanea, da linha perfeita, que egualava, sem attenuante, a mulher á flor, e exigia na architectura d'um corpo a equilibrada proporção das columnas sagradas do templo, rogando á carne que ensinasse ao marmore os milagres da esculptura.

Cançada alfim da sua desillusão, talvez que a deusa, com o admiravel orgulho da mais formosa, com essa rebelde força da carne triumphante, penetrando num d'esses salões, em que as mulheres estão tão pouco vestidas que parecem nuas, e tão pouco nuas, que semelham monstros, cuja epiderme fosse renda, velludo ou joia — talvez que Venus se decidisse a repetir alli aquelle seu gesto celebre, ao emergir das ondas : *Anadyo* — Eu surjo — e, d'entre a trapagem

miserrima, tirasse, nitida como um raio de sol, limpida como um veio d'agua, toda a sua carne inegualavel, mestra da fórma, ao confuso debandar do pavoroso escandalo.

Pena que ainda Venus tal passeio não fizesse.

Crêde-me — ha de faze-lo um dia. A arte dos costumistas põe a tributo todas as edades — agora, por exemplo, enxertou modelos japonezes em tropheus de pelles vermelhas e mantos esquimós. A mulher, por um resaibo arreigado de pudor, vae-se revelando devagarinho. Com as antigas saias, nada sabiamos d'ella hoje podemos, sem olhar muito, reconhecer-lhe o corpo.

Com a vagarosa timidez das não affeitas, vae, pouco a pouco, ensaiando á luz a sua carne : subindo a saia, baixando o decote, contornando o braço, descobrindo a perna, ha de, numa futura apotheose, de que, finalmente, as feias serão banidas, mostrar-se toda.

Milita, mesmo, a tal favor, uma razão ponderavel : é que a mulher corrompeu tanto a arte de se adornar, que terá, muito naturalmente, de se despir de todo, para aprender, outra vez, a vestir-se.

***

Certo que quem costumado andar á historia, essa velha famula, servidora de nobres, silenciosa systematica sobre a grande massa anonyma —

creadora da raça, materia heroica para os feitos d'um privilegiado — estando familiarisado com paços e salões, conhecendo completamente o desfile d'essas mil admiraveis bonecas de guarda-roupa que percorrem ôcas os roteiros da chronica, nada se admirará dos excessos do luxo contemporaneo, que a seu lado empallidece.

Sabe-se das leis sumptuarias que, em seu auge, a republica romana impunha á exaggerada elegancia das damas; sabe-se que a republica de Veneza fulminou, com severas prescripções, a arruinadora phantasia das suas lindas mulheres; sabe-se que em muitas outras epochas teve a lei de admoestar o luxo, e que, portanto, a actual loucura da moda já foi precedida de outros accessos.

Presentemente, quem poderia dictar leis a tal respeito era a França — reconhecido fóco da epidemia. Mas a França está bem longe de pensar em tal, pois, ainda que o não pareça, o costureiro, o figurinista, o chapeleiro, são das suas individualidades mais em evidencia — e a França sabe como ninguem estremecer as suas celebridades. Paquin tem tanto nome como Edmond Rostand; Redfern é tão universal como Anatole France; uma exposição *chez* Drécoll vale uma sessão *chez les immortels*.

A estupenda habilidade dos francezes para compor o laço, para enrufar a fita, para deitar a pluma ou realçar a préga, para casar as cores, ou temperar a carne e a renda, excellentemente lhes serviu para conquistarem no mundo esse supremo primado da elegancia, em que nenhum povo os eguala.

Póde a ingleza, de saia curta e masculo pé, arrastar fleugmaticamente por Paris a sua simulada mascu-

linidade — a parisiense, em cujos longinquos antepassados por certo houve uma arveola, deslisar-lhe-ha ligeira, ao lado, arregaçando-se sempre, e muito, já que essa é a predilecta occupação do seu braço, e entoando maliciosa sobre o asphalto, com os tacões pespontados da botinha Luiz XV, um tic-tac zombador, em que se vê rir a carne por entre a grade da meia.

Póde, mesmo, uma obesa allemã, apontando a serie dos seus filhos gigantescos e marciaes, alludir ao decrescimento horrendo da população franceza, a parisiense, arregaçando-se mais, esboçará uns passos de *maxixe* ou *cake-walk*, e, sorrindo, commentará apenas : *je m'en fiche...*

Nessa côrte, que tão a preceito solettra o feminino evangelho, logico é exista uma pythonisa, reconhecida e acatada. Ha-a realmente. Na sumptusoa Paris do seculo XX, como na Roma de Nero, um arbitro de elegancias pontifica.

Petronio mudou apenas de sexo e profissão; é actriz e rainha aduladissima, do governo á arte, no seu salão dos Campos-Elysios. Não escreveu o *Satyricon*, mas vae redigir uma chronica de modas. Herdou o nome doce d'essa favorecida amante de Carlos VII, que em Loches repousa. E' Cécile Sorel.

Entrevistada ha pouco, essa dilecta filha da moda despediu, num sorriso, esta fulminante sentença sobre os maridos — de cuja pelle, segundo um caricaturista hespanhol, são feitas algumas peças do feminil vestuario :

— « Uma mulher que quizer mostrar-se elegante, do primeiro ao ultimo dia do anno, da cabeça á ponta dos pés, não póde gastar menos de cento e

cincoenta mil francos annuaes, e, ainda assim, precisa ser economica, para não exceder tal somma. Muito confidencialmente, posso accrescentar que, em media, gasto por anno em roupa duzentos e cincoenta mil francos. »

E' quasi o orçamento d'um pequeno estado : e a actriz segue por ahi fóra, pormenorisando, com os respectivos preços, as diversas exigencias da moda moderna, que, segundo ella, deve começar na camisa :

— « A arte de vestir bem começa na pelle. A verdadeira elegante de gosto apurado não põe em contacto com a sua epiderme senão tecidos finissimos, d'uma macieza especial.

E nada ha no mundo mais macio, mais acariciante, que uma authentica renda antiga. Quando a mulher tiver o corpo envolto no linho mais subtil, póde começar então a construir o edificio da sua elegancia exterior. A quantia que vos indiquei não deve surprehender-vos, se pensardes que uma saia de baixo, das mais simples, me custa tres mil francos : usei-a no palco umas quinze vezes, durante uma hora, se tanto, e já está desmerecida : vejo-me, portanto, obrigada a mandar fazer outra. »

E' um terrivel *Credo... quia absurdum.*

Não seguirei transcrevendo as trespassantes declarações de Cécile Sorel, que ainda ultimamente se apresentou no Theatro Francez com uma estola de pelle de quinze mil francos e um regalo de tres mil, a acreditar em varios jornaes francezes.

Ante um tão torrencial rolar de francos, a gente começa a admittir, dolorosamente, a possibilidade da mulher renunciar á elegancia. Se fossem absolu-

tamente exactas as parcellas exigidas pela loira actriz dos olhos escuros, que perturbante tragedia agitaria o lar, obrigado a transformar-se em casa da moeda?..

Parecia que o desenvolvimento da industria e o apregoado avanço da apregoada democracia trariam um luxo accessivel a todos. Até certo ponto, o caso é exacto. Ainda ha pouco, o professor Bordas, descobrindo a valorisante acção do radium sobre o coryndon, poz em cheque as pedras preciosas. Vae bani-las a moda? Quem sabe? Talvez faça como aquella mundana, que, tendo um rubi que lhe ia mal na cor do corpete, o transferiu a botão da campainha electrica...

* * *

De tudo, afinal, o que parece apurado é que Eva endoideceu pelo luxo, e que, no Paraizo, o que a serpente lhe trouxe não foi uma maçã, como diz a Biblia. Foi o primeiro numero do primeiro jornal de modas...

1907. Novembro 15.

III

BEIJO E FUMO

A civilisação — esse conjuncto d'artefactos, de mentiras, de apparencias, que nada tem que ver com o deslumbrante progresso, a radiosa cultura do espirito humano, e, apenas, torna mais facil, com umas thesouradas de alfayate, e alguns grammas de falso cabello, o transformar uma labrega em elegante — assemelha-se muito a uma fina tela puida, onde, com a fazenda que se arrepanha, para tapar aqui um buraco, se fura outro alem, que, ao cerzir-se, descobre outro maior.

Ainda ha pouco, vos dava eu conta das tenções do governo inglez sobre o cigarro dos menores. Já, hoje, tenho de submetter-vos um assumpto similar, mais interessante, porque se debate em femininos labios.

Fica bem ás mulheres a cigarrilha? — tal é a pergunta que uma revista franceza, pegada ás saias, formulou a varias damas, como um problema serio.

Quasi todas — e é o mais atrevidamente curioso — responderam com delicadas evasivas, prestando, porem, unanimemente, um culto a isto que nós, fumadores, ainda não descobriramos, em abso-

luto : o encanto dos gestos a que o cigarro se presta.

Sempre cheia de imprevisto a nossa querida semelhante! Indagados, num caso d'esses, nós, prolixa, inconcludentemente, gastariamos paginas em considerações de ordem hygienica, economica, social, mesmo litteraria, sobretudo esthetica. A mulher olhou a questão de frente, como nós somos incapazes de encarar qualquer questão, porque sempre lhe buscamos o dentro. Admiraveis olhos os d'ellas, que, como os dos passaros, olham de alto, pousam satisfeitos no exterior des coisas, e logo concluem, como as borboletas, que não cuidam de saber em que raiz se estriba a flor.

Assim Mademoiselle Sylvie acha delicioso que uma mulher fume, mas odeia o cheiro do tabaco inconciliavelmente. Mademoiselle de Limoges, da *Gaîté*, imaginosamente affirma que, durante o cigarro, os labios parecem mandar um beijo ao principe encantador d'um sonho. Madame le *docteur* Cayrol, descobre-lhe outra vantagem : a de manter, apoz o jantar, o convivio das senhoras e dos homens na mesma sala, abolindo as ausencias para o fumatario, etc... Nenhuma condemnou o uso moderado da cigarrilha.

Mais uma vez a nossa biblica costella deu provas de apreciar apenas as attitudes. As respostas d'essas damas, vendo no fumar unicamente os ademanes do seu manejo, lembram-me esta curiosa observação, que, se ainda não fizestes, vos aconselho a que façaes : as mulheres que mais mexem em livros, excluindo as caixeiras de livraria, são as actrizes em scena... Rara é a peça, em que ellas, para entreter uma pausa, não folheiam qualquer volume ou

manuseiam qualquer revista. Porquê? Ellas não leem; não é o conteúdo que ellas amam no livro — é a linda serie de geitos, que a mão tem ao percorre-lo.

No caso presente, identica particularidade revestiu a cigarrilha. Passaram-lhe ao lado, sem quasi lhe aquilatar do recheio, desejando ignorar o seu valor inebriante, olhando-a, apenas, como branca varinha incandescente d'uma aproveitavel elegancia. Ditoso cerebro, o da mulher! — cheio de mil curiosidades pequeninas, alheio a essa terrivel ancia do maximo segredo, do mysterio das causas, dos enygmas das coisas.

Apuradas as diversas, escassas opiniões, a redactora encarregada concluiu, num enfeitado raciocinio: « O gesto dos dois dedos, elevando-se até á bocca, é encantador; a cabeça um pouco inclinada para traz, é encantadora; o fumo mesmo é bonito, azul fóra da bocça, cinzento na extremidade da mortalha. Simplesmente, fica estabelecido que não devem fumar as mulheres de mãos feias, pescoço curto, ou cintura pouco flexivel. Esse gesto do homem, requer um ar feminino. E' natural que uma moda que faz tossir, que estraga a voz, que amarellece os dedos e os dentes, e que impregna os cabellos loiros de um cheiro de caserna, esteja sujeita a mais de um capricho... »

Este trecho é sobremaneira typico da feminina psychologia. A auctora começou, para formar o seu juizo, por interrogar creaturas que ordinariamente não fumam; depois, sem tratar da cigarrilha, fallou dos pescoços e das cinturas, e só encontrou os cabellos loiros susceptiveis ao perfume do tabaco, Mas, deixando o inquerito, vamos ao facto.

Innegavel é que, em nossos dias, na Europa e na America, a cigarrilha, escondida ou declarada, se vae tornando de bom tom. Quasi todas as rainhas fumam, e a cigarrilha de uma imperatriz é um poderoso mau exemplo, que a elegancia acata e imita.

Eu sou sinceramente contrario a que a mulher fume. Sempre desejei, ao ver uma senhora accender um cigarro, fazer-lhe, com poesia, um sermão de moral. Dizer-lhe : a cigarrilha é por demais egual a vós, para que a comprehendaes. Ella é, como vós, variada e cambiante; tem todas as vossas cores : morena e ardente, como vós, apaixonadas ! — branca e loira, como vós, ligeiras ! — castanha, pallida, ruiva, negra como vós, indecisas, timidas, estranhas, tyrannas ! Como vós, é doce ou violenta, meiga ou amarga.

Como vós, agrada-nos, arruina-nos, endita-nos, entontece-nos, ou subjuga-nos. E' como vós uma vida linda e fugaz, de que cinza macia, voluvel se desprende. Ainda como vós, é um succeder novo, incessante, de pequenos nadas futeis, crepitantes — sabor, perfume e luz — que umas vezes dão a felicidade, outras o sonho, e, noutras, maculam, queimam ou partem sem remorso, quasi sem vestigio. Sempre como vós, é um capricho que passa, deixando nosso ambiente cheio de si, e, como vós, um corpo puro e branco, que um fogo subito devora; outras, um polluido resto, que a um novo calor se reaccende. Clarão ephemero, nuvem veloz, prazer que appetece já novo prazer. Braza quente que voa, cinza tepida que cahe !

Certo estou de que, no Brasil, a opinião me acompanha. Esse ser extremoso, todo lar e paixão, cujos

beijos frescos aprendem no marulho castissimo das cachoeiras, o milagre da renovação, — a mulher brasileira, estatua da languida caricia, sereia da dolente voz, heroina discreta dos móres afagos — esse anjo tropical, vestido á parisiense, — abomina do fumo — que só velhas pretas minas ruminam ainda em seu cachimbo, sob a lassa fadiga das palpebras supersticiosas.

Nunca esquecerei os escandalisados olhares, que surprehendi, no Café de Paris, — alli no largo da Carioca — quando, a uma meza, mais de conversa que de ceia onde me encontrava, a actriz Moreno, da companhia Coquelin, começou a fumar despretenciosamente, um cigarro alarmante,

E' scisma na Europa — nessa Europa á franceza, que tão contente está de si, que o resto não conta — serem as hespanholas emeritas fumadoras.

« Veem-nos pelos quadros de Zuloaga » — disse uma escriptora em Madrid — e é a pura verdade. A Hespanha dos estrangeiros, seria, realmente, se existisse, o mais extraordinario dos paizes. Eu tenho percorrido grandes extensões hespanholas, e nunca vi mulheres fumarem em cafés ou salões de boa gente.

O paiz das fumadoras é a Italia. Nas outras nações incluindo a França, patria da *cigarette*, o fumar é um vicio, e os vicios femininos não se perdoam. Na Italia a *spagnoletta* — o cigarro vulgar — é um habito, em que ninguem repara, ao vê-lo, em publico, na bocca das senhoras. Em toda a Italia, os encontrei ardendo, descarados e successivos, em salões, e até na tranquillidade d'aposentos familiares.

Conheci, por exemplo, em Milão, uma honestissima

senhora, mãe de tres filhos, que, por varias vezes, me pediu lume, deante do marido — que, era o mais interesante, não fumava.

Visitando a Sicilia, aconteceu-me um caso, cuja authenticidade juro, e que não receio contar, porque a galanteria o absolve.

Levava no bolso, quando cheguei a Palermo, uma optima apresentação para uma das pessoas gradas da linda capital. Era um sabbado. Entreguei-a, numa recepção affectuosissima, e recebi convite para um passeio no dia seguinte. O novo amigo, nesse domingo, levou-me, em sua carruagem, até á *Favorita*, uma magnifica vivenda dos reis, ao sopé de Monte Pellegrino, na margem do golpho maravilhoso. Entre arvores e encantos, fiz todo o giro da aristocracia palermitana — que alli se reune preferidamente. Empallideceu a tarde, e o novo amigo aprazou-me para ir jantar com a familia que o esperava, num campestre restaurante fronteiro ao parque, e que concorridamente regorgitava.

Com venias e gorgetas arranjaram-nos uma meza, e jantei — um indescriptivel jantar siciliano — em companhia do meu novo amigo, dos filhos, da esposa e de duas cunhadas, uma das quaes já dobrara o cabo dos quarenta, e das quaes a outra, muito nova, vestida d'encarnado, era um loiro prodigio de alegre formosura. Comi com esse avariado appetite, que dá a presença de uma mulher bonita.

Ao café, puxei da cigarreira, e ia pedir licença, quando o meu amigo, surprehendentemente, me diz : Póde offerecer.

Encavaquei — asseguro-vos; córei talvez, e, servindo-me d'um cigarro, ia recolher o estojo, quando

a mulher d'elle confirma : Parece que ficou confuso. Póde offerecer. Eu não fumo, mas minhas irmãs acceitam.

Tremulo, estendi a cigarreira. As duas damas acceitaram, e o petiz, olhando o pae que consentiu, tirou tambem.

Escrupuloso entendi fazer um aviso. O meu tabaco era do mais forte, e eu não queria sujeita-las a uma nausea. O meu amigo egualmente, prudente, interveiu : Cuidado !

Não havia duvida. Estavam muito habituadas — e forneci-lhes phosphoros. A matrona ingeriu com facilidade o fumo, á primeira golada, mas o loiro primor, já rosado, córou mais. Ainda lhe repliquei, que deixasse o cigarro, que não levasse tão longe a delicadeza, mas, qual historia, fumou-o todo, córando mais, mais loira, e mais bonita. Nunca vi arder faulhas mais doiradas em labios mais ardentes, e nunca — isso devo confessa-lo — fumei o meu cigarro com tanto prazer, lembrando-me, não sei porquê do verso de Musset :

C'est vous qui me disiez qu'il faut aimer ainsi.

***

Afinal, essa questão da cigarrilha para a mulher, é um d'esses ridiculos, insensatos pruridos do feminismo.

Faz lembrar aquelle atrapalhado feminista, que, ha pouco, pedia numa gazeta da provincia esta enormidade, contra que protesto : o nivelamento da mulher...

Pois se o que ella tem de mais precioso, são, exacta e triumphalmente, os seus desniveis — o seio alto, a anca redonda, a curva sinuosa da sua linha, sobre que a mão deve vogar, como em crespas ondas macias. Nivelar a mulher! mas seria destrui-la. Sujeita-la a uma regua, aplaina-la, era peor que canalizar o sol, porque a mulher, na alma e no corpo, é essencialmente a curva — que só um compasso mede bem, o dos braços do homem, ao confuso torvello do beijo — a mais curva das superficies. Se ella é, privilegiadamente, a discipula da flor, em que uma recta é tão rara, que a propria arrogancia direita do pedunculo, se verga para morrer, ou para se entregar...

***

De resto, a mulher é amor — a virtude — e o cigarro é o vicio, O seu maximo prazer é o beijo, e á suprema frescura dos seus labios deve repugnar a tostante combustão. Fumar será o nosso direito, mas beijar é o seu dever. Entre o beijo e o fumo, o mais empedernido fumador não hesitaria; mesmo, porque nós, com o cigarro, não fazemos mais do que entreter a saudade do vosso beijo.

Lembrae-vos que para fumar basta ser homem, e para saber beijar, é preciso ser mulher. Por isso, senhoras, apagae o cigarro, e accendei o beijo...

1907. Dezembro 15.

IV

DOMINÓ LOIRO

Carnaval — Ave carne! — grita-o o calendario, abrindo uma gargalhada de prenuncio, nesta manhã immaculada, sob as azas luminosas do sol doirado.

Carnaval — a velha palavra toda luxuriosa, amiga d'Erasmo, que outrora soava para escravos como uma divina hora de liberdade, arrastando os seus seculos de folia e volupia, bate ainda como um diadema de guizos as suas syllabas alegres a nossos ouvidos avidos de escravos irremiveis da carne, da linda carne, senhora nossa.

Carnaval — com palpitações cariciosas, volta aos labios das mulheres, que o bemdizem como a maxima opportunidade do sorriso liberrimo, do franco galanteio, das offertas cheias de intenção, em que ninguem repara no emtanto.

Carnaval — nasce fresco, incerto, novo, nas boccas das creanças, anciosas de dizerem a primeira falsidade, de gozarem a mentira — que o homem tanto preza: da do amor á da morte.

Carnaval — gritam provocantes nos muros da cidade os seus cartazes de orgia.

O prazer vence : reina a mulher. A terra é toda sua. Ephemera soberana, impõe seus attributos : é o throno um leito perfumado, e a corôa o fecho de dois braços : o sceptro é uma flor de duas hastes, e o palacio um coração sob a cupula branca d'um seio turgido; cortezãos são seus desejos, e as redeas do governo cabellos frageis que ninguem parte; o seu exercito fiel é invencivel : são caricias; e aos mais remotos mares da paixão, chegam suas caravellas, os beijos, com seu voluvel estandarte, o capricho.

Eil-as que vêm as bacchantes. Evohé! A bacchanal triumpha. Passa, sob um ceu esquecido de pureza, o alvoroçante cortejo dos sorrisos e dos vicios. Ha labios mais rubros e quentes do que labaros de purpura a um sol de agosto; em bando enorme voam sobre elle legiões de beijos; cabellos desennastrados palpitam loucos á viração, como girandolas de oiro ou negros maranhos de algas seccas.

Carnaval — *carnelevamen* : refrigerio da carne. *Carnevale*, dizem os italianos : viva a carne! *Carnestolendas* : regosijo dos corpos, chamam-lhe os hespanhoes. Entrudo, dizemos nós : *introibo ad altarem tripudii...*

Baccho e Venus dão-se as mãos : o vinho excita o sangue, e a carne exalta o vinho.

Carnaval — Ave carne, argilla da vida!

Carnaval : *Sursum corpora!* — eterna formula da eterna fórma.

***

Descuidoso da festa, apoz o doce trabalho de escrever seus sonhos, seguia o poeta, inquieto, ruminando uma rima para logo offertar á sua amada, que sobejamente o reconciliaria com a esturdia ambiente, ao dar-lhe, na deliciosa escuridão dos seus olhos brilhantes, a mascarada mais buliçosa e viva dos seus desejos.

Aos agitados desengonços dos bailes tumultuosos, fa-los-hiam esquecer a farandula magistral dos sorrisos d'ella e essas entonações suaves do seu rosto feliz, que, não interessando a bocca e evitando os olhos, eram primorosos geitos da face, para que nem ainda o poeta, que os adorava em extasis, achara palavra que os desse a perceber.

Absorto na preoccupação do verso, e na antevisão do beijo appetecido, que para elle equivalia toda a arte, o poeta seguia descuidoso por entre a turbamulta chocarreira e mascarada das ruas, porfiando no termo, que dissesse, mal ao menos, aquellas magicas inflexões da face da amada, que não eram sorriso, pois não chegavam á bocca, nem olhar, porque lhe não alteravam as pupillas.

Pensava o poeta em como a physionomia da mulher está mal estudada, pois apenas dois gestos se lhe attribuem : olhar e sorrir; em como, principalmente quando se ama, só lhe podemos citar do rosto

predilecto, os olhos, gemeas capitaes da promessa, a enseada desejosa da bocca, o angulo voluptuoso do nariz, e, quando muito, como remoinhos em mar perigoso, as covinhas do riso, ou as balisas dos signaes. No resto, todo esse oceano, vivida toalha de beijos, que oscilla e freme e seduz, das sob-palpebras á raiz do collo e torvelinha nas orelhas, esgueirando-se para o estuario admiravel da nuca, é apenas conhecido como o alto mar, em que só os gráos conseguem delimitar um ponto, com um nome unico: o rosto. E dizia o poeta a sós comsigo:

— Se a mulher amada, como o oiro em pó, se estima miudamente, na menor minucia, porque não inventar mais termos para o seu corpo e para o seu gesto? Se eu medir a beijos a distancia que lhe vae da orelha ao angulo cilial, fico absolutamente incapaz de dizer depois o caminho que a minha bocca seguiu, se não tiver ante mim a mesma face, para nella apontar, como num atlas, o meu trajecto.

Seguia o poeta remoendo esta duvida. Enveredou por uma praça vasta, que delirava de multidão. Um theatro, jorrando luz, tragava coloridos novellos de mascaras, que, á cambiante luz dos projectores e dos disticos luminosos, mudavam de cores como visões de inferno. A um canto do largo, um magote se agglomerava curioso em torno a uns gymnastas, que se contorciam á rubra luz de uns archotes. Havia no centro, um ajardinado viçoso, onde olores insinuantes erravam vagabundos, e, sobre os bancos vasios e verdes, os arcos voltaicos entornavam o seu brilho humido e pallido.

Vendo as mulheres, que passavam de lupa afivelada, só a bocca e os olhos a descoberto, e não recon-

hecendo nenhuma, pensava o poeta no acerto da ideia que o dominava.

Procurou o mais desafogado banco da praça, e sentou-se, cogitando na indizivel expressão do rosto da querida. D'alli via bem a turba que enxameava : o casarão abrazado, devorando os rebanhos de mascaras num succeder arcoirisado, o grupo claro-escuro que applaudia os acrobatas, os pares de dominós que se formavam com estranhas affinidades de cores, aprendidas talvez em paletas, por certo em bandeiras. Um vultosinho esguio de amarello uniu-se a uma robusta figura de encarnado e, ao passarem-lhe perto, ouviu o poeta uma grande palavra hespanhola. Depois, foi uma rapariguita de azul que correu para um mocetão vestido de branco, e logo começou a entoar o fado.

Subito, como phantasma que surgisse d'encantamento, um dominó todo doirado, de loira grenha tufando a touca, se perfilou ante elle, saudando-o na antipathica voz das mascaras :

— Adeus, poeta !

— Boas noites — disse elle azedado.

— Não me conheces?

— Nem quero.

— Olha, ao menos, para mim ! — Já havia na voz do mascara um quê de ternura feminina.

O poeta olhou e transiu. Extraordinario mascara ! Em vez do ante-rosto tradiccional, trazia apenas um véo negro e tupido sobre os olhos, e outro mais espesso ainda na bocca. — Parecia um cego amordaçado.

— Quem és?

— Adivinha...

— Sei lá. Que és mulher, diz-mo a atraiçoante melodia da tua voz, que o disfarce não vence.

— Sou o demonio...

— Melhor ainda; fico com a certeza de que és mulher.

— Ha tantas !...

— Porque nunca sabem morrer a tempo.

— Bem sei : querias que morresse quando me deixaste...

— Quê? Pois eu já amei tambem um dominó?

— Já, sim; e não vias outra coisa...

— Se é verdade — dominósinho ! — senta-te aqui.

— Prompto... — E o loiro dominó sentou-se a seu lado, rutilo á luz das lampadas, como uma filha do luar.

— Bem. Agora vaes dizer-me o teu nome.

— Lá isso não : tens de adivinha-lo.

— Dá-me a tua mão.

— Queres que tire a luva? — disse o dominó, offerecendo-lha.

— Não é preciso — retorquiu o poeta, palpando-a. — Não usa anneis... E' pequena, agil, bem feita. Espera... esta mão... Rosa?

— Não.

— Dulce, talvez?

— Não.

— Sei lá... Quantas mãos pequenas tenho amado!

— Ingrato.

— Perdoa. Levanta-te... Não és Helena : era mais alta...

— Vê lá...

— Nem Rachel : és grossa demais.

— Então?...

— Talvez sejas Luiza. Anda cá, deixa-me abraçar-te, esse traje encobre-te as fórmas...

Num grande abraço, envolve-o todo o dominó na sua macia seda de oiro.

— Não; Luiza não és, a do seio alto.

— A gente muda...

— Não, não és Luiza. Fechava sempre as mãos quando abraçava.

— Para te não perder?

— Guiomar não és : porque essa amava o feno, e tu cheiras a resedá.

— Mudei de perfume, quem sabe?

— Era mais facil mudares de amante.

— Vês, não adivinhas...

— Deixa vêr o teu rosto.

— Está todo descoberto.

— Faltam os olhos e a bocca; tira essa venda e essa mordaça.

— Impossivel...

— Esses cabellos loiros que te trasbordam do capuz, não são teus : uma cilada... Se queres ser loira, tens tranças negras. De cabello preto : Esther, Amelia, Branca, Rosario... quantas, sei lá. ! Não adivinho. Deixa-me ver-te a bocca.

— Não

— Fecho os olhos e dás-me um beijo, queres? De certo na lembrança, o teu beijo existe; a memoria da carne é mais fiel que a do espirito.

— Bem, seja; mas hei de vendar-te com as mãos.

— Pois sim...

O loiro dominó, erguendo as duas mãos enluvadas, pousa-as no rosto do poeta, sobre os olhos,

e numa caricia languida e persistente oscula-o com paixão na cega bocca.

— Maria, Maria. Pois és tu Maria?

— Toda tua, como sempre.

— Ha faces semelhantes, olhos parecidos, boccas gemeas : dois beijos eguaes, porem, não existem, e só tu, loira, linda e boa, sabes assim requinta-lo, enchendo esse mysterio de melodia, de sabor, e de perfume.

1908. Fevereiro 23.

V

FEMININISMOS

A mulher — o ser divino — sempre teve, e bem a mereceu, em todos os povos e epochas, fama de falladora. Creio mesmo que as proprias colonias de surdos-mudos lhe dispensam, sem reluctancia, tal conceito.

Agora, porem, deixando a doce algaravia intima e incessante, a grande, gentil tagarella fez-se oradora, com ameaças á sensibilidade dos nossos tympanos, mil vezes inferior á activissima resistencia de suas guelas.

Alma enthusiasta de arrebato, arrastando eternamente comsigo, como uma trança comprida, o exaggero, desde que se metteu a oradora, a mulher tem orado muito, tem orado immenso, implacavelmente, infatigadamente.

Na Allemanha, parece que as mulheres se vão encarregar de doutrinar do pulpito abaixo nas egrejas : no que se me não deparam inconvenientes, pois que os padres já nos acostumaram ás saias...

E' incrivel o tempo que a mulher levou a descobrir uma profissão condizente com a sua assombrosa faculdade de fallar. O papel oratorio, comtudo, foi-

lhe talhado desde o berço. O discurso é o seu destino.

Fallar, fallar muito, fallar sempre; fallar a proposito de tudo e — o que é mais admiravel ainda — a proposito de nada; ter entre os dentes promptas opiniões sobre o mais desconhecido assumpto; nos labios a sabedoria de todas as artes; no palato o julgamento de todas as sciencias; na lingua a mais espontanea das forças; e na saliva o mais perenne dos mananciaes; são os dotes, exuberantes e magnificos, que as feministas de combate, os quasi-homens de saias, estupendamente aproveitam.

Deus, ao crear Eva, resolveu o problema do motu-continuo, dando-lhe lingua, essa irrequieta arma que venceu Adão.

Dentro de alguns annos, é possivel que a oratoria esteja monopolizada pelas aguerridas feministas, que, depois de realizarem os mais concorridos e inuteis congressos do suffragio, do divorcio, da emancipação e do juizo do homem, convocarão, para não deixarem de fallar, o congresso do dedal, a conferencia dos ovos cosidos, o comicio dos botões de ceroula, até que reunam o magno parlamento dos alfinetes.

Não lhes quero nenhum mal, a essas barulhentas e ingenuas creaturas, que andam por todo esse mundo, de bocca aberta e lingua de fóra, sedentissimas de justiça e egualdade.

A mulher ha de ser egual ao homem, promettem ellas, com a mais sincera das boas fés, e eu, que me não atrevo a duvidar, limito-me a desejar que isso aconteça o mais tarde possivel, pois vae ser depois muito difficil conhecer se as creanças, que talvez não nasçam, são menino ou menina...

Compartilho um bocado a bella exclamação d'aquelle espectador citado por Maupassant, que, ao ouvir um orador feminista affirmar : « é pequenissima a differença que distingue o homem da mulher », berrou convicto :

— *Hurrah pour la petite différence!*

Sabem os senhores melhor do que eu a serie infinita de regalias e direitos, que, com torrenciaes catadupas de eloquencia diluvial, a mulher tem verbosissimamente reivindicado. Querem o voto, a cathedra, o pulpito, o municipio, o senado, a tribuna, depois de terem conseguido a boleia; porque, afinal, ellas parecem só pretender logares sentados, e talvez por isso ainda não pediram para serem guardas-nocturnos, sentinellas ou estatuas...

Eu, condescendentemente, respeitaria, como respeito já, certas exigencias feministas de creaturas intelligentes, que são, portanto, opiniões sem sexo, muito respeitaveis, mas, para bem das chronicas alegres, não são essas as que mais impellem as modernas correntes.

O feminismo, que poderia ser um movimento serio e fecundo, não passa, na maioria dos casos, de um fecundo movimento humoristico, incapaz de desviar uma pedra do existente de seu logar, mas apto para rebentar um solido cóz.

Bom feminismo fez, por exemplo, a imperatriz da China, esse mythologico mysterio, convidando os seus subditos a abandonarem o barbaro costume de atrophiar os pés das filhas, o que é realmente uma incomprehensivel galanteria de rabicho.

Com esse conselho, ganhou a veneranda e poderosa chineza a palma a M^lle^ Laloé, a candidata de que

Paris tanto se tem occupado, e cuja sensacional declaração foi a de que ao sahir do lyceu não sabia distinguir uma cenoura de um nabo.

Parece que, anciosa de conhecer a fundo os legumes, ella se propoz para conselheiro municipal, como se tal cathegoria implicasse um curso de hortaliças, que são afinal sciencias que se aprendem no prato.

Se bem que lastime a penuria alimenticia de M^lle Laloé durante os seus annos de infancia, já veem que não posso levar a serio uma pretendente cuja unica ambição deve ser a sopa á Juliana..

Apezar de ter sempre fallado pelos cotovellos, decide-se agora a mulher a dizer tudo, a provar-nos a sua superioridade social e historica. Ouviremos qualquer dia que foi ella que descobriu a America ou a polvora, que Luiz de Camões era Luiza, e Dante pertencia ao sexo fraco, que ha de o feminismo acabar por demonstrar que é o nosso, pois, se nós descortinámos o oceano, ellas inventaram a canja, esse saboroso oceano com arroz...

De cruzada em cruzada, e barulho em barulho, a mulher, a cujo lado sempre desejaria estar, conseguirá tudo o que pede, todas as suas reclamações terão favoravel despacho, porque conseguir é o seu premio e a sua arte.

Quando ellas conseguirem ser eleitas nos parlamentos, é de prever que se terá de decuplicar o numero dos deputados masculinos, porque em tão boa companhia todos havemos de querer collaborar com as *mães da patria*. Não acontecerá nada de mal, porque tudo se reduz, como dizia um escriptor italiano, ao seguinte : « Em vez de se dormir juntos só na cama, dormir-se-ha tambem juntos na Camara... »

***

Copiando ainda um outro escriptor, apura-se que « a mulher póde ser revoluccionaria de dois modos: o feminismo das mulheres feias aspira sobretudo a compartilhar as semsaborias politicas e civis da humanidade masculina; o outro feminismo, o das mulheres bonitas, pretende saccudir o jugo da velha moral. O primeiro prefere a *toilette* incolor, deselegante; o outro torna-a vaporosa, e, por amor da liberdade, licenciosa. »

A este respeito, deu-nos o femininismo galante, para o differenciar do outro, que é o feminismo trombudo, um sensacional caso do dia europeu, motivado pelo fresco traje de certas senhoras, que costumam ser universalmente casos da noite.

O fallado acontecimento foi a apparição d'aquellas tres parisienses, muito atrevidas e pouco vestidas, que, contractadas para o escandalo, se apresentaram em Longchamps com trajes cingidos de mais, abertos de mais e discretos de menos. Todos os jornaes se lhes referiram, com censura ou elogio, e a todas as revistas mereceram a honra da photographia.

Foi em Paris, no Hippodromo, entre cavallos e *jockeys*, que a moda, a sempre tola, representou mais este desenfadonho acto da sua divertida comedia, e foi sobre um cavallo, em Londres, que uma amazona do circo, numa manhã de Hyde-Park, entendeu

alarmar tambem a pudica opinião britannica, apresentando-se de vestido fendido e perna á mostra, com grave espanto de um ministro inglez que passava.

E' symptomatica a escolha d'esses locaes para exhibições revoluccionarias dos novos caprichos femininos. Dir-se-hia que a moda futura sahirá do circo, de onde alliaz, em tempos bem remotos, sahiu, bem maculada, a bysantina esposa de Justiniano.

Antes d'essa magna questão dos vestidos, mal chamados á grega, que volta e meia se renova com interessante periodicidade, houve em França um outro grande debate, quasi do mesmo genero, sobre a excessiva pouca roupa de certas figurantes de certos theatros.

A pedido de um senador teimoso e calvo, prohibiu-se a carnal revelação, impondo-se-lhe um veu ou exigindo-se-lhe malha de seda. Nessa importante discussão que se generalizou a numerosas publicações, e em que os maiores nomes litterarios da França vieram a lume, nada se apurou de definitivo, se bem que se possam considerar como media das opiniões estes dizeres de Anatole France :

« O nú, em quaesquer condições, é menos obsceno do que o *maillot*. Seja como for, o legislador não deve metter o bedelho em tão delicado assumpto. E' ao publico que compete pronunciar-se. A moral absoluta não existe, e o gosto do publico deve ser soberano. Por que razão ha de o legislador achar obscena uma exhibição que não offende ninguem, contra a qual ninguem protestou? »

Não concordo inteiramente com a brilhante argumentação do lapidario celebre, que não impediu que

o governo francez seguisse o conselho de Bérenger — o marechal do pudor.

Todas essas questões de moda e carne, ultimamente amiudadas, parece quererem empurrar-nos para o Directorio, quando Kotzebue escrevia nos seus *Souvenirs de Paris* : « Uma parisiense precisa, pelo menos, de sessenta e cinco cabelleiras, outros tantos pares de sapatos, seiscentos vestidos e doze camisas. » A moda, como se sabe, havia abolido a camisa...

Afinal, os exaggeros do femininismo galante e os abusos do trombudo feminismo encontram-se num ponto : no ridiculo que os cobre; pois tão exotico é, para a mulher, o desejo do voto como o desejo do nú; são ambos anti-naturaes.

E concluirei com Ernest la Jeunesse : « Phrynéa já não existe — e não póde jámais existir. Vinte seculos, para mais que não para menos, de miseria, de vicissitudes, de vestuario, pezaram sobre nós desde os seculos triumphaes da Graça e da Belleza, de Phidias e de Praxiteles ! Quero o nú, sim, mas já o não ha : as mulheres já não sabem estar nuas. Mais ainda, ja não ha mulheres nuas. »

Será essa a verdade, para todos os que não confundam a carne com a arte...

1908. Maio 31.

VI

CASAL D'ARCHEOLOGOS

A amabilidade de um amigo, demasiadamente fiado nos meus escassos dotes de *cicerone*, levou-me a conhecer, na manhã de hontem, radiosa e tepida, duas individualidades da archeologia e das lettras francezas, casadas uma com a outra : Marcel Dieulafoy e Jane Dieulafoy (*née* Magre) — o notavel escavador de Susa e a amena contadeira da Persia, ambos hoje enthusiastas da Hespanha, a cuja vida e arte dedicaram já alguns recommendaveis volumes, que brevemente terão seguimento.

Vieram agora, á pressa, quasi de fugida, visitar, em algumas cidades portuguezas, alguns quadros discutidissimos de antigos pintores ignorados, sobre que peza ainda, espessa como um negrume, tentadora como uma sombra mysteriosa, a duvida mais incerta e inaclaravel.

Naturalmente que se não limitaram a estudar só taes quadros, o que não seria, de modo nenhum, tempo perdido; viram tambem outras artes, todas as que lhes mostraram ou elles descobriram, certos monumentos, varios museus, muitas ruas, muitas casas e muitos panoramas d'esta patria do sul, essen-

cialmente panoramica pela distancia dos povoados e seu primoroso relevo.

Dieulafoy propõe-se, com a sua alta competencia e os seus cincoenta annos de estudo aturado, illuminar com lucidez criteriosa o assumpto interessante da escola portugueza de pintura nos seculos XV e XVI, que é, de todos os problemas da historia d'essa especialidade, um dos mais arduos, e talvez, desconfio bem, dada a falta de documentos, em grande parte destruidos e extraviados, aquelle que mais difficilmente se conseguirá esclarecer, pois não é licito, no presente estado da questão, suppô-lo resoluvel.

E' esse um escabrosissimo e afundavel terreno, onde se podem cravar, como estacas vacillantes, conjecturas mais ou menos verosimeis, phantasias menos ou mais plausiveis, mas que torna, por emquanto, impossivel a construcção segura e irremovivel de bem cimentados alicerces.

Em pintura, como em architectura, como em esculptura, profundando bem, não se encontrará uma escola em todo o significado, á excepção, ainda vaga, da formosa renascença coimbrã. Encontraremos sempre derivações, maneiras estranhas, lições de alguem de fóra, exemplos de algures, episodios felizes, como o manuelino, modos de ser alheios, influencias bem recebidas, de accordo, ás vezes mesmo estupendamente assimiladas — jámais um movimento proprio ou um periodo original, que mandem abrir um capitulo novo na chronica da arte, como mandaram os flamengos, os italianos, os francezes ou os arabes.

Não é, porem, meu intento modesto dissertar sobre a antiga arte portugueza, para o que a erudicção

soberanamente me faltaria; quero, apenas, entreter-vos com a nossa romagem de hontem, e com esse casal sympathico e cultissimo dos Dieulafoy. Vamos, pois, ao ameno caso da manhã gentil.

***

Os Dieulafoy, que, hontem mesmo á tarde, partiram para Evora, hospedavam-se no Hotel Central, e quando lá chegámos, o sabio evocador do ***Rei David***, já na rua, passeava vagaroso, de machina photographica a tiracollo, olhando a matutina azafama do caes e o bellissimo esmalte do Tejo. E' uma figura vigorosa de velho, despretenciosamente vestido, com maneiras affaveis, olhos insinuantes atravez das lunetas, cuidada barba em bico, onde raros fios loiros se intromettem, e a roseta de official da Legião na lapella.

Acompanha-nos um seu velho amigo, funccionario portuguez em Inglaterra, companheiro querido de Eça de Queiroz, e um dos mais eleitos e elegantes espiritos que eu conheço.

Ha as apresentações. Dieulafoy annuncia que ***Madame va descendre***, e á porta apparece um desconcertante vulto, vestido de homem, baixinho, roliço, balanceado, que elle nos apresenta como sua mulher.

Invade-me o espanto mais grosseiro, receio não ter ouvido bem, e, muito indeciso no tratamento que

lhe havia de dar, aperto a mão pequena d'esse risonho e imberbe velhote, a que chamo *Madame!*

Logo confidencialmente inquiro do meu amigo, ao subirmos para o seu automovel, se realmente aquelle desbarbado companheiro é senhora? Sim senhor, tudo o que ha de mais senhora, e tão virtuosa e dedicada esposa, que traduziu, com premio da Academia, *La Perfecta Casada* de Fray Luis de Léon.

Dissipada a surpreza, lembro-me de que em tempos vira algumas suas photographias em traje masculino, e que ella o adopta officialmente para todos os effeitos, decorado com a fitinha de honra, mui merecida.

No acolchoado vehiculo, estabelece-se uma agradabilissima conversa, que, é curioso, começou por commentar a musica popular portugueza, que os Dieulafoy tinham na vespera ouvido com extraordinario encanto.

Madame Dieulafoy, de olhar vivissimo e rosto levemente pennugento, apparece de chofre mulher e artista : falla mais que o marido, e a sua voz fina, a entoação macia, o gesto meudo da mão delicada, acompanhando o colorido imaginoso do seu dizer, entram de estabelecer aberta contradicção com as suas calças compridas.

Calada, é quasi um homem — um garoto que tivesse envelhecido pensando no bigode ausente — se bem seja já quasi mulher no arqueado do collete, no relevo inferior e abundante do casaco, e no sensivel vasio de umas botas folgadamente amplas. A fallar, é mulher de todo — uma mulher attenuada, é de prever, pelo estudo e pelas predilecções — na viva-

cidade da réplica, no sorriso meio maldoso, e na infirmeza do passo.

A historia das calças de Madame Dieulafoy é muito typica e interessante, para que se passe em silencio.

Como sabem, ou vão saber, o engenheiro Dieulafoy, filho do popular auctor dramatico do mesmo nome e hoje secretario geral da *Société Française des Fouilles Archéologiques*, foi, em 1881, encarregado da missão archeologica da Persia, onde emprehendeu, principalmente em Susa, a capital dos Ataxerxes, tres campanhas notaveis com crescente e assignalado exito. Foi obra sua a descoberta do magnifico *Apadana*, o palacio de Dario, cujos frisos perfeitos temos nós todos admirado no Louvre, ou em reproducções.

E' muito facil ir a Paris admirar, entre uma noite de mulheres, em qualquer café ou theatro, e uma tarde de cavallos, e ainda de mulheres, em Longchamps ou Auteuil, preciosos fragmentos da Persia distante, mas difficilimo é ir disputar a essas terras, eivadas dos odios de crença e de raça, qualquer minima parcella de seus mortos dominios. As missões que chegam com tal designio, são, alem de malqueridas, hostilizadas. Não sómente tropeçam com toda a casta de difficuldades: têm tambem de defender-se do odio de todas as castas.

Foi isso o que aconteceu á missão franceza de Dieulafoy, depois substituido por Morgan, e essa é a heroica explicação plausivel das calças de sua mulher. Tendo, companheira inseparavel, de acompanhar o marido durante todos esses perigosos tempos, ella adoptou como defeza mais commoda o trajə

masculino, que lhe trouxe em taes paragens compensadoras facilidades.

Encerrado o cyclo das suas investigações no Oriente — conta ella... — pretendeu voltar ao seu antigo guarda-roupa feminil. Mas qual historia!

O vestido confrangia-a, a saia atrapalhava-a *énormement*, perdera-lhe os movimentos, não a entendia. Tropeçava a cada passo, e cada degrau punha em riscos a sua bem ganha vida de descobridora de acropoles. Vendo baldada a tentativa, renunciou a ella, despiu para sempre a ultima saia, cortou de novo o cabello, encommendou sapatos com o dobro do seu pé, arranjou roupa no alfayate do marido, comprou uma corrente e um relogio de homem, e desde esse momento de renuncia, passou a copiar o nosso andar, sinceramente desgostosa — creio eu — de que o peito se lhe não summa de todo, e de que o bojo se não esqueça da edade que tem.

Parece que uma dama que se decide a ser homem devia trazer para o seu novo modo de vestir o amor do traje, innato no seu sexo. Esta senhora, das mais illustres, desdiz tal supposição : veste com muito descuido, com pouquissimo apuro — é um homem muito simples, em pessoa de mulher...

Com a annuencia immediata que se deve aos desejos de tão preclara notabilidade, consentiu-lhe a policia de Paris o *travesti* — e, por isso, eu hontem tremia ante a ideia da policia de Lisboa discordar de tal licença, e obrigar a respeitabilissima visitante a integrar-se no papel de Jane.

Felizmente nada de desagradavel se passou, e só temos que agradecer, em seu nome, o esplendido acolhimento que em toda a parte nos quizeram prestar.

***

Devia talvez agora contar-vos a nossa peregrinação, começada ante a porta rendilhada da Conceição Velha e concluida no Museu de Artilharia, onde Columbano vence em pintura todos os outros. A parte mais essencial e motivadora d'essa nossa manhã foi, porem, constituida pelos notabilissimos e quasi desconhecidos quadros primitivos do Patriarchado, onde entre outros se exhibe o authentico retrato do Infante Dom Henrique. Mas como narrar essa interessante parte do nosso percurso, seria publicar antecipadamente as valiosas opiniões do futuro livro de Dieulafoy — traição de que me não sinto capaz — pois que não fizeram segredo d'ellas, por aqui me fico esperando um dia em que possa noticiar-vos o conteudo d'essa obra, por certo magistral.

1908. Maio 23.

VII

OS SEGREDOS DA TERRA

Nossa mãe bemdita — a terra fecunda — que envelhece remoçando-se, guarda em seu seio opulento segredos e thesouros cubiçaveis, sem conta; mas ha, em seu corpo rotundo e inquieto, uma região de lembranças sobre todas riquissima. E' a privilegiada zona do Mediterraneo, que, tendo sido o primeiro sangue da civilisação, fundou alli o coração do mundo.

Essas terras hoje mortas, abandonadas, que nem as roseiras buscam, nem os homens preferem, albergam soturna e mysteriosa uma vida formosissima. Passos famosos de todo desappareceram sob o impiedoso vendaval do esquecimento, mas no seu fundo ellas guardam nomes e obras, nomes que nos podem dar sciencia, obras que nos trarão a felicidade.

Catastrophes e guerras sepultaram, sem vestigios, milhares de obras primas. A terra, porem, privada de flores que as recebeu, dir-se-hia que amoravel as tratou como ás raizes, e que esses blócos, julgados perdidos, vêm lentamente, como estranhas flores

de pedra ou de bronze, caminhando, ascendendo da cova escura ao sol radioso.

Assim, a acreditar varias gazetas estrangeiras, duas novas rosas floriram no horto florido da antiguidade, duas Venus : uma na Laconia e outra na Syria : a Venus de Malvasia e a Venus de Sydon.

D'esta occupou-se, ha dias, um jornal inglez — *The Evening Standard* — publicando uma carta, sensacional e anonyma, d'um engenheiro londrino, que poderosamente interessou o mundo culto.

Segundo tal documento, parece que a terra e a arte podem orgulhar-se de possuir mais uma Venus authentica, e de poder contemplar, num novo modelo resurgido, a perfeição deslumbrante da Grecia maravilhosa.

Nos fins de 1898 — assevera o informador — uns operarios que procediam a excavações no recinto da antiga cidade de Sydon — mãe das capitaes phenicias — descobriram, quasi á superficie do solo, um blóco de metal, com noventa centimetros de comprido por trinta e cinco de largo, revestido de uma grossa camada oxydica. Um colleccionador italiano, avisado do caso, comprou o informe objecto por sete luizes de oiro, e encarregou o desconhecido auctor da carta que vou extractando, de o restaurar convenientemente.

Apoz a demorada operação, surgiu, inteirinha e muito linda, uma Venus. A estatua é de bronze, e mede a altura exacta de sessenta centimetros. Ao vê-la, o, tambem desconhecido, amador italiano, garantiu que se tratava do original da Venus de Milo, sendo, portanto, a estatua do Louvre uma sua copia ampliada. Nem mais, nem menos !

A estatua representa Venus, tendo aos pés um Cupido de azas abertas. O braço direito da deusa poisa numa caricia sobre a cabeça de Cupido, e o outro pende até tocar a tunica um pouco abaixo do quadril divino.

O actual proprietario do precioso bronze é um rico collecionador, e declarou já, por varias vezes, não consentir em desfazer-se d'elle.

A outra estatua recem-descoberta — a Venus de Malvasia — é-nos indicada pelo *Figaro*, e ainda por uma revista de Londres, que summariamente a descrevem, como aguentando numa das mãos um espelho, e segurando com a outra a veste.

Não se póde attribuir a um erro de informação a simultaneidade d'essas duas noticias, pois que á suspeita de um vulgar erro geographico, sobre o local do encontro, se oppõem as diversissimas attitudes das estatuetas. De resto, como o descobrimento da primeira se reporta a 1898, e dado que ainda se não disse, que eu saiba, a data da segunda, e estamos portanto a dez annos de distancia, não seria, sabido o afan moderno da procura, incrivel que tivessemos uma Venus nova cada cinco annos.

Serão uma verdade tão preciosos achados? Tratar-se-ha, apenas, de uma mystificação vulgar de falsificadores?

O facto de taes estatuas, ainda não divulgadas, segundo creio, em nenhuma reproducção, serem apresentadas já perfeitamente limpas e restauradas, cerceia um tanto os recursos que a archeologia melhor apetrechada possue para esses melindrosissimos reconhecimentos. O *burlismo* artistico dispõe hoje de aperfeiçoadissimos meios de

engano, e como a imaginação dos burladores é infinita, infinita a boa fé dos sabios, e sempre limitados os conhecimentos dos apreciadores, razão de sobra ha para pôr de quarentena as palpitantes noticias, se bem que nada de inverosimil tenha que, nuns terrenos das patrias velhas, surgissem, por um acaso sempre velho, dos mysterios do velho solo, as graças sempre novas de uma deusa antiga.

Supponhamos, por isso, condicionalmente que tal aconteceu, e que na mutilada galeria magnifica das Venus, mais duas surgiram intactas : a Venus de Sydon e a Venus de Malvasia.

Para as saudar, deixae ouvir as palavras luminosas do luminoso hymno do cego Homero á deusa luminosa :

« Voando vae a Chypre e dentro do templo mergulha aromatica. Voando chega a Paphos, onde possue num templo uma ara fragrante. Abre de par em par as portas lucillantes, e as Carides, que a esperam, lavam-lhe por suas mãos o corpo bello : ungem-no do eterno balsamo, que escorre do corpo immortal dos deuses, e tem o perfume embriagante da meiga ambrosia suave. A deusa, doce e risonha, rescende balsamica. E' toda, agora, aroma e perfume; e coberta de vestes maravilhosas, adornada de braceletes de oiro, e olorosa, deixa Chypre, rescendente, e para Troya, voando, capitosa, se dirige.

« Sulcando, perfumada, as nuvens, voando, alcança a Ida, mãe de rios numerosos e de feras. Ligeira, cheirosa, ganha o monte; seguem-na os lobos fulvos e os leões, cujos olhos dizem ferocidade, os leopardos velozes e os ursos, a que a deusa, aromada, inspira branda doçura... »

A identidade de Homero nunca se chegou, e talvez nunca se chegue a apurar. A opinião mais auctorisada é a de que elle nunca existiu como poeta, e foi apenas um rhapsodo, que de terra em terra cantava os feitos da sua raça.

O trecho que profanadoramente traduzi, e é uma maravilhosa poesia, documenta melhor que todos os estudos a sua existencia de auctor. Só um cego genial e immorredouro conseguiria dar tal impressão de belleza com duas notas, que ainda mesmo a nossos olhos modernos escapariam : o perfume e o vôo. Não sei de melhor contribuição para a psychologia dos cegos, no tocante á belleza da fórma. Privados da visão, seu principal instrumento, recorrem, e é Homero que o assegura, ao olfacto e ao ouvido. Venus, que é, para nós, felizes, a deusa da fórma, é para elles, sem vista, a deusa do perfume e do ruido suave; porque preciso é notar que esse vôo continuo a que o poeta se refere, não é um movimento, mas sim uma canção. Não podendo ver a belleza, o cego viu-a como o olor de todos os olores, como a mais macia das maciezas : o vôo de uma ave — em que nós distinguimos a attitude e a cor, e distinguem elles o som.

Que deliciosa lisonja essa para a amante de um cego : cheirar melhor que a flor, voar melhor do que as azas !...

***

Com estas duas estatuetas, renasce o problema, tantas vezes renascido e esquecido, da attitude da

Venus de Milo. Como estaria quando o esculptor a idealizou! Que fariam seus braços?

Já disse que o possuidor da Venus de Sydon pretende que ella é o original da celeberrima Venus do Louvre. Egual pretenção alimenta o conservador do Museu Nacional de Athenas, com respeito á Venus de Malvasia.

Não quero entrar aqui na seria discussão que o assumpto provoca, primeiro, porque escrevo para um jornal, e sei reconhecer as justas exigencias dos seus leitores, segundo, porque não sou archeologo, e me prezo, por conseguinte, de ser, apezar de todos os apezares, menos enfadonho.

Restaurar ou, por outra, completar a Venus de Milo tem sido, para quasi todas as gerações que a conheceram, uma sincera aspiração.

Ella é a summula bella de toda a belleza feminil, e, comtudo, faltam-lhe duas armas imprescindiveis, macias e generosas da caricia, os dois braços. Não tendo braços, naturalmente não tem mãos, e a mão, do pedido de casamento ao beijo de respeito, desempenha um papel importantissimo no culto á mulher.

São innumeras as soluções que nesse sentido se têm apresentado, e que eu me dispensarei de contar, porque ainda nenhuma d'ellas resolveu cabalmente o enygma. Para que quereria a Venus de Milo as suas mãos?

Nesses casos que citei, é de presumir que ellas lhe façam falta, e que ella ardentemente as tenha desejado, para corrigir a petulancia d'esses senhores, que pretendem reduzi-la á modesta cathegoria de copia ou replica das ultimamente descobertas.

Venus, apezar de ser de marmore, é mulher, e as

mulheres nunca veem com bons olhos as rivaes, e muito menos as competidoras orgulhosas. São por isso de calcular a raiva, o odio, o desespero, que a estas horas torturarão, no Louvre, o corpo delicioso da deliciosa deusa.

1908. Junho 7.

VIII

ETIQUETA PUERPERAL

O segundo, recente, parto de D. Victoria, rainha de Hespanha, póde muito bem trazer ao chronista ensejo para registrar os complicados formalismos e as supersticiosas praticas a que dá sempre logar na côrte de Madrid a real gravidez.

O nascimento de um futuro, incerto herdeiro, ou ainda problematica princeza hespanhola, provoca uma interessante mobilização de homens, santos e coisas, indigitados uns pelos cargos que occupam, outros pelas boas graças em que estão com Deus, estas pelo fascinante poder da lenda que as reveste.

Dia a dia, com o avançar do jocundo prazo, accumulam os jornaes do visinho reino curiosos verbetes para um catalogo pittoresco da pragmatica castelhana, em torno a esse berço, que, luxuoso e indifferente, aguarda, com egual pompa e quietude, o fragil somno recemnascido de uma princezinha, a predestinada agitação do sonho innocente de um monarcha de dois palmos ou a assegurada indolencia de um infante desoccupado.

Todas essas praticas esconjurantes e propiciatorios formalismos complicados, cravejados de

personalidades e reliquias, mostram o feitio muito especial e teimoso de uma côrte de arreigada scisma, onde o modernismo, com os seus brancos azulejos, poderá assenhorear-se das paredes do quarto de lavar, mas não consegue invadir a apprehensiva, ostentosa majestade da camara do *alumbramiento.*

Só esse vocabulo resume já muito de uma raça. *Alumbramiento,* em vulgar sentido, quer dizer illuminação.

Quanta facil psychologia se poderia correntemente entretecer com tão radiante palavra, applicada ao facto glorioso, que os francezes, com um ar despachado, intitulam *délivrance*, como nós antigamente diziamos livramento, e hoje, banalmente, dar á luz.

Tem um brilhante gosto de aurora *alumbramiento.* Vê-se que o povo que assim diz, ama a fecundidade, crê na luz do riso da creança. *Alumbrar* : alumiar — o que ao infecundo caracter do francez se afigura apenas uma libertação desembaraçadora.

A Hespanha cavalheiresca ama bastante todas as bellas tradicções das suas grandiosas solemnidades de outrora para não repudiar o minimo pormenor que as recorde. Affonso XIII, sendo um rei moço, não é um rei moderno, e quer na sua côrte apparatosa o fausto hierarchizado e ritualesco dos velhos tempos.

A nova rainha, educada no meio inglez, veiu tambem a isso habituada, já que a Inglaterra e a Hespanha são, em capitulo pragmatica, duas velhas respeitadoras. que excellentemente se entendem no tributo aos seus manes.

Não admira, portanto, que Victoria de Battenberg, sobrinha do rei britannico, cujo throno se ergue sobre uma lage da Escocia, e visinho ao qual o

lord-conselheiro se senta no sacco de lã dos antigos mercadores, tenha galantemente preenchido as cerimoniosas exigencias do seu acclamado papel, como rainha hespanhola, e que, ao dar á sua nação adoptiva os seus herdeiros, vá, como qualquer costureirita de Madrid, mais luxenta em seu carro armoriado, render, sobre uma almofada carmezim, o supplicante tributo á *Virgen de la Paloma.*

Do secular convivio com o catholicismo ferrenho, arranjou o hespanhol, ao sabor do seu familiarissimo caracter, um particular paraizo para cada uma das eventualidades da vida. Poucas sociedades celestiaes estarão tão bem organisadas, no que toca á distribuição de trabalho e serviços, como a do ceu hespanhol.

Ha em Hespanha santos de todos os nomes e feitios, com invocações curiosissimas para cada caso.

Por occasião do nascimento de um principe ou princeza, é de immemorial uso castelhano expor na regia alcova numerosas e potentissimas reliquias, trazidas d'aqui e d'alem. Vou dizer-vos algumas, pois muito longe me levaria a lista completa.

O mais famoso desses *talismans* de bom successo, é talvez o báculo de São Domingos de Silos. E' uma authentica muleta de resistente cypreste, encerrada numa preciosa bainha de prata rendilhada, mandada fazer por D. Juan de Velasco, condestavel de Castella. Guarda-se no mosteiro de Silos, e, em epochas mais remotas, todas as damas de Hespanha o disputavam para a hora fecunda.

Andava annos e annos de casa em casa, de palacio em palacio, com evidente perigo de extravio, até

que os solitarios monges se decidiram a não tornar a cede-lo, senão para as rainhas.

E desde então, quando num ventre real a panda esperança se enfuna, move-se do remoto convento de Silos até á capital um graduado dominicano preto e branco, ás vezes o abbade em pessoa, trazendo religiosamente em suas mãos de abstemio, até á camara das nupcias reaes, o prodigioso báculo, inspirador de fecundidades.

Outros amuletos celebres são o *Santo Niño de Gracia* e a *Santa Cinta.*

O primeiro está habitualmente na egreja do Loreto em Madrid, e toda a boa madrilena o venera contricta e esperançada, quando a lua de mel começa a ser plena.

A *Santa Cinta* — a santa fita — pertence á cathedral de Tortosa, e tem a tocante lenda de que foi tecida pela propria Virgem e deixada por ella sobre o altar-mór d'essa egreja.

Ha mais o relicario dos sagrados espinhos de Monserrat, o bastão de Santa Isabel da Hungria, o braço de S. João, que pertence ao palacio real, etc.

***

Como veem, as regias creaturas hespanholas — varões ou princezas — quando vêm ao mundo, se não estão fadadas pelas varinhas dos contos, foram, pelo menos, assistidas pelos mais poderosos ele-

mentos que o catholicismo hespanhol pode fornecer em taes apuros.

Essas creanças devem vir ao mundo escrupulosamente desenguiçadas contra todos os enguiços, mascottisadas contra todos os *Cabrions*, invulneraveis a todas as traiçoeiras emboscadas da sorte, exorcismadas contra todos os diabos do mundo...

Se em volta de seu berço se não reunem em invisivel conciliabulo as fadas ou as musas, não deixam de ajuntar-se em avultado numero, santos e bispos.

Quinze bispos, quando menos, baptisaram o primogenito na muito historica pia de S. Domingos de Gusmão.

Afinal esse realissimo innocente que o pae, o rei, vaidoso apresentou na bandeja de oiro do estylo, sobre o fundo de velludo e rendas, para depois ir occupar o brazonado berço branco e oiro e humedecer um enxoval benzido pelo papa, terá sido, na melhor occasião da sua vida, egual ao mais ignorado e miseravel filho de qualquer modesta rapariga de Lavapiés ou das Vistillas. Num unico momento, pela vida inteira, ao receber o beijo fugaz da mãe, esquecida pela alegre dor de ser rainha. Aquelle beijo inicial e triumphante que, investindo-a como mulher, a sagrou definitivamente rainha de Hespanha.

Foi de certo melhor a dita da outra creança — do filho humillimo da miserrima populã. Emquanto o principe recemnascido passeava inconsciente e resmungão, ao troar da artilharia, numa bandeja, como uma vitualha de preço, dormiria o outro, seu irmão no tempo, sob o bafo materno offegante e

carinhoso, e terão sido sempre seus esses beijos, porque a etiqueta nunca lhos virá roubar.

Pobres rainhas! Senhoras de cem povos; não donas de seus filhos.

1908. Junho 27.

IX

CYPRESTES DE ONZE LETTRAS

Quando, em 1854, Soares de Passos, esse atormentado vate, que aprendera a morte á cabeceira de seu irmão estremecido, publicava o volume das sua poesias, longe estava decerto de suppor a extraordinaria voga que, deprimindo O *Firmamento*, ia conquistar a sua ballada celebre *O Noivado do Sepulchro.*

Apaixonou todas as almas o romantico trecho; foi lido, relido, decorado, pintado, cantado, parodiado, e até dançado.

> Que paz tranquilla; dos vaivens da sorte
> Só tem descanço quem alli baixou,

tornou-se, durante annos, o estribilho mais official e obrigatorio dos sentimentaes recitativos ao piano. Fez muitas lagrimas, muitas paixões, muitas olheiras.

Que diria agora Soares de Passos, com a melancholica uncção que lhe repassava as palavras, se alguem lhe fosse ler, ao modesto jazigo do cemiterio da Lapa, no Porto, o relatorio apresentado ao

municipio de Paris pelos guardas do *Père Lachaise*, o historico cemiterio.

Que desillusão causaria ao poeta luctuoso esse documento concludente e edificante. A sua unica esperança, a derradeira illusão, dissipar-se-lhe-hiam: nem nas proprias campas ha repouso. *Os vaivens da sorte* perseguem ainda *quem alli baixou.*

Do relatorio que citei, infere-se, contra todas as presumpções, que um cemiterio não serve só para os mortos lá apodrecerem com mais ou menos apparato: os pobres em coval razo, os ricos em gaiolas de pedra; estes no frio do marmore, aquelles ao calor da terra.

Segundo as novas conclusões, o cemiterio deixa de ser apenas a morada dos mortos, para ser tambem recreio dos vivos, campo rendoso de variadas industrias, alem da do coveiro...

Evidentemente, vamos atravessando un formidavel tempo de negação, em que cada dia se encarrega de nos transtornar as ideias da vespera, em que a hora que chega annulla as opiniões da hora que passou.

E' certo que ha já muitos annos, Eugène Imbert consagrava ao *seu visinho le Père Lachaise*, estes versos:

> Gens de travail, gens de loisir,
> Que la terre soit blanche ou verte.
> Il vous accueille avec plaisir,
> Et pour tous sa porte est ouverte.

Teria o pobre poeta de convidar agora, para ser completo, *les gens du crime.*

O *Père Lachaise* que, como sabem, deve por uma

inexplicavel teimosia o seu nome ao ferrenho jesuita, confessor de Luiz XIV, é em Paris um local obrigado á visita dos estrangeiros cultos, pois, com todos os preciosos restos que guarda, constitue um admiravel pantheon ao ar livre, que convida ás ternas romagens do respeito.

Todos, de qualquer patria, temos alli um poeta preferido, um artista da nossa escolha, um sabio da nossa gratidão : seja Balzac, seja Musset, sejam Molière, Racine, La Fontaine, Ingres ou Delacroix, ou Chopin ou Lavoisier, Arago ou Gay-Lussac.

Encontram-se lá o duvidoso tumulo romantizado de Heloisa e Abelardo, e a pretendida sepultura da *dama das camelias*.

Parece, por conseguinte, que deveria ser um campo mais que os outros santo — que o mais santo é aquelle a que o coração nos prende — capaz de inspirar ao mais impio o respeito da morte.

Vou extractar do relatorio em questão as notas mais frisantes, e vereis como afinal alli campeiam o roubo e o vicio.

Infestam-no diversas cathegorias de ladrões. Uns que roubam o bronze e o latão das corôas, das cancellas, das lampadas e dos candelabros, partindo-os aos boccadinhos e escondendo-os nos bolsos. Outros, mais colleccionadores, mas não menos ladrões, por meio de um gancho adaptado á bengala, quebram os vidros dos jazigos, pescam habilidosamente jarras e lamparinas de prata ou de outro metal precioso. Ha ainda uma outra roubalheira, exercida por mulheres especialistas em furtarem as côrôas feitas de perolas de vidro, que escondem aos pedaços entre a roupa, para

depois as revenderem aos negociantes como obra sua.

Isto quanto á roubalheira. Outro ponto ha, porêm, sobre que o relatorio insiste : o da moralidade de certos visitantes, que parece deixar muito a desejar.

O cemiterio é um logar de entrevistas para os amantes e noivos sentimentaes, que mostram grande predilecção pelo tumulo de Heloisa e Abelardo. De modo que tiveram os guardas de adoptar um processo interessante. Quando vêm que o casal que, entre suspiros, arrulha, é muito creança ainda, mesmo quando se trata de um só dos pombinhos, pedem-lhes os nomes e moradas e avisam as respectivas familias. Por este systema simples, diz o relatorio, varios idyllios de collegiaes ingenuos têm sido suffocados ao nascer.

A melhor, porem, de todas as descobertas dos empregados do *Père Lachaise*, é a que se refere a certas fingidas viuvas inconsolaveis, que se poderiam denominar com emphase, mas não sem verdade, *cortezãs do lucto* ou *da dor*.

Essas sereias de cemiterio, geralmente novas e bonitas, apresentam-se vestidas de viuvas, com o negro veu pendente, e, em compungida attitude, choram ajoelhadas sobre a sepultura que melhor escolhem, sem mesmo, muitas vezes, saberem quem lá está dentro... Choram por um olho e com o outro catrapiscam os homens que passam. Escusado é dizer que tão pouco tristes viuvinhas sahem quasi sempre do cemiterio, consoladas já, pelo braço d'um homem, que certamente não é um resuscitado.

Por estas e outras, pedem os auctores do relatorio

que seja augmentado o numero de guardas do *Père Lachaise*, para que possam exercer maior fiscalização sobre os vivos, pois que os mortos, esses, parece que se portam bem...

***

Sob os cyprestes estamos, sob os cyprestes ficaremos.

Portam-se bem os mortos? Ha umas assombrosas paginas do assombroso Dostoiewski, no *Jornal d'um Escriptor*, que affirmam o contrario.

E' o quinto capitulo de 1873; intitula-se *Bobok*, e conta o caso d'um homem que, tendo ido assistir a um enterro, adormece sobre uma lage de cemiterio e começa de ouvir os mortos que alli estão enterrados a discutirem, a descomporem-se, com todas as qualidades que tiveram em vida, com todos os odios, com todos os vicios.

A prosa torturante do eslavo immortal, com um prodigioso colorido de tragedia, vae relatando-lhes as conversas em phrase incisiva, com essas phrases relampagos que illuminam e deslumbram, e que só elle forjou no seu negro e profundo ceu d'arte.

— Lá em cima, eras general, mas aqui? — Exclama uma personagem.

— Aqui, o quê? — Responde o outro.

— Aqui estás a apodrecer, como nós todos. O que póde ficar de ti? Seis botões de cobre.

Ha jogadores que continuam encarniçados a disputar as cartas; uma velha hysterica, que desejaria ter a seu lado um lindo rapaz que vem a enterrar. Um pobre chronista, *vindo* — tocante circumstancia ! — *ao mesmo tempo que o director do seu jornal,* e outros typos que Dostoiewski sepultou alli, conservando-lhes a vida.

E' uma pagina lugubre, transtornante, que só a penna poderosa d'*Os Irmãos Karamazov* conseguiu levar a cabo.

Demos que outra de egual força pudesse communicar-nos as impressões dos mortos do *Père Lachaise* sobre os vivos do mesmo cemiterio. Seria o melhor commentario ao relatorio que acima extractei, segundo outro extracto do *Daily Mail.*

***

Em Portugal, houve até ha tempos, e não sei se subsistem ainda em algumas terras, varias costumeiras que muito prejudicavam tambem a paz dos cemiterios, e que em Lisboa estão, por determinação legal, definitivamente extinctas.

Uma, era o costume de no dia dos defunctos levar farnel para o cemiterio; outra, a popularissima festa das *séstas*, que hoje se limita ás *hortas*. As *séstas* são uma festa do descanço, a seguir á Paschoa, pela qual os trabalhadores celebravam o augmento dos

dias, e, portanto, a sésta que começavam a poder gozar.

Por uma velha tradicção, era uso ir celebrar tal dia no cemiterio dos Prazeres, que se transformava num verdadeiro arraial de comedores e foliões. Baccho presidia áquelles estranhos banquetes de vivos e mortos, e dado que, dizem, o vinho dá vida a um morto, certamente se terão visto esqueletos, cambaleantes, emborcando cangirões, se bem fosse mais vulgar encontrar vivos assustados, multiplicando nos olhos esgazeados um sonhado esqueleto.

A festa estava tão encarreirada para alli, que ainda hoje as visinhanças do cemiterio são muito frequentadas en tal dia.

Perdeu-se, porem, a desrespeitosa usança, e com ella toda a razão de se chamar a esse cemiterio... dos *Prazeres*...

1908. Julho 5.

X

ESCANDALOS

Que será afinal o escandalo? Uma transgressão da ordem publica — responderá sem vacillar qualquer auctoridade. Um facto anormal, que eu me encarregarei de punir — dirá severo um magistrado. A falta de leitura da pagina numero tantos do meu livro — asseverará immediatamente aquelle depravado professor de normas sociaes. A melhor maneira de se vender toda a edição do jornal — commentará ambicioso um director. Um bello assumpto — exclamará jubilosamente um chronista, com a certeza de ser lido.

Cada cabeça arvorará sua sentença, expremerão os cerebros seu desegual conteúdo, mas ligeiro, arisco e incaçavel, esgueirar-se-ha o escandalo a todas as definições.

Frequentemente o escandalo é simplesmente a inobservancia de uma certa convenção, uma novidade que exorbita da regra commum, ás vezes, apenas, o primeiro passo numa nova senda.

Seja lá o que for, crime ou innovação, ousadia ou loucura, phantasia ou delicto, o que ninguem lhe pode negar é uma suggestiva força de attracção, que o

converte num poderoso iman, a que a curiosidade — essa bussola oscillante — não sabe resistir.

O escandalo é, até certo ponto, a alma do jornal moderno, uma das mais sinceras e declaradas paixões do leitor. E' quasi a alma de toda a litteratura, pois raro entrecho de romance deixará de ser relativamente escandaloso.

Interessa-nos sempre muito ou pouco, prende-nos, attrahe-nos e ainda que só disfarçadamente, com um olhar de soslaio, procuramos inteirar-nos d'elle. Se os profissionaes do escandalo, de que ha variadas especies, são innumeros, mais innumeros são os rebuscadores de escandalos, os pescadores d'aguas turvas, os desmascaradores. Depois, fóra d'essas, ha duas grandes cathegorias : uma que os ouve ou lê com maior ou menor indifferença outra que os lê e ouve com toda a attenção, os decora com todo o cuidado, e os divulga com toda a presteza, em salientadora ampliação.

Os escandalos são como as pedras de neve, que quanto mais rolam mais crescem. Nascem ás vezes do tamanho de uma cabeça de alfinete, e tanto se desenvolvem no caminho que chegam a obstruir a mais ampla estrada. Como a neve têm vida fugaz e brilhante; derretem-se, já esquecidos, ao sol alviçareiro da nova façanha escandalosa. Ainda como a neve, divertem quem com elles se entretem, gelam quem d'elles soffre.

Tenho hoje dois escandalos para contar-vos, muito interessantes ambos, muito typicos e — oh ! desillusão ! — muito pouco escandalosos.

São escandalos suaves. Um é um escandalo pudoroso, cor de rosa, em que as pernas de uma marqueza —

até ao joelho, descancem ! — fazem de protagonistas. O segundo é um escandalo que poderei chamar amarello, porque nelle intervem um japonez.

Comecemos pelo amarello, que diz o povo, se não fossem os maus gostos, estava perdido.

***

O nipponico em questão é Raku. Raku — e desculpem o nome, mas elle não tem outro — foi este inverno um heroe em Lisboa. Fez andar muitas cabeças á roda, como a provocante belleza de certas mulheres perigosas.

Raku é, no emtanto, muito feio. Pequeno, cor de amendoa torrada, myope, com um quasi postiço bigode de retroz preto, e olhos sorrateiros e enviezados, japonez de todo dentro da mal envergada farpella europeia, tem uns ares indecisos de felino com oculos, ou de uns oculos de oiro com cabo de japonez.

Evoca na sua minguada estatura, sympathicamente, o seu victorioso imperio do sol nascente, essa raça adextrada, progressiva e pequenina, tão valente, que no épico momento pareceu formada de disciplinadissimas formigas, derrotando aos milhões o vagaroso, indolente pachyderme russo.

— E' heroico talvez, mas é horrendo — dizia-me, por detraz d'um leque, uma amadora de commoções, que, alliaz, desejava immenso, por ter visto a *Gueisha*,

saber a opinião do luctador sobre o beijo do occidente, de que a *Mimosa* italiana, que a popularizou, diz :

Qual dolcissima carezza!
Mai scordarla non potró.

Sendo heroe, creio que Raku não foi guerreiro. E' professor de *jiu-jitsu*, essa complicadissima sciencia que os japonezes inventaram, e cultivam, de deitar o diabo ao chão emquanto esfrega um olho. De certo sabem ahi, melhor do que eu, no que consiste essa arte brutal, velocissima, da pirueta e da deslocação.

E' uma lucta superiormente engenhosa e traiçoeira, baseada na anatomia, e que barbaramente reside em violentar os movimentos naturaes do corpo do adversario. Semelha, em numerosos golpes, uma technica aperfeiçoada de matadouro, applicada ao homem, com desastradas attitudes e geitos deselegantes.

Mas deixemos o *jiu-jitsu*, que em varias cidades da Europa a policia começou a aprender contra os malfeitores, que, infelizmente, o aprenderam, ao que parece, primeiro que ella.

Raku esteve no Colyseu dos Recreios, offereceu punhados de libras a quem o vencesse, teve um successo colossal, venceu todos, e, como nada tivesse que desembolsar, foi-se embora acclamado, com a vaidade e as algibeiras replectas.

Chegou a Madrid, e annunciou o seu repto tentador de invencivel. Entrou de enthusiasmar o Circo de Parish, aé que uma noite, negando-se a defrontar-se com um qualquer espectador, provocou tão tremenda balburdia que o theatro foi esvasiado pela força e Raku processado pelo emprezario.

Abandonou então a *villa coronada*, e foi para Barcelona, para o Theatro Principal.

Muito applaudido como sempre, lá renovou no cartaz o incitante desafio. Muito dinheiro a quem o vencesse.

Imaginem agora quem sahiu á estacada! Um hercules? Um leão? Um carregador? Qual, historia! Uma mulher... Um virago provavelmente? Não senhores. Uma bailarina...

Uma bailarina, melhor talvez, uma *bailadora*, de rosto insinuante e corpo franzino, que dá pelo nome de *La bella Chelito* — e saberão que bella é, nestes coreographicos casos, um facil e condescendente synonimo.

Calcular-se pode a sensação de alarme que, em proveito da empreza, o desegual e picaresco combate suscitou na laboriosa, elegante *cidade condal*. Disputaram-se a murro os bilhetes, optimo preludio de um espectaculo aguerrido como esse, tão semelhante ao duello de um esforçado gafanhoto com uma cigarra graciosa.

A sala estava á cunha, palpitante, frenetica, impaciente por esses minutos delirantes de emoção e novidade, em que se estreitassem nervosos, febris, inimigos, o musculoso, agil corpo do japonez carrancudo e o corpo flexivel, delicado, da dançadeira risonha.

Havia ainda um outro alliciente. O traje da lucta japoneza é primitivamente singelo. Um calção-faixa nas virilhas e uma blusa aberta, que deixa o peito á mostra. Pernas nuas, braços nús, collo nú, pés descalços, tudo isso excitantemente accudia á cupidez dos barcelonezes, ao lembrarem-se da bailarina. Ia

ser uma coisa nunca vista... Todos preparavam, poupando-a nos outros numeros do programma, a sensibilidade.

Barcelona tem visto, como nós todos, luctas de mulheres em circo, que são dos mais nojentos e repugnantes espectáculos que eu conheço, capazes de nos fazerem descrer do sexo fraco por uma semana. Mas, d'esta feita, o caso era diverso : luctariam um forte de officio e uma fragil boneca de tablado.

Não digo que a galanteria fosse a maior das qualidades d'aquelle publico, mas no collectivo cerebro inflammado dessa plateia havia seguramente resaibos de velhas lendas de amazonas, de passos arriscados de mythologicas divindades, de tormentos faunescos sobre nymphas tenrinhas. Era o murro brutal e sem medo contra o saial arrendado e sem força.

Chegou a hora appetecida. Na sala, ao calar da musica, não havia uma voz. Os olhos, todos cravados na scena, iam illuminar de um fulgor estranho o vulto d'ella quando surgisse, cheia de valor e de temor.

Esperavam-na muito despida. *La Chelito* veiu muito vestida.

Foi tal a decepção, que, sem occultar a estupida sensualidade que o dominava, o publico rompeu num protesto unanime e sem razão. A improvisada luctadora não promettera, nem ao publico, nem ao japonez, um banquete da sua carne. Annunciara uma prova do seu arrojo, e alli estava para o demonstrar.

O desejo — essa eternamente illudida Phenix — renasceu logo, e esperaram que a traidora fidelidade d'aquelle traje composto e irritante depressa se

rompesse aos golpes temiveis do adversario, aos attrictos teimosos da esteira do campo.

Se soubesse historia grega, Raku teria nessa noite conquistado a melhor das suas ovações, despedaçando, como Hyperides a tunica de Phrynéa, a roupa da contendente.

Apezar da hostilidade mal reprimida do publico, elle, nipponico educado, quiz mostrar-se mais galante e mais cortez do que os latinos que o açulavam.

Sem arremeços, sem trambulhões, sem esse voluptuoso corpo a corpo que a plateia ambicionava, com dois golpes serenos, correctos, venceu *La Chelito* com a facilidade e a decencia com que se verga uma haste de flor ou se quebra um galho de cerejas.

Que custa afinal torcer um braço de boneca?

E que torpeza revoltante é maguar uma mulher!

Foi o que, num dementado instante de erotismo, esqueceu, numa violenta manifestação hostil, o publico d'essa noite memoravel, que, sem nenhum direito, se sentiu roubado e berrou ao escandalo.

Escandalo que foi, em tão difficeis circumstancias, o passageiro pudor de uma mulher que o publico considerava pouco affeita a elle.

Talvez Raku escrevesse para a terra, com um pincel, o ironico commentario d'esse curioso caso da Europa, que foi um escandalo, exactamente por o não ter sido...

***

O outro escandalo, o escandalo cor de rosa, conta-se depressa. Deu-se em Londres, e divulgou-o a lin-

guareira revista *Reignold's*, na sua secção de historias secretas da semana.

Num certo salão londrino da alta côrte, em que se realizava um baile de etiqueta, apresentou-se uma dama egualmente certa e londrina, que, pela afogada modestia do seu traje escuro, a todos mereceu reparo e sympathia.

Realmente, na presente epocha, em que as mulheres tanto se descamisam, o escuro vestido da dama salientava-se pelo modo austero com que encobria o collo, velando de todo os braços até ao cotovello.

Começou o baile. Um cavalheiro toma respeitoso a dama recatada nos braços, e rompem na valsa arrastada, sensual.

Os circumstantes, curiosos dos meneios d'aquelle corpo tão velado, enfirmam-se, observam.

A musica, num sobresalto, accelera-se, e as saias, seguindo-a, voluteiam mais alto.

De repente, corre toda a sala indignada, colerica, um fremito horrorizado. Não vêem? E' demais! Que foi?

Era a dama recatada, a discreta dama do afogado vestido escuro, que conseguira assim, subitaneamente, concitar contra si todos os rancores. Por uma razão bem simples, alliaz.

Não calçara meias, e nas reviravoltas da dança as sua pernas brancas appareciam despidas, polidas como cera branca a alimentar aquella grande labareda do protesto que se desencadeara.

Obrigaram o dono da casa a despedi-la, e a dama do vestido escuro e afogado e das pernas despidas, cuja expulsão da côrte agora reclamam, terá de certo pensado na indecifravel razão por que, podendo as

mulheres decotarem-se quanto quizerem — e quanto mais peor para nós — de cima para baixo, não poderão, ainda que muito a medo, decotarem-se egualmente de baixo para cima...

1908. Julho 23.

XI

CABELLOS

Sendo um dos mais admiraveis adornos da mulher, o cabello parece se vae transformando de enfeite appetecivel em universal mercadoria rendosa.

Quem sabe se, com a insoffrida sêde de commercio que nos esgana, negociando com tudo, com a agua e o beijo, com o sol e com o vento, não reduziremos tambem a mulher a um arbusto — o mais formoso, então — a arvore do cabello, estimando-a como os pomares, pela colheita, humilhando-as á condição docil d'um grande rebanho bello, tosquiavel e rendoso num mez do anno?

Com a differença essencial de que, nesse caso, seriam os proprios rebanhos que adquiririam a lã, e o pomar o comprador dos fructos.

Para ser bella d'antes, em regra geral bastava ser bonita e ter cabello. Hoje não basta tê-lo mais ou menos abundante, é preciso compra-lo mais ou menos caro.

Atravessamos, decididamente, a epocha dos postiços, dos postiços physicos e dos postiços moraes, do amor falso e das falsas fórmas.

Se a uma dama moderna e elegante, corpo de syl-

phide com cabeça de Medusa, dissesse um poeta, como o delicado Cesario Verde :

> ...Ó magica mulher, ó minha Inegualavel,
> Que tens o immenso bem de ter cabellos taes,

e lhos mandasse soltar, não veria já aquella negra catadupa rutila de *cabellos torrenciaes*, mas um atrapalhado desmoronamento de cachos e tranças sem raiz.

A moda foi feita para as calvas, e as que o não são seguem-na tão fielmente como as desherdadas.

Quem tem um amor careca, tem a morte á cabeceira, diz o rifão. Chega-se a duvidar se os homens que passam acompanhados não dormem com caveiras...

Creio que, se, numa estação, a moda decretar um figurino de cabeça sem orelhas, as suas obedientes sequazes nenhuma duvida hão de oppor a deixa-las cortar, ainda que para isso tenham, quando de novo exigidas, de as usar artificiaes.

A mulher é, fundamental e muito lastimavelmente, um ser cruel. Por isso a doce profissão materna lhe foi dada, como a unica capaz, por sublime, de lhe imprimir bondade. Em nada se affirma melhor essa crueldade do que no culto da moda, pois que, por elle, não contente com atormentar o seu semelhante e com anniquilar varios seres da creação, se martyriza a si propria sem piedade nem remorso.

Todos sabem da espantosa derrota, que, para conseguir as suas plumas, as suas pennas, as suas pelles, os seus leques e os seus abafos, a mulher causa no reino animal, onde certas especies estão quasi extinctas, pela descommunal agglomeração das lojas de modas.

Quando, um dia, um costumista, imaginoso servidor da musa dos trapos, phantasiar para os gigantescos chapeus das ôcas cabecinhas uma arrojada decoração de trombas de elephante, desapparecem da terra os pachydermes. até que, tendo o mesmo destino as caudas de leão ou as maxillas dos crocodilos, acabem de uma vez o crocodilo e os leões.

Isso de sonhar modas é, afinal, uma coisa facil e muito tentadora, para quem goste de divertir-se á custa alheia. Ha ainda mil modelos a explorar : o chapeu-formigueiro, por exemplo, com um authentico quartel de formigas lá dentro, passeando, cá fóra, aos carreirinhos pelo rosto da portadora, que, ao guarda-lo, teria no prestante e elevado celleiro economizados litros de pó de arroz; o chapeu marco-postal, optimo para certas missivas; o chapeu cesto-roto, esplendido symbolo; o chapeu-jardim, com um laguinho de lata e um repuxo ao meio; ou o chapeu balão veneziano, magnifico para festejos nocturnos, não fallando no chapeu-cama, inegualavel para curas de ar.

Caminharemos ainda muito, mas podem estar certos de que havemos de chegar a ver, nesse genero, as mais imprevistas coisas, desde o chapeu electrico, com pilhas naturaes, ao chapeu phonographo — Eva nasceu antes de Edison — ao cine-chapeu, ao chapeu dirigivel, que ha de ser o de mais difficil regularização, ao chapeu sem fios — a mulher foi o primeiro apparelho d'esse systema inventado no mundo — ou ainda ao sub-marino e ao couraçado.

Depois de exhaurir todos os animaes de penna e pello, é natural que a mulher recorra ao oceano, e comece a adornar-se com peixes, escamas e mariscos,

usando os chapeus-polvos, os chapeus de baleia e os chapeus de caldeirada.

Exgottado esse recurso, invadirá a industria e a sciencia, e teremos maravilhosas applicações de machinas e invenções. Ainda se ha de reunir um parlamento, com deputados, campainha e chapeu do presidente, numa cabeça de mulher, e fazer uma corrida de automoveis sobre um chapeu feminino, antes de lá se introduzir um metropolitano.

Deem tempo ao tempo e á sua inimiga, e a mulher, que anda toda dedicada á fructa e traz agora nos chapeus a sobremeza, contente, envaidecida e risonha com a sua carga de mundos, apresentar-se-nos-ha com o sol, a lua e os planetas á cabeça, até que consiga passear assim a caldeira de Pero Botelho ou o dormitorio das onze mil virgens.

Presentemente é o cabello o que mais a preoccupa. Trata de augmentar a cabeça para augmentar depois os chapeus.

Como chegou a não saber o que fazer do cabello com que nasceu, complicou a questão — a mulher é uma terrivel creadora de difficuldades — comprando muito mais. O annuncio dos especificos milagrosos para atapetar o craneo, tentou-a tão fortemente, que, emquanto não egualar as pelludissimas bonecas dos cartazes, não descança.

Amor, amor e amor! — era, de manhã e á noite, o sonho olheirento das donzellas romanticas, que o imaginavam mais saboroso do que um pobre a côdea d'um pão duro.

Cabello, cabello e mais cabello! — é, de tarde e de manhã, a angustiosa ambição da senhorita moderna, que, tendo começado por corta-los á

rapazinho, agora os deseja selvagens, bastos, emmaranhados á troglodyta.

D'aqui a tempos, raivosa de se não selvagizar por esse lado, opta por uma solução heroica : rapa-se á navalha e agua quente, como um chinez.

Dado esse afan lucrativo da mulher colleccionar cabellos alheios, tem-se accentuado crescentemente em todo o mundo a procura do delgado genero.

Renasceram os celebres *marchands de cheveux* do seculo XVIII — esse seculo que parce un perfumado tecido futil bordado por mulheres, para se consumir, num repente, á labareda heroica da Revolução, em que, alliaz, perpassam saias memoraveis.

Ha, alem dos vendedores, os buscadores de cabellos. Guerra ás tranças, é uma cruzada gananciosa que, por aldeias e regiões afastadas, pregam sem tregua e com metal sonante os contractadores de cabelleiras.

Em Limoges realiza-se annualmente uma feira de cabellos, onde por variaveis preços, convidativos ou depreciadores, as camponezas de leguas vêm entregar á thesoura do mercador as suas tranças — novellos de ebano ou de oiro colhidos no ramo.

Apezar de tudo, a Europa já não tem cabellos que cheguem para tanto, nem para dar, nem para vender. Está careca de todo. Tem-se de recorrer ao Oriente.

E' o que consta d'uma nota publicada numa revista muito seria, onde escrevem sabios e academicos, e que já uma vez estampou, por signal, o retrato do imperador do Japão, que é a mais sisuda das seriedades.

A' espera de que as europeias lhes peçam, como aos parpagaios, os minusculos pésinhos, começaram japonezas, as por lhes mandar, como amostra de valor, os seus cabellos.

Essa exportação, que em 1904 fora de 2.700 kilos, valendo 7.000 francos, attingiu em 1906 a cifra de 150.000 kilos, na importancia de 320.000 francos, dos quaes só a França aproveitou 52.000 kilos.

E' caso para dizer que não ficou no Japão um cabello em pé! Deve-se reconhecer que a fortuna, por emquanto, o protege, porque se, depois dos *kimonos*, a moda ordena olhos á japoneza, vae o Japão ficar um paiz de cegos...

Calcule-se pela estatistica transcripta o que será, em francos e kilos, este anno, durante o qual as mulheres se têm entretido a macrocephalizarem-se, recheando de cabello os chapeus, os toucadores e as bolsinhas, para o perderem por toda a parte.

Posso assegurar-vos que não ha mais compensante negocio. Sei de um namorado feliz, d'esses da velha escola, que, antes de Marcel Prévost ter desdobrado as virgens, se contentavam com uma madeixa da amada, que fez ultimamente um fortunão.

Cançado de conquistar beldades mais ou menos authenticas e ingenuas menos ou mais ruins, e sondando os tempos, montou, com todas as lembranças amorosas e capillares que possuia, uma loja da especialidade, engenhosamente baptizada : Bazar dos Caracoes.

Como a materia prima só lhe custara o preço do papel das cartas e do concerto de varias solas, tem arranjado esplendidamente a vida.

Noutro dia, ignorante e seria, foi procura-lo, como fregueza, uma antiga namorada. Creio que era o numero trezentos e tal, pois que elle sempre, methodico, as catalogou.

Queria um caracol. O citado commerciante, que tem uma notoria facilidade de expressão apaixonada, poz os olhos em alvo, suspirou profundamente, meditou um instante com esse sorriso quasi interior que illumina a recordação de uma hora feliz, e indo buscar a uma gaveta um cacho bem enrolado, apresentou-o á dama com estas palavras:

— Conhece-o? Lembra-se v. ex.? Foi naquella tarde mansa de abril. Eu na janella da escada, (fallava o galã) v. ex... (fallava o negociante), no canto da varanda. Eu tinha uma thesoura no bolso do casaco. V. ex. tinha uma madeixa deliciosa a esvoaçar-lhe na nuca. Recorda-se v. ex?

A dama, muito admirada, calava condescendente.

— Elogiei a madeixa de v. ex., quiz beija-la, mas, por mais que me debruçasse, não alcançava o pescoço de v. ex. A brisa continuava a brincar com os cabellos de v. ex., e v. ex. era uma tentação, perdôe v. ex.!

A dama continuava escutando condescendentemente.

— Num geito mais violento, a thesoura picou-me. Lembrei-me d'ella. Levei a mão ao coração sobre que estava o bolso. V. ex. perguntou-me: Que tem? Uma thesoura, respondi. Pensei que era uma pontada, disse v. ex. Tirei a thesoura — tenho tudo presente como se fosse hoje. Dá-me licença? arrisquei. V. ex. não respondeu, mas curvou a linda cerviz, de v. ex.

Onde a minha bocca não chegou, desculpe v. ex., chegaram sem difficuldadeas minhas mãos.

A dama, muito condescendente, quasi sorria, capaz de jurar que aquelle cabello era seu.

— Tive então a rara fortuna de cortar este caracol a v. ex., e tanto o tenho estimado sempre, por ser de v. ex., que ainda até agora, que, ai de mim, mas de certo para bem de v. ex., tudo acabou, não quiz desfazer-me d'elle, apezar das propostas vantajosissimas que tenho recebido, pois, e creia v. ex., que não é encarecer a fazenda, nunca tive, nem terei no meu estabelecimento mais bello caracol do que este de v. ex.

E' claro que a dama o escolheu e pagou carissimo, julgando resgatar uma divida compromettedora.

Ao contar-me esta historia, perguntei ao verboso cabelleireiro :

— Era d'ella?

— Qual historia, respondeu-me. Era o bigode de um policia da secreta meu conhecido, que teve de o deitar abaixo para se disfarçar.

Se amanhã o marido d'essa senhora, que é formosa, casada e honesta, ouvir dentro do seu quarto, no silencio da noite, perturbando o fervor caricioso, um insistente toque de apito, assustar-se-ha, farejará, indagará, ha de inspeccionar toda a casa e acabar por convencer-se de que são almas do outro mundo.

Será apenas, tendo apanhado um apito a geito, o habito inveterado, assoprador e insaccudivel do bigode espinhado, saudoso do policia...

***

Cabellos de mulher, quem vos amaldiçoasse!
Feminis cabellos, quem vos bemdissesse!

1908. Agosto 3.

XII

VIDAS REMOTAS

Porque, apenas, lastimar a morte dos homens, que em terra ou folha ou verme renascerão, e não sentir tambem, funda e dolente, a morte das coisas bellas: muros, logares, objectos, paizagens?

Que dizer, em tal caso, dos barbaros ataques a ruinas perduraveis, dos crimes mutiladores das pedras centenarias, avós rugosas de cabellos de musgo, do esphacelo dos velhos monumentos, da destruição das reliquias, d'esses delictos vandalicos, que só os homens commettem?

Italica, a sobrevivente villa romana da Andaluzia, esse silencioso ninho do passado, posto á beira do sempre animado presente de Sevilha, está sendo, torpe, insanamente — annuncia-mo um hespanhol compungido — escavada, despedaçada, anniquilada a dynamite, com este utilimo mas injustificante proposito : aproveitar suas pedras venerandas, livros de lição, para a construcção d'uma estrada, que com material de qualquer outra proveniencia se poderia fundar.

Roubam assim á contemplação aquellas pedras d'exemplo, para as darem aos pés irreverentes do

caminheiro, á tortura das rodas, ao enxovalho das patas ligeiras dos cavallos, do passo miudo dos jumentos, do calcanhear pezado dos bois laboriosos.

Sem duvida, é um leito de estrada uma boa obra humana, mas a cidade que, em parte descoberta, alli, medrosa, agonisava modesta, á mercê do acaso, era humanamente uma obra mais bella. Mac-Adam não precisava da gloria de Scipião.

Depois, os meios empregados na execução d'essa sentença sem nome e sem auctor revoltam pela crueza. A covardia da dynamite contra inoffensivas paredes carcomidas, é a pratica anarchista applicada ás coisas, e eu hesito na classificação do grau da malvadez, pois se o ataque ao homem tem por vezes malditas mas determinantes raizes no odio, esse podre sentimento, esta furia iconoclasta, e tão perversa que só a estupidez a eguala, é inexplicavel, irresponsavel, inconsciente.

O dynamiteiro rustico, para cuja cegueira d'alma a belleza é talvez apenas um santo mal pintado ou uma moeda nova muito reluzente, ao perfurar a frio, com a alavanca e a agua, a chaga mortal no corpo sagrado, cantará provavelmente uma quadra de amor, uma quadra andaluza, em que sempre o amor é eterno e a mulher infiel.

Com descuido, introduzirá depois na cavidade recente a carga poderosa, accommoda-la-ha, ageitará a mecha, e desenrolando o rastilho branco e comprido, virá accender-lhe, cá de longe, a ponta inflammavel com o cigarro desageitado. Avisando os companheiros, sentar-se-hão descuidosos na primeira saliencia deparada, olhando o vertiginoso caminhar da estrellinha malfazeja e caprichosa, que, como uma

palavra ardente voando por um cabo tenue, irá levar, numa brutal explosão de colera, ao coração da velha muralha, exterminante punhalada, a ordem : morte !

Todo o muro estremece, vacilla, combale-se. As pedras despedem-se com fragor umas das outras, interrompendo com augustia o abraço que ha seculos dura, e cahem, e tombam e precipitam-se desesperadas, machucadas, feridas, deixando mais ar no alto, menos espaço no chão.

Celebram os trabalhadores numa risada o exito do golpe, precipitando-se sobre os despojos ainda quentes, e vendo que o rasgão, o trucidio, não foi tamanho como planeavam, impreccam numa praga os tristes restos orgulhosos do paredão ainda altivo.

— E' de ferro este diabo... dirão, sem verem que a resistencia da construcção é ainda um aviso derradeiro para que a respeitem; a denodada valentia de uma obra feita com fé nos seculos inexgottaveis, e que por isso se não abate sem lucta, se não dá, não se rende, não morre de um só golpe.

Desviemos, porem, os olhos d'esse cruel espectaculo derruidor, e volvamo-los, para seu deleite, ás ultimas descobertas de Antinoéa.

***

Albert Gayet, um dos archeologos de melhor estylo que eu conheço, paciente como um sabio nas suas

investigações, e fundamentalmente artista nas evocadoras paginas, em que, com amor e quasi com saudade, relembra e recompõe os scenarios de outrora, tem em numerosos artigos de jornal e revista, em interessantissimas monographias, em conferencias apraziveis, pretendido despertar a favor da velha cidade que elle escava com cuidado, quasi com ternura, a curiosidade universal, muito em especial essa voluvel attenção franceza, que, no que toca ao desembolso de capitaes para essas missões distantes e fecundas, é de uma parcimonia raiana de uma avareza desdenhosa.

Andam os francezes, e andamos todos nós, tão gabosos e envaidecidos com o deslumbrante clarão das cidades modernas, com isso que, sem ser inteiramente obra nossa, é a nossa vaidade maior, o Progresso, com um P egual á torre Eiffel, que não queremos olhar, e talvez, mesmo, cegos da claridade não podemos ver, o pallido esplendor mutilado e esquecido d'essas capitaes de outros tempos, rainhas de outros mundos.

Albert Gayet não é um vulgar desenterrador de mumias, nem um enfadonho decifrador de pedras indecifraveis. Persegue tenazmente a explicação dos enygmas que os seus achados lhe propõem, mas não limita a tão pouco a sua pesquiza.

Vae mais alem, julga o conteúdo dos seus oculos estudiosos, tenta com as parcellas obtidas reconstituir o todo, sonha enamoradamente os dias de outras eras, e nas mortes que encontra só a vida o interessa, essa vida mysteriosa, ignota, longinqua, que remotamente viveram, quando o sol era mais moço e a terra era mais bella.

Antinoéa é o seu predilecto campo de reminiscencias, e a serie das mulheres antinoítas que elle tem exhumado e invocado, e outros têm, sem lhes notar a origem, romantizado, é um dos mais attrahentes capitulos da archeologia moderna, de uma archeologia irmã muito querida da arte imaginativa.

Antinoéa, ou seja Adrianopolis, fundada em 140 da era christã, capital da Thebaida, herdeira da desapparecida Thebas das cem portas, a *cidade funebre por excellencia*, como diz o seu moderno cantor, foi a maior prova de gratidão que jámais se deu no mundo.

Penhor de uma paixão sobre todas depravadamente illicita e vergonhosa, constituiu o premio mais colossal de uma acção dementemente heroica, de um estupido sacrificio misericorde e supersticioso.

Conhecem-lhe a origem? Antinoeu, um pastor da Bythinia, branco e bello como um raio de lua, loiro como um raio de sol, d'essa belleza, hoje perdida, dos ephebos apollineos que competiam com as virgens — belleza peccaminosa, discutivel e indecisa, que Paul Adam explicou como superior á da adolescente pelo criterio tacanho da força e duração — foi o grande favorito de Adriano imperador.

O seu nome ficou na arte e na lenda como o de um rival d'esse copeiro formosissimo dos deuses, Ganymedes, que Jupiter em corpo de aguia, ou a aguia altivoante a seu mandado, veiu roubar á terra. Ora, numa viagem ao Egypto em companhia de Adriano, Antinoeu, que ouvira de um oraculo que o dono de Roma morreria se o seu mais caro amigo se não immolasse ao destino, atirou-se ao Nilo para lhe conjurar o fado adverso. No sitio onde elle se afundou

quiz Adriano construir uma magnifica cidade em sua memoria, que herdou ao mesmo tempo o nome do sacrificado, Antinoéa, e o nome do fundador, Adrianopolis.

E' ahi, nessa vastissima necropole, banhada a occidente pelo Nilo e circumscripta em toda a demais extensão pelo deserto e pelas montanhas afastadas, que Gayet prosegue com affinco valoroso, ha doze annos, a sua obra emerita de desvendação.

Os primeiros trabalhos em tal paragem devem-se á *Commissão do Egypto*, instituida por Napoleão. Vieram então a lume mil pedaços apreciaveis das grandes avenidas antinoítas, uma de oitocentas e outra de quinhentas columnas, a via triumphal, o amphitheatro, a cinta das muralhas e o hippodromo.

Gayet, quando metteu mãos dedicadas á empreza, começou por descobrir um templo pharaonico, edificado quinze seculos antes da fundação da cidade, e que ainda não está de todo explicado como se lá enxertou. A seguir, surgiram os templos de Isis-Demeter, o templo de Serapis, e muitos outros importantes encontros, que eu não noticiarei nesta chronica ligeira.

O mais interessante, porem, de toda a chronica da resurginte Antinoéa é a galeria das mulheres encontradas nos seus tumulos, maravilhosamente conservadas pelas areias do deserto, melhores que o balsamo melhor, e rodeadas, segundo o uso egypcio, dos seus utensilios vulgares, visto que tal religião, admittindo o desdobramento do morto, cuja alma ia fazer a viagem da morte para voltar purificada ao corpo abandonado, tratava de munir os defunctos com os petrechos de seu serviço.

D'esse cortejo admiravel que Gayet, com gestos de poeta, tem levantado dos tumulos e feito redizer a significação de seus modos, vestes e insignias, é a primeira em data, 1902, *Leukyonéa*, uma grega filiada nas associações secretas que adoravam Venus, a Pedra Negra, a Vida Una.

No anno seguinte dessepulta-se *Myrithis*, a feiticeira joven, que nos desconcerta pela juventude de sua mascara, nada encardida dos sabbats horrendos. « Com ella surgia — diz Gayet — o ritual prohibido dos encantamentos sacrilegos personificado nos espelhos magicos, nas taças adivinhatorias, nas estatuetas d'Anubis, com cabeça de chacal; numa imagem de Hermes; num livro grego indecifravel, cheio de signos cabalisticos; um tambor de pelle de gazella; plantas que serviam á manipulação dos filtros, como os lichens, a taphsia, as petalas de rosa, a mangerona e o louro, que desempenhavam importante papel na magia antiga. »

Em 1904, coube a vez a uma officiante, *Khelmys*, a preciosa cantora de novo Osiris, o sol, a quem a mythologia egypcia equiparara Antinoeu. E' uma predecessora curiosissima dos exhibidores de fantoches. Na sua tumba foram encontrados varios bonecos de marfim, com que ella em vida, nas cerimonias cultuaes, reconstituia os mysterios da amoravel divindade.

Mais um anno, e deparava-se *Slythias*, a paramenteira, a aia dos deuses, vestidora das imagens sagradas. « Tinha o encargo de lhes fazer a *toilette*. Purificavam-se com diversas libações, ungiam-se de perfumes, retocavam-se com cosmeticos e unguentos, revestiam-se com os trajes sagra-

dos, toucavam-se com as cabelleiras do ritual, doiravam-lhes as unhas, pintavam-se-lhes as palpebras de azul, muniam-se de grinaldas, de thyrsos, de corôas, de ramalhetes e de fachas, amuletos e joias. Perfumavam-nos, incensavam-nos, e depois os pastophoros carregavam-nos aos hombros e levavam-nos para os berços collocados nos terraços dos templos, de modo que o primeiro raio do sol levante lhes viesse bater em cheio no rosto. »

Nos dois ultimos annos apparecem, anonymas e lindas, a *bacchante* e a *prophetisa* de Antinoéa, esta sacerdotiza e interprete do oraculo, devota aquella de um rito dyonisiaco, já que Antinoeu fôra tambem confundido com Baccho.

No anno corrente, emfim, resurge á luz, inspiradora e deslumbrante, *la porteuse du miroir*, a galante, a presumida, a faceira mulher do espelho, a mais feminina das antinoítas, até hoje reapparecidas.

« Ei-la : — commenta gentilmente Gayet — o seu rosto recoberto por um veu, desapparece sob o disco de bronze do espelho. Os cachos disciplinados d'uma fina cabelleira loira, segura com pregos de marfim, escapam-se das cintas flexiveis que os sujeitam. A juvenilidade do corpo é attestada pela plenitude do collo, que se conserva moço e firme depois de dezasete seculos, pela curva suave das ancas, pela delicadeza das articulações, pelo afinamento das mãos e dos pés de unhas brilhantes, como se a lustradeira as tivesse hontem repolido. A sua galanteria persiste nos caracoes dispostos em aureola : a sensualidade no peito que se enfuna, como tatuado de oiro puro; um mysterio adeja

no sorriso que se lhe presente nos labios, collados á superficie do espelho.»

Esta, que, apoz um somno tão secular, Gayet foi accordar no meio de toda a sua vaidade, que ha mil e setecentos annos se não fatigava de olhar o espelho lisonjeiro, é bem uma mulher, é quasi talvez um symbolo da mulher. Mirando e remirando no disco de bronze a formosura do seu rosto, morreu nova, alegre e bella, sem se lembrar da morte, sem se lembrar da vida, contente, risonha, formosa, porque o espelho lhe dizia que era bella. Tão bem lho disse, que ella o beijou em premio, e nesse beijo morreu, virgem talvez, bella eternamente, amando-se a si propria.

E', afinal, o espelho a consciencia da mulher, o seu mais intimo confidente, a sua arma de sempre, o seu primeiro e mais querido esposo.

O espaço vae faltando, e eu não queria deixar de referir-vos uma interessante lenda de tão precioso e feminil utensilio, contada tambem por Gayet, e que eu resumirei quanto possa.

« Os homens, creados pelo todo poderoso deus Ran, o Sol, tinham por tal modo offendido o supremo auctor, que este decidiu extermina-los. Mandou para isso á terra sua filha, Hathor, a deusa formosa, com a missão de extinguir a humanidade. Durante nove dias, Hathor banhou seus pés no sangue dos mortaes, desde Heliopolis, a cidade do sol, até Hakahnisonten, a cidade santa. Tanto sangue, reco lhido em nove mil cantaros, foi apresentado como tributo a Ran, que se declarou satisfeito, e perdoou ao resto da humanidade. Mas, hallucinada pela carnagem, Hathor, implacavel, continuava o mas-

sacre. Então seu pae, não podendo conte-la, reuniu o conselho dos deuses, que decidiu empregar um estratagema. De noite, derramaram todo o sangue dos nove mil cantaros na estrada que a deusa devia seguir na manhã proxima, de modo que ella encontrou o caminho cortado. Deteve-se a deusa, e mirou naquelle mar de sangue o seu rosto triumphal. Viu-se tão bella que esqueceu a colera e desistiu de mattar.

D'ahi veiu ser, em egypcio, o nome do espelho o mesmo da vida, sendo o espelho o seu symbolo. Ser portadora de um espelho era ser portadora da vida, e nos seus cabos havia sempre a imagem da deusa, que os gregos identificaram a Venus.»

Senhoras minhas, tomae nota : o espelho é o symbolo da vida, e por isso talvez se costuma chega-lo á bocca dos moribundos; o primeiro espelho foi um lago de sangue sacrificado, que evitou maior hecatombe. Quando queiraes fazer mal, de que eu vos não julgo capazes, accudi depressa a um espelho, e lembrae-vos de Hathor. Vendo-vos lindas, sereis boas, e eu só invejo ardentemente a fortuna d'aquelle sabiissimo archeologo muito futuro, que vos encontre, d'aqui a dezasete seculos, bellas e risonhas, na paz inviolavel do tumulo escondido, dando ainda com meiguice e desvanecimento, em vosso biselado espelho de crystal e prata, o galardoante, fervoroso, desejavel beijo da vossa gratidão.

E cá de tão longe, e de tão cedo, já me descubro reverente ante o chronista tão vindouro, que contar o segredo de vossas vidas remotas...

1908. Agosto 31.

XIII

A MUSA DA LUZ

O coro suave das musas, que o todo poderoso Zeus instituiu sollicito a pedido dos deuses, num parto nove vezes fecundo de Mnemosyna, se divinamente servia para deliciar os celestiaes conselhos no alto palacio de Olympo, com suas vozes e lyras, que sabiam cantar o passado, o presente e o futuro, e celebrar as victorias da valorosa hoste do ceu sobre os titans atrevidos da terra, está longe de corresponder ás crescentes necessidades modernas, como diria convencidissimo um sociologo.

Primitivas nymphas das nascentes do Parnaso, do Helicão ou do Olympo, originarias da Phocida, da Beocia ou da Thessalia, o seu canto, aprendido no lento murmurio fresco da agua clara — foram primariamente as musas symbolos das murmurosas fontes e dos regatos sussurrantes — ver-se-hia ignorante e mudo para celebrar os feitos altivos dos modernos titans, os homens modernos, que destruiram os ceus e os deuses, transferindo para a terra o paraizo.

Quem procedesse ao arduo e doce trabalho de confrontar a Grecia do sonho e da lenda com as metropoles actuaes da realidade e do progresso, em-

quanto descobrisse razões de magua, constatasse a ruina e a morte de muitos primores, verificasse o desapparecimento de certas fórmas e ideias formosas, encontraria a revelação jocunda de outras bellezas, variantes novas do eterno bello.

Uma, entre essas recentes maravilhas, é primacial: a luz. A luz artificial, poderosa, obediente, forjada pelo homem com o cuidado que Deus poz ao fundir o sol no primeiro dia da creação.

A luz moderna é a mais bella das conquistas do homem de hoje, a grande derrota da treva, heroina da noite, irmã gentilissima do luar.

Uma noite d'agora, numa cidade contemporanea, é um deslumbrante espectaculo cheio de magia e de ardor. Certo não eram mais phantasticos d'antes os festivaes dos deuses sobre os montes sagrados, sob o ceu cheio de estrellas, ao rubro crepitar das lavaredas nos madeiros rescendentes, d'onde aromatica escorria a resina oleosa.

A luz falsa, a luz fabricada, a domesticada luz consciente, que nos serve fielmente, humildemente, capricho radioso, noite feita dia, escrava clara e silenciosa, far-nos-hia invejados dos propios seres olympicos, se nas trancadas janellas do empyreo olvidado, algum deus moribundo, ou vaidosa deusa entristecida, se debruçasse a contemplar a rutila orgia luminosa das noites terreaes, clarissimas.

E essa belleza é nossa, pertence-nos indiscutivelmente. Inventámo-la com o nosso estudo, pouco a pouco a aperfeiçoámos com mil porfias incessaveis, e manejamo-la actualmente sem segredos nem violencias.

Se nas artes velhas, nas classicas artes, pouco

adeantámos, creámos, para maior valor da nossa era, uma arte toda nova, uma inedita arte formosissima: a arte da luz

Que importa que a força luminosa já existisse na materia? Em nada se invalida o nosso descobrimento. A arte só começa quando começa a belleza, e fomos nós que démos belleza á luz.

Convertida em arte, a luz, corpo lucido e brilhante que o nosso esforço moldou, começou de ser, como a fórma, a cor, o som ou a palavra, materia artistica, e, como toda a materia artistica, susceptivel de obras primas. Teve de crear-se o seu processo, de descobrir-se o seu rythmo, de procurar-se a sua harmonia maior.

Se as musas, segundo a amorosa imaginativa dos gregos, ensinavam as artes, as possuiam em toda a intensidade e perfeição, natural era que no seculo da luz nascesse, irmã das artes, a musa da luz.

Não a engendrou Zeus, nem a gerou Mnemosyna, não a viu, nem sequer a sonhou o Olympo; e não foi na terra florida da Pieria que ella abriu os olhos.

Nasceu na America, nesse industrializado Olympo, em que os deuses são millionarios e catalogados pelos mineraes que exploram em seus *trusts*. E' Chicago a sua patria.

Viu a primeira luz de um dia gelado, numa taberna de Fullersburg, transformada provisoriamente em quarto de cama O frio era tão intenso á hora de entrar no mundo a musa da luz e do fogo, que, segundo ella o confessa, apanhou uma constipação logo ao nascer; constipação de que nunca mais se curou...

A musa da luz — e ia-me esquecendo de o dizer

— acaba de publicar as suas memorias, com um prefacio de Anatole France e com o titulo : *Quinze ans de ma vie.* E' um livro gracioso, ligeiro, ameno, que em curtos capitulos historía a origem e desenvolvimento da dança da luz, da dança serpentina.

Advinharam finalmente o nome da musa : Loie Fuller — essa Terpsychore mais sabia e imaginosa do seculo XIX. Conhecem-na certamente, pois que ella passeou por todos os continentes as suas danças luminosas, a sua immensa e vaporosa tunica translucida, de estranhos reflexos.

Loie Fuller redigiu os vinte e tantos capitulos da sua autobiographia com uma rara habilidade, para salientar os maus fados que a têm perseguido, a difficuldade das suas primeiras tentativas, a obstinada ganancia dos emprezarios, a deslealdade das suas mil imitadoras, as suas desillusões fugazes e a sua rara tenacidade de artista e de mulher.

Nas tres paginas que Anatole France lhe consagra, ao principio do volume, diz o mestre : « Eis ahi essa Loie Fuller em quem Roger Marx saudou a mais casta e expressiva das dançarinas, a bella inspirada que em si encontrou e nos restituiu as perdidas maravilhas da dança grega, a arte d'esses movimentos ao mesmo tempo voluptuosos e mysticos, que interpretam os phenomenos da natureza e as metamorphoses dos seres. »

Tratando-se de uma figura superior, a que a arte moderna deve uma nova fórma de belleza, todas as paginas da sua vida, por menos registraveis, são interessantes. A nenhuma das que ella agora deu ao publico falta interesse, seja a tocante sinceridade de uma confissão, seja o agradavel sabor ou o ter-

rivel picante de uma anecdota de bastidores, seja, muito desculpavelmente. o luzir de uma pontinha de vaidade muito feminina, se bem que norte-americana.

Na impossibilidade de vos resumir o livro, que salta volta e meia de assumptos e latitudes, escolherei d'elle a parte talvez mais curiosa, decerto a que mais interessa á historia, as paginas onde Loie Fuller conta o seu invento : a dança serpentina.

Como todas as grandes invenções, a dança serpentina é filha do acaso. Em 1890, achando-se Loie Fuller em Londres, contractou-a um emprezario para crear o principal papel— Loie Fuller começou por ser actriz — de uma peça : *Quack, medico-cirurgião*, onde havia uma scena de hypnotismo com uma viuvinha. Partiu Loie Fuller para Nova York, e a primeira difficuldade foi a de arranjar um traje adequado ao seu papel. O guarda-roupa era pobre, e ella não tinha dinheiro. Entra de remexer os seus trapos, e encontra dentro de um cofresinho uma saia muito larga de seda finissima da India, que dois officiaes inglezes, que ella mal conhecera num jantar, lhe tinham mandado do Oriente. Com o levissimo tecido aranjou uma especie de vestido á Imperio, e com elle estreou a peça numa ignorada cidadesinha americana.

« No final da representação, começou a scena de hypnotismo. O scenario, um jardim, estava illuminado com luz verde pallido. O dr. Quack entrava mysteriosamente e depois evocava-me. A orchestra tocou pianissimo uma musica langorosa, e eu appareci, esforçando-me por me tornar o mais leve possivel, para dar a impressão imaginária de um

espirito volatil que obedecesse ás ordens do doutor.

« Quack levantou os braços. Levantei tambem os meus. Suggestionada, em transe, pelo menos na apparencia, com o meu olhar pregado ao seu, seguia-lhe todos os movimientos. O meu vestido era tão comprido, que volta e meia o pisava, e machinalmente o arregaçava com as duas mãos, erguendo os braços ao ar, emquanto continuava a voltear á roda da scena como um espirito alado.

De repente um grito echoa na sala :

— E' uma borboleta ! Uma borboleta !

Puz-me então a dar voltas sobre mim mesma, correndo de um lado ao outro da scena, e houve um segundo grito :

— « Olha, uma orchidea !

Com grande espanto meu, romperam fortes applausos.

O doutor deslisava pela scena cada vez mais depressa, e eu seguia-o tambem cada vez mais depressa. Emfim, transfigurada, em extasis, deixei-me cahir a seus pés, toda envolta na setinea nuvem do leve tecido.

O publico obrigou-nos a repetir a scena, depois pediu ainda bis... e mais e mais, a ponto de termos de a repetir mais de vinte vezes. »

Estava descoberta, originaria e originalmente, a dança serpentina. Loie Fuller, admirada do que sem querer inventara, e suspeitando, com essa presentida visão dos artistas, a futura celebridade a que a casual revelação a podia levar, põe-se a estudar o seu caso e a tomar consciencia da sua arte tão espontaneamente surgida. E ensaiando as mais estranhas luzes, os mais subtis tecidos, as inflexões

mais novas da seda agitada, vae creando as suas danças ante um espelho : essas suas danças de immaterial encanto, feitas de luz, vaporosas, finissimas, em que o sonho occulta a carne, e a fórma é bizarra. inedita, incessante — *massa palpitante de seda leve*, para empregar as palavras da sua creadora.

Como se recordam, são varios os numeros dos espectaculos de Loie Fuller. Alem da sua serpentina, que ella chama nº 1, ha a violeta, a borboleta, a dança branca e a dança do fogo e do lyrio, que é a ultima em data.

E' bem a musa da luz, uma hellenica creadora de bellezas, essa intelligente mulher da America, que, pedindo á seda a fórma, e roubando todos os segredos da luz, descobriu esses dois symbolicos rythmos para o seu corpo : o do fogo e o do lyrio.

O fogo e o lyrio ! O calix purissimo da flor, cujo perfume tenta. A impetuosa labareda que consome. O lyrio da candura, o fogo da paixão.

Toda a mulher afinal...

1908. Novembro 1.

XIV

CASTANHOLAS

Alguem disse, mas já não sei quem foi, que um chronista é, sobretudo, e deve sempre procurar ser : um retocador. Um retocador de photographias da vida, que as faça mais bellas ou mais grotescas, lhes corrija a banalidade das linhas ou lhes accentue o geito tragico ou o aspecto grotesco.

Todos os homens, todos os povos, todos os seres e todos os tempos são seus modelos. A collecção é infinita e as attitudes innumeraveis, porque, afinal, tanto se pode encher una chronica com a gigantea figura d'um genio ou d'um sabio, como construi-la sobre a pequenez d'uma formiga ou d'um pé de mulher, essa tentadora formiguinha das saias de renda, ás vezes das saias de percal, que não sejam inglezas, pois as albionicas subditas costumam, deploravel e ameaçadoramente, recortar as suas solas resistentes por um mappa dos dominios colossaes do imperio musculoso e britannico.

Um camello a comer pachorrento leguas de areia, que depois afogará em leguas d'agua, pode, ainda que se não chame Sarah Bernhardt, como um celebre

admirador da tragica do guizo de oiro, que Suzanne Després encontrou no Cairo e apresenta no seu diario, um camello pacato e corcunda, pode, ia eu dizendo, fornecer um artigo tão interessante e comprido como a vida d'uma côrte ou as aventuras d'um foguete de lagrimas.

E' boa a definição : um chronista é um retocador.

Rapidamente as horas nos vão collocando sob os olhos, uma a uma, as suas scenas mais tristes ou mais alegres, para que entre tantas escolhamos as que mais nos seduzem pela sua significação, pela sua belleza ou pelo seu horror, pela sua originalidade, por isto, por aquillo, por tudo, por nada, quasi sempre por uma suggestão do nosso temperamento, que fica, para nós mesmos, as mais das vezes mysteriosa, invariavelmente pela lei do menor esforço que, mais ou menos disfarçada, rege a existencia.

Como, na sua modestia, este occidental chronista sinta hoje para a sua penna amiga o dever de tambem *retocar a vida*, segundo a magnifica formula do ignorado escriptor, mil casos se lhe deparam numa babylonica confusão. Escolher reflectidamente far-lhe-hia perder a mala de amanhã, o que desagradaria á sua pontualidade. O remedio é optar pelo primeiro que se apresente e commenta-lo sem mais demora.

***

O que logo me occorreu á penna foi um nome, um nome infeliz, um nome já morto : Conchita Guerra.

Não vos diz nada, não é verdade? E' para vós indifferente, talvez mesquinho. Foi, comtudo, ha pouco tempo ainda, em Paris, um nome de triumpho, um nome de desejo, uma aspiração de muitos.

Conchita Guerra era uma d'essas travessas e formosas hespanholas, que, com a turbulencia da sua carne morena e o ardor dos seus corações de fogo, deixam em creanças a patria pittoresca, e vão levar a Paris, para que o *boulevard* as veja crescer, toda a graça irrequieta, toda a sensibilidade fogosa, o brilho dos seus olhos nocturnos e os sorrisos maravilhosos das suas boccas de madrugada.

Chegou assim até Paris Conchita Guerra. A terrivel e fatal vaidade das hespanholas, acirrada pelo galanteio parisiense, fê-la tambem cubiçar os triumphos esplendorosos e passageiros do palco e poz-se a bailar em theatros e concertos. Acclamada, cortejada, querida, disputada, sentiu correr-lhe nas mãos o veio seductor e nefasto do oiro, que quasi sempre unge essas preferidas, que gozosas estremecem á doirada sensação, para a desillusão mais cruciante, para o final mais triste, para as peores agonias.

Um dia, com geral surpreza dos seus brazonados admiradores, Conchita Guerra, que não conhecera o insuccesso, nem soffrera o minimo transtorno da parte d'elles, desappareceu, sumiu-se com mysterio, e sem companheiro...

Houve uma grande ancia de saber, de indagar do estranho facto. A causa era bem triste.

Fascinada pelo coruscar das joias, attrahida pelo todo poderoso tinir do oiro, ebria do capitoso sabor do luxo, Conchita Guerra, que no palco exhibia, entre applausos fortes, a sua semi-nudez esbelta e moça,

que reinava nas orgias, e se reclinava em alcovas principescas, guardara no emtanto no fundo d'esse seu coração ambicioso, no amago da sua carne trigueira e perfumada, fidelidade a essa divina ordem da natureza á mulher : a maternidade.

Dentro da sua roda falsa e perversa, ella não sossobrara de todo. Tinha tres filhos, internados com todas as melhores recommendações num collegio. Nada parecia faltar-lhes. Faltava-lhes, no emtanto, tudo : a propria mãe; que nunca viam, para que ignorassem o mal.

Um dia, o filho mais novo adoece. A mãe desolada, sabendo da nova, corre a busca-lo. Assiste-o, acarinha-o, vela-o, com cuidado e com amor.

Quem sabe se para distrahir o innocente que desfallecia, ella, coitada, delirando por salva-lo, não recorreu, mãe culpada, a todos os recursos, aos maiores impossiveis, como as mães honestas? Esse seu recurso ultimo, desesperado, como seria doloroso, compungente, hallucinado : dançar, dançar bailes lascivos, requebrar o corpo cheio de dor, como se o locupletasse a volupia ou o desejo.

Ah ! como, nessa hora tremenda, decisiva, angustiosa, aquella mãe devia ter amaldiçoado a mulher que havia sido, e como, desde essa hora lugubre, a bailarina devia ter aprendido a chorar !

O pequeno morreu. A anemia devastara-o irremissivelmente. O medico depois — dantesca scena ! — explicou á mãe a causa d'aquelle mal, que assim zombara das suas lagrimas sinceras e dos seus beijos finalmente verdadeiros. O doentinho vivera sempre entre as paredes frias do collegio, como uma flor que pouco a pouco fosse murchando, sem luz e sem agua.

Ella nunca se lembrara, habitante da noite, de que a creança precisava do sol, do ar, dos seus beijos.

Era uma sentença formal. Bem quizera poupar os filhos aos exemplos da sua vida escandalosa, pretendendo assim gozar egoistamente a mocidade, enriquecer, e envelhecer num dia longinquo, que desconhecesse o seu passado, nos seus braços.

A vida vingou-se d'esse seu tremendo egoismo.

Conchita Guerra tinha no seu corpo devasso um coração ainda generoso. Se o palco e os seus mentirosos fulgores a não tomam assim, amarrada pela vaidade, seria de certo uma mãe exemplar, uma mãe alegre, já que a alegria é a melhor das qualidades da fundadora d'um lar.

Ante a dor que a purificava, Conchita regenerou-se. Deixou o theatro. Desfez-se das joias, do palacio, dos carros, dos admiradores, dos cavallos e dos principes russos. Talvez depozesse no caixão do filhinho entre as flores — talvez cravos vermelhos a lembrar sua patria — a seus pés, como um penhor de rendição, as suas castanholas negras de bailadora famosa.

Retirou os outros dois filhos do collegio, e muito modestamente se installou com elles numa casa da Rua Saint Michel. Quiz trabalhar, e essa antiga senhora d'elegancias, que enriquecera os fornecedores de modas, humildemente costurou para as burguezinhas de Paris, exigentes, graciosas e poupadas.

Mas a vida nem sempre se deixa torcer. O enorme esforço que fizera, o terrivel contraste que a sua quasi miseria de agora abria com a sua opulencia quasi real de outrora, abateram-na, fizeram-na succumbir.

Por mais que a recalcasse e a maldissesse, a saudade da gloria e do prestigio de então sobrenadava á flor de todas as suas maguas. A caricia das sedas que talhava lembrava-lhe o vaporoso dos trajes de scena que vestira. A agulha feria-lhe os dedos antes tão afuselados e mimosos. Parecia que ás vezes corria o seu corpo alquebrado e mal vestido um fremito irresistivel de agitação, de prazer, de orgia, e instinctivamente as pernas emmagrecidas repetiam os passos mais applaudidos das suas danças mais apreciadas. Olhando aquelle desconfortavel quarto que habitava, e em que ninguem a servia, pasavam-lhe pela mente, engrandecidas, aperfeiçoadas pela recordadosa imaginação, os sumptuosos aposentos que foram seus, a legião obediente dos creados que a serviam, as grandes festas em que tomara parte, o poderio do seu nome que os velhos balbuciavam tremulos, a tyrannia do seu capricho, que sonhara loucuras, ao loiro esfusiar do champagne.

Tudo isso perdera. Tinha os seus filhos, mas elles tambem pouco tinham aproveitado com o sacrificio d'ella, pois que, cheia de trabalho e de tristeza, não os podia passear, nem divertir.

Ella, que não pudera ser mãe deveras, porque quizera a vida alegre, tambem o não podia inteiramente ser agora, na vida triste.

Estiolou-se, entristeceu, victima de uma melancholia sem remedio. Tiveram de a levar para o hospital, onde penou longos dias, e outro dia enterraram no Père-Lachaise, na fossa commum, o seu corpo irrequieto e formoso de hespanhola.

Morreu por não ter podido ir buscar aos pés do

filhinho morto, entre os murchos cravos vermelhos da patria, o seu negro par de castanholas de bailadora afamada...

1908. Novembro 29.

XV

VENUS TREMENTE

Ao lado da morte, visinha das ruinas, tambem ella, filha d'uma mais velha ruina, tremeu sobresaltada, espavorida, na sua fria tribuna de museu, alem, na bella Syracusa, dilecta noiva do mar

O seu corpo, empedernido e admiravel, oscillou sobre o supporte. Decepada, talvez providencialmente para não avistar o cataclysmo horrendo, a estatua, sem olhos para as lagrimas desesperadas da atormentadora visão, sem bocca para o grito angustiado nem para a supplica pavida, estremeceu com todo o corpo que ainda lhe resta á commoção violentissima. O fremito do terror, mortal, gelado, percorreu em onda assustadora o seu torso maravilhoso, que é um prodigio de carne feita pedra, e é possivel que, ao impulso terrivel, o seu escondido coração petrificado cobrasse a pulsação tragica dos agonisantes momentos.

Agora, ao lado das ruinas, esquecida na fria tribuna do seu museu, ella é, serena e bella, a paz, a quietação formosa, que os olhos dos homens, ao esquecerem o pavor, irão fitar, para de novo bemdizerem a gloria do viver, a alegria da fórma, e

abençoarem a monstruosa convulsão que a não derrubou.

Ella, blóco de caricia, foi amada por Maupassant, que, ao vê-la na frescura esplendente do marmore harmonioso, a sagrou capaz de, só por si, compensar avantajadamente uma viagem á Sicilia.

Recordo-me de a ter evocado, com esperança, na derruida Messina, num Maio esplendoroso, sob uma grande noite radiosa, que culminava o estreito como um velario estrellado. E foi assim, na doçura calma do azul tranquillo, que melhor a imaginei e mais lhe quiz, como a um symbolo real da fogosa paixão siciliana, que eu, ao crepusculo, deixara ardendo ainda nuns olhos de mulher que me esperavam.

Não lhe sei o numero do marmoreo regimento; mas o lembrete diz assim : *Afrodite Anadiomene — statua decorativa ellenistica tarda. Siracusa* 1804 — o que significa que a sua resurreição á luz animadora data de ha um seculo, e que ha já nos sepulchros palpebras geladas sobre olhos que a viram.

Branca, degollada, com um braço perdido, e certos ruinosos estragos do tempo homicida, ella fulgura unica num fundo vermelho escuro, na sua estancia quadrada, que um rotulo consagra como a *tribuna da Venus*. No seu contorno decadente, em que o cinzel sente ancias de repouso, é talvez, de todas as Venus italianas, a mais humana, a mais sensual, a mais realista, aquella perante a qual o desejo acha preza, sem ludibrio, na rigidez da pedra.

Devia decerto ser a copia inalterante, fanatica, d'um modelo vivo, d'uma *dea vivente*, como dizia, num tregeito alegre, o professor Orsi, abalisadissimo archeologo, que, quando da minha visita, a expli-

cava a um collegio de rapazes, em cujos olhos brilhantes e devoradores se sentiam a curiosidade e a gula.

Não se lhe sabe o auctor, esse apaixonado genial, que, certo do acerto da sua escolha no amor, foi descobrir o estupendo blóco que a figura, e confiado no triumpho plastico da amada, a copiou toda sem a idealizar, repeitoso, devoto, sem nada corrigir nem alterar, preferindo divulgar-lhe as possiveis maculas, que elle não via, a modificar a minima inflexão d'essa carne para elle sagrada.

E' por isso que a estatua, que accusa certas irregularidades e desproporções de fórma, como o vigor da base em contraste com a delicadeza do busto, é uma estatua de paixão ,a mais carnal das Venus marmoreas, a grande Venus sincera, em que o naturalismo vem á face.

Alli está, esculptural e tentadora, a amante, e apenas para maior prestigio do corpo idolatrado, se lhe deram os suppostos gestos, a classica attitude de Venus irrompendo da espuma.

A critica d'arte tem ultimamente desconsiderado bastante essa estatua, um tempo tão famosa. Parte do libello deve-se á archeologia, monomaniaca de datas. Um critico auctorizado, Charles Diehl, vê, por exemplo, nella, apenas a transformação do typo praxiteliano do seculo IV, executada do 3º para o 2º seculo, anteriores a Christo, com o proposito, eminentemente decorativo, de augmentar, pelo apanhado alto das roupagens, o effeito da nudez da deusa.

Não é negavel que, com ella, estejamos longe da Venus togada de Alcameno; não é seguramente esta uma Venus pudica, sequer como as que primitiva-

mente envergavam as tunicas transparentes de Coz, chamadas de vento ou de teia de aranha; nella, evidente e convictamente, se apotheosa a carne; mas parece-me de bom dever reconhecer a elegancia quasi symbolica do pannejamento, que, quanto a mim, arvora o proposito de representar, numa feliz transposição innovadora, a concha de onde Amphitrite surgisse e onde um delphim se apoiasse, como se vê pelos restos da cauda e de uma das barbatanas á esquerda da estatua.

Seja como for, e sem entrar no debate erudito, talvez esteril, essa especial Venus do enternecido, vibrante esculptor, é a Venus passional, por excellencia, como essa outra, a Capitolina, é a Venus da belleza; aquella estupenda Venus de Napoles, a Calypigia, é a Venus da luxuria; e a dos Medicis, talvez, a Venus do pudor.

E' a Venus de Syracusa, a Venus siciliana, morena e ardente, filha provavel de um grego alli nascido, ou, quem sabe, de um artista hellenico que viesse, numa das frequentes monções d'outrora, habitar Syracusa, e alli um pouco esquecido dos canones reguladores, devotado d'alma e corpo á fórma appetitosa d'uma sicula de raça, desmemoriado talvez pelo amor das regras severas das escolas da patria, compuzesse, arrebatado e persuasivo, independente, essa Venus inconfundivel, perfeita na imperfeição, em que as reminiscencias do seu paiz se casassem ás taras particulares da grande colonia trinacriana, como o artelho largo e a base exuberante e desproporcionada.

E', comtudo, uma Venus bella, uma Venus insinuante, a Venus talvez ingenuamente feita por um

artista amoroso, que julgasse o seu modelo modelo de mulheres, e até modelo de deusas. E' a Venus de um amante, que teve a coragem de querer impor ao tempo, contra os desgastes indeleveis da carne, a fixidez mais fiel do marmore poderoso e inalteravel. Tem de particular esta qualidade e este arrojo : todas as outras são Venus ideaes, offertas ao julgamento da multidão, que as pode olhar e discutir; esta é a Venus ousada, que o auctor arrogantemente nos mette á cara, emquanto nos brada :

— Vêde-a ! Ahi a tendes : foi esta a minha amada.

Jurar não pode ninguem que essa desmesurada e desharmonica robustez do regaço da deusa, não seja mais uma sinceridade do esculptor, em ante-vesperas de se sentir pae...

Que bella creatura devia ter sido na vida essa mulher formosa, de inegualavel dorso, que ainda na pedra impressiona e tenta. O seu torso, que o geito do braço esquerdo, segurando o manto á raiz das pernas, inclina ligeiramente; o seu ventre rijo, flexivel, ainda quasi virgem; o seu busto amplo e abobadado, onde os apoios da mão ausente avultam como tumores; os seus seios redondos, fortes, bem cavados; os hombros largos, em que a curva desce suave até aos braços, onde cahe quasi a prumo : as suas espaduas magnificas, em que o marmore é tão perfeito, tão tocado, tão moldado e onduloso, que um cego lhe sentiria a caricia fremente, e onde, até para nós, o tacto pode descobrir macios pormenores que escapassem á vista : como essa deliciosa depressão dos rins; toda á fórma, emfim, que escorre do baixo pescoço que ficou, á ponta dos pés, tão incorrectos, que dir-

se-hiam retocados sem arte, ou accrescentados com mau gosto — é uma prodigiosa vivificação da pedra, uma soberba divinização do marmore, um sonho de carne num blóco magnifico.

Como eu a recordo bem, grande Venus do amor, cuja cabeça se perdeu, e com ella, talvez, a mais bella e flagrante das boccas em esculptura! Assim, enigmatica, inexpressiva, com esse corpo fecundo, a que se poderia indistinctamente adaptar um rosto fogoso de cabellos negros, rebeldes, ou uma cabeça suave de perfil agudo, com tranças loiras, macias, é ainda melhor a Venus amorosa d'esse anonymo amante que nella aprendeu a arte.

Como eu a recordo — nesta hora triste, em que toda a sua terra chora — bella Venus, que um dia viveu entre os braços do artista as horas amorosas, fugidias, quentes, que hoje evoca! Bacchante ou matrona, escrava ou patricia, é certo que esse seu corpo se premeu, se amoldou muitas vezes ao abraço do esculptor, que essa carne sentiu, antes do olhar perscrutador do que copia, o afago lento do que acaricia, porque para esculpir assim, é preciso que as mãos tambem decorem a fórma a reproduzir; para transubstanciar a tal ponto a inquieta, voluptuosa agitação de uma vida á fria, involuvel quietude de um marmore, é mister absorver inteiramente a palpitação d'esse corpo para a transmittir, tão integra, á inflexivel dureza d'essa pedra.

Pena que a cabeça se perdesse! Quem sabe se, buscando bem, se descobriria ainda, entre os labios cerrados d'essa Venus carinhosa, o sabor d'um beijo grego?...

E com elle, neste momento atroz — em que decerto

o terrifico abalo chegou a despertar o coração da estatua; Venus tremente na Sicilia agitada — a doce, bemfazeja, estupenda palavra suavizadora e piedosa, que todos buscam offertar á Italia dolorida, patria sempre arruinada e sempre triumphantemente resurrecta.

A palavra da deusa seria, provavel e excelsamente: *Anadyo!* — Eu surjo. *Anadyo!* — Resurjo, será, num dia admiravel, o grito da formosa Sicilia restaurada, ao sol e ao mar, na manhã do resurgimento...

1909. Janeiro 17.

XVI

RENASCENÇA HELLENICA

Sem duvida que a humanidade se desfeiou e perverteu, e, ao lado da vida sempre gloriosa e alegre, creou rythmos banaes e tristes, de perfido desencanto. Convencendo-se, talvez por um exaggerado espiritualismo, falsa e enganadoramente, da necessidade de domar e aperfeiçoar a natureza, os homens inventaram, em symetria com a eterna, luminosa verdade do mundo, a artificial, obscura mentira da civilisação mal entendida, da moda, do requinte, da elegancia.

Elegante é o adjectivo fatidico a que todos buscam apropriar-se, tornando a elegancia em rival da natureza. Todo o irresistivel fascinio do espontaneo, do sincero, do verdadeiro, se substituiu pela passageira, rebuscada, composta tentação do distincto, do selecto, do convencional. A propria arte, espelho de verdades, se converte bastas vezes em miradouro de mentiras, e a moda, a adultera deusa, reina despotica e indiscutidamente sobre tudo e sobre todos.

Chegámos ao seculo maximo da desverdade, do postiço, das sobrefacções. A mulher, a urna divina,

esqueceu todo o milagre maternal que em si palpita ingenitamente, e, ainda que guardando nalma o puro instincto, amoldou o corpo á imagen dos ôcos, esguios manequins, sem entranhas e sem coração.

A creança, mettida desde o berço nas mais severas e absurdas regras, dir-se-hia, perdeu todo o despreoccupado prestigio das auroras, e o homem, adorando como suprema divindade o capricho feminino, parece querer abdicar d'aquella sua rude e valorosa força de creador e luctador.

O crepusculo do amor seguiu-se a todas essas vicissitudes que o progresso originava, e os pessimistas podiam, em negro sonho, avistar num tragico horizonte futuro o verso de Vigny :

Les deux sexes mourront, chacun de son côté.

Felizmente, começa a oppor-se, aqui e alli, resistencia a esse exaggerado mysticismo da elegancia, digno d'um capitulo de Nordau, e renasce na humanidade, aos poucos, devagarinho, como as estrellas se accendem, uma sêde honesta de belleza simples, de belleza sincera, de belleza real.

Ha factos que o provam, e, caso curioso, como nos primevos tempos, são as ageis dançarinas flexuosas, de carne clara e pés brincalhões, as que abrem, nuamente envoltas em transparentes veus, o novo cortejo d'essas sacerdotisas do culto novo, do velho culto renascido, á vida, á graça, á forma.

Referirei um caso que o comprova — o da Escola de Manchester.

***

Manchester, a negra, fumarento arsenal de chaminés, constituiu-se, graças ao caritativo bom gosto d'um raro inglez, numa das capitaes da dança. A iniciativa é interessante, e vou conta-la, guiado por um jornalista francez.

O Sr. Tiller, assim se chama esse inglez raro, impressionado com a miseria prolifica do operariado manchesteriano, e talvez impressionado tambem pelas galantes creaturinhas loiras, risonhas e brancas, que, ás vezes, desabrocham nessa pesada atmosphera escura, como sahem rosas mais frescas d'uma manhã de bruma, decidiu-se a fornecer a essas pobres e numerosas familias o meio de, conservando em todo o honesto encanto a belleza de suas filhas, auferirem d'essa nova profissão feminina e gentil mais um salario.

Para isso fundou as *Dancing schools*, escolas de dança, onde são admittidas creanças da laboriosa classe. Ahi lhes ensinam a agil arte, num curso methodico de varios annos. Acabada a aprendizagem, dividem as alumnas em grupos diversos, dão a cada grupo um reportorio, uma directora amoravel, mas severa, e distribuem-nos pelos varios palcos da Europa, onde nós tantas vezes temos visto, nos seus bailes endiabrados e estonteantes, esses pequenos bata lhões disciplinadissimos e virtuosos.

A *dancing school* é gratuita; e nisso está a melhor garantia da sua efficacia e utilidade.

As pequenas artistas ficam no emtanto obrigadas, durante um certo numero de annos, para com a direcção de tal empreza. Os contractos do seu trabalho são feitos entre a casa Tiller e os theatros ou circos que os pretendem. E', portanto, esta quem recebe os seus honorarios. Esses lucros revertem, parte a favor da familia de cada uma, e parte para a casa Tiller, a titulo de amortização do custo da educação que receberam.

Parece que a instituicação tem dado excellentes resultados, e, as pequenas, optimas contas de si. A casa Tiller tem actualmente varios grupos de dançarinas, entre dezoito e trinta annos. Alem d'estas, dispõe de dois grupos infantis, um dos quaes, formado por creanças de seis a nove annos, não sahe de Manchester, onde é apreciadissimo.

Como vêm, é deveras sympathica tal obra, que, aproveitando as tendencias naturaes da creança, lhe desenvolve progressivamente o gosto artistico, ministrando a uma centena de mulhersinhas uma profissão alegre e honesta, pois é serenadoramente edificante a estatistica do futuro d'essas bailarinas. A maioria casa com artistas da sua classe, musicos, maestros, etc. Outras não casam — porque, feliz ou infelizmente, ainda se não descobriu a classe, a arte ou o officio cujas mulheres todas casem — mas acabam decentemente a existencia, como damas de companhia, creadas de creanças, perceptoras, etc.

Quem conhecer o pessimo ambiente moral das grandes cidades fabris, reconhecerá as notabilissimas vantagens da instituição Tiller. Nesses meios inten-

samente productivos, em que a rude impassibilidade das machinas e a excitação continua do trabalho parecem transmittir ás creaturas mais audacia e queimar-lhes cedo o sentimento, ha sempre, entre as operarias, alguns, senão muitos cerebrozinhos inflammaveis, que, com o descontentamento do duro mister, forjam sonhos altivos de emancipação e fortuna. A mulher é galante, por excellencia, frivola, voluvel, e tem uma necessidade imperiosa de que nella reparem.

Ora, a machina despreza-a e irrita-a, E'regular demais para a sua mutabilidade; insensivel, cruel, para a sua sêde de adulação. Em taes condições, a galanteria exacerba-se-lhes doentiamente. Todos os prazeres que a operaria sonha, como a alegria, os enfeites, os espectaculos, lhe estão ou se lhe afiguram vedados; e, desilludindo-se, a pobre creatura mergulha nos amores peccaminosos, no vicio, na desgraça.

A percentagem viciosa é, no geral, elevadissima nos centros industriaes. A operaria é quasi sempre uma rebelde, que começa por perder-se a si propria. Seria interessante, se não levasse tão longe, fazer aqui a psychologia curiosa e afinal rudimentar d'essas inadaptadas.

A mulher não está ainda sufficientemente costumada ao trabalho forte, para que a vida de operaria a não desgoste. O desgosto é o peor conselheiro, e é no desgosto que reside a causa primaria da depravação feminina nos meios industrializados, desgosto que alliaz tambem, quasi completamente, explica o exaggerado alcoolismo d'esses mesmos centros. A operaria que nascer mais galante (ia quasi a dizer —

mais normal que as outras) e mais bella, está perdida de antemão. Ella não encontrará á sua roda nem os grandes exemplos de honestidade que tanto fortalecem, nem a belleza que nobilita, nem a paz bemfazeja do lar, nem os amores puros e sadios. Verá a lucta, a desordem, a fealdade, a miseria horrorizante dos lares tumultuosos, a deshonra miseravel das companheiras, o triumpho cynico dos seductores, e o perigo de ser mãe.

Nessa treva espessa em que o seu espirito vacillante estremece, redobram a sua ancia de felicidade e o seu desejo de libertação. Só uma porta parece abrir-se que a leve á luz : a dos amores traiçoeiros, degradantes, luxuosos; o mercado de si propria. Dominada pela descrença, julgando achar uma solução, toma por ella, e maior desgraça encontra.

Convencido estou que a duvidosa moralidade d'esses centros industriaes se deve, mais do que a um mau instincto, aos bons instinctos da mulher contrariados.

Dêm a essa creatura as festas de que a sua alegria carece, o noivo terno que a sua alma sonha, uma casa clara para trazer limpa, um vestido barato para parecer bonita, flores para se adornar, um filho pequenino e horas para as perder olhando-o, mostrem-lhe a doçura feliz da virtude, permittam-lhe rir e sonhar, e ella será alegre e será boa, será amante e será amada. Nas cidades industriaes, em que se tem cuidado, com logico espirito, de dar belleza ao operario — belleza na casa e belleza no espirito — a moralização do meio faz-se com uma rapidez significativa. Dêm á rapariga das fabricas um boccadinho da alegria galante que a sua alma inconsciente e sãmente re-

quer, e ella será honesta sem sacrificio nem esforço. O exemplo das operarias-bailarinas de Manchester é concludente. Deixam-nas ser formosas, admiradas, ensinam-lhes a dança, dão-lhes palmas e flores, e o seu sorriso alegre zomba das seducções do vicio, e vive, como um anjo da guarda, vigilante e protector, a seu lado contra o mundo.

E' que a arte, por mais futil, pode levar ao amor, mas nunca ensina o mal.

1909. Fevereiro 23.

XVII

NIL NOVI...

Decidamente, a epocha indecisa e engenhosa que atravessamos, melhor que nenhuma, justifica o velho adagio de Salomão. Nunca o sol cobriu menos novidade; nunca a terra desencantou mais velharias.

Sendo o nosso tempo de reconstituições, havendo cada vez mais densa no ar a superstição do passado, ha tambem a mania de rebuscar filiações, antecedentes; teimosa mania, estraga-prazeres, que a tudo encontra remotas origens e historias compridas.

Às maiores novidades são logo reduzidas pelos estudiosos commentarios ás maiores velharias. Cada invento, por mais recente, topa immediatamente um antiquario eruditissimo, que lhe apura antepassados authenticos ou falsos, mas que, em todo o caso, lhe invalidam a originalidade.

E' curiosa, não haja duvida, esta nossa epocha hesitante e nervosa, e mais curioso é ainda o presenciar como essa intensa febre de pesquizar o velho — excellente compensação para quem se não atreve a desvendar o novo — tira todo o inedito e todo o pittoresco ás descobertas e factos de agora.

Não tardará muito que se prove ter sido Icaro o

inventor dos aeroplanos, ou Pégaso o primeiro cavallo... de automovel. Quem sabe se algum sabio não estará a estas horas encalvecendo para, mais dia, menos dia, nos provar que Eva, nossa mãe muito amada e discutida, foi, ao repetir as palavras tentadores da serpente, o mais primitivo dos phonographos, ou que o diluvio não passou de um agitado sonho de Noé, depois de inventar a vinha, o vinho, e os seus effeitos?

Attribuiu-se a Theramenes o descobrimento da roda, quando muito antes d'elle já a Fortuna improvisara com a sua roda o cyclysmo. Se houve quem, não ha muito, se entretivesse a demonstrar que Napoleão, com cavallo branco e tudo, não passava de um mytho, pode esperar-se que outrem se divirta a explicar que um qualquer mytho era, afinal, Napoleão. Como os automobilistas arvoraram em seu patrono. S. Christovão, esse espadaúdo santo sem pneumaticos nem gazolina, possivel se torna que um inventivo nos venha um destes dias ensinar que a passagem do Mar Vermelho foi uma fita applaudida num primevo, biblico animatographo...

A erudição não tem limites e, portanto, aguardemos cada dia, com o pão nosso, a nossa surpreza. Desde que se apurou que os gregos conheciam o *radium*, e que as mumias egypcias dançavam o maxixe, tudo se investigará, seja Venus como primeira belleza profissional, seja Dallila como matriarcha do feminismo, ou Tullia predecessora das mulheres-cocheiros, já que o feminino da palavra está occupado pelos carros e alimarias.

Tudo era velho, mas actualmente tudo é velhis-

simo — são os investigadores que, a cada passo, o dizem.

Em Berlim, por exemplo, surgiram mysteriosamente, nas suas illuminadas ruas de hoje, temiveis e mysteriosos estripadores de mulheres. Appareceram barbaramente anavalhadas, por invisiveis mãos sceleradas, varias allemãs novas. Logo apparecem, tambem sceleradamente feridas por barbaras mãos invisiveis, diversas jovens de Copenhague. E' o contagio, a rapidez da civilisação.

Jack, esse terrivel estripador inglez, mysteriosissimo, que no seculo passado tanto alarmou o publico universal, parecia começar a ter filhos crescidos. Pois abre-se uma gazeta de França, e logo se vê que o caso é velho, e nasceu em Paris, talvez para maior gloria do *cerebro*...

Affirmava-o em 1820, numa carta ao major Von Knebel, Carlota Schiller, a mulher do grande poeta : « Entre as excentricidades que, como as epidemias, assolam as cidades e ás vezes inteiras regiões, deve citar-se uma *espiéglerie de très mauvais aloi*, que assustou bastante Paris este anno. Uns certos individuos, a que puzeram o nome de *piqueurs*, entretinham-se de noite nas ruas, e mais especialmente no Palais-Royal e nos *boulevards*, a ferir mulheres com instrumentos aguçados, que traziam escondidos na mão ou atarrachados ás bengalas e chapeus da chuva. »

Carlota Schiller accrescenta que o que ella chamava « uma brincadeira de mau gosto » tinha tido imitadores em Londres, Bruxellas, Hamburgo e Munich, e que, durando, sem se lhes descobrirem os auctores, taes attentados algumas semanas, cessaram

de um momento para o outro, inexplicavelmente.

De modo que os estripadores de Berlim e Copenhague nada innovaram : repetem, apenas, *piqueurs* modernos, uma pagina quasi secular da chronica parisiense.

Nil novi...

***

Isadora Duncan — para citar outro caso — tem maravilhado ultimamente o publico francez com as suas danças antigas e as suas infantis alumnas. Pois, alem das suas competidoras modernas e gloriosas, como Maud Allan, já se apurou que a mania da resurreição das danças gregas é muito velha.

Madame de Stael e Gœthe referem-se a ella, e numerosas memorias a registram. Assim, em fins do seculo XVIII, existiu um dançarina celebre, Emma Hart, que, dedicando-se á evocação dos bailes classicos, enthusiasmara até ao casamento um archeologo apaixonado, sir William Hamilton, representante da Inglaterra em Napoles.

Gœthe, seu convidado, viu-a dançar, em 1787, na *villa* que habitavam em Posilipo, e escrevia deslumbrado :

« Sir William Hamilton, que estudou profundamente a natureza, descobriu na pessoa de uma bella mulher a mais alta expressão da arte e da natureza. Vestida de uma tunica grega, que lhe vae muito bem,

solta os cabellos, agarra num veu, e entrega-se a uma serie d'attitudes expressivas, que realizam, aos olhos do espectador, o sonho de incontaveis artistas. Sabe ageitar as dobras do veu differentemente para cada um dos seus gestos e arranjar cem toucados diversos com um mesmo pedaço do tecido. O velho sir Hamilton illumina-a, erguendo um castiçal. Affirma que encontra nella toda uma collecção de perfis antigos, eguaes aos mais bellos cunhos das medas sicilianas. »

Confessemos que essa louca admiração, que faz andar um marido edoso a alumiar com uma vela, para os outros verem, as graças adolescentes da esposa, sendo um symbolo delicioso de ternura conjugal, pode attenuar o valor do elogio dos visitantes, principalmente, quando a visita se chamava Gœthe. Comtudo, verdadeira seducção artistica devia desprender essa figurinha lembrada dos tregeitos gregos, para que o poeta que convivera com Fausto e conhecia todos os esplendores da terra fundisse em tão exalçantes palavras insophismaveis a impressão que ella lhe produzira nessa hora encantadora.

Não contente com offerecer aos amigos o raro espectaculo das danças da mulher, mandou sir William Hamilton fazer uma grande caixa sem tampa, pintada de preto, e rodeada por uma sumptuosa moldura doirada. Lady Hamilton collocava-se dentro da moldura, e sobre, o fundo negro d'esse estranho camarim, imitava as estatuetas de Pompeia ou de Tanagra.

Houve um allemão, Rehberg, que fixou as attitudes de Emma Hart, num album de treze gravura-

que fez o giro da Europa — e talvez, afinal, convencesse alguns maridos ciumentos a dignamente buscarem, como esse probo estudioso de Posilipo, um mais realçante quadro para a formosura de suas damas, missão generosa a que muito se dedicam certos esposos d'agora.

Nil novi...

***

Como se não bastasse essa diplomatica e tentadora senhora ingleza para avoenga gentil de Isadora Duncan, deram-lhe outra : Ida Brun, uma dinamarqueza prodigiosa, que, salientando-se na pantomima e no bailado, entrou de viajar, acompanhada pela mãe.

Em Italia, teve a suprema honra de dançar deante de Canova e de Thorwaldsen, os dois inspirados estatuarios. Na Allemanha conheceu Gœthe e Wieland. Na Suissa foi hospede de Madame de Stael, juntamente com Benjamin Constant e Schlegel.

« A sua dança — disse Madame de Stael — é uma serie de passageiras obras primas, que se desejaria fixar para sempre uma a uma. »

Schlegel denominou-a *filha querida das Graças* e fez-lhe versos em que se lê: « E' o contrario do que realizou Pygmalião quando o marmore se animou á sua ordem : na sua dança apparecem voando as figuras creadas pelo cinzel dos gregos. »

Tinha então quatorze annos, apenas, o que torna

verosimil uma deliciosa anecdota passada com essa loira creança de olhos azues. A mãe, enthusiasticamente romantica, levou-a de madrugada a uma montanha para lhe mostrar o nascer do sol. A pequena, com o seu frio temperamento, nada dizia ante o espectaculo.

— Não te faz sentir nada este deslumbramento? — perguntou-lhe a mãe maravilhada.

— Não, não sinto nada.

A mãe, desesperada com a impassivel resposta da filha, dá-lhe uma tremenda bofetada.

— E agora?

— Agora senti alguma coisa, minha mãe...

Ida Brun casou aos vinte e quatro annos com um diplomata francez, o conde de Bombelles, d'onde se concluem, mais uma vez, os destinos coreographicos da diplomacia em todos os tempos.

Nil novi... afinal.

1909. Fevereiro 28.

XVIII

TANTALA

Era, deliciosamente, encantadoramente, á beira do mar. Os pinheiros salgados, escuros, acompanhavam cuidadosos com suas sombras, como umbellas sagradas, os passeantes, querendo rete-los alli, sobre a caruma fresca, nesse silencio morno das arvores e dos homens, áquella hora calorosa, em que o sol entornava, como uma taça borcada, o seu summo de fogo. O mar, inquieto em toda a sua calma, acenava brilhante, rolando preguiçoso sobre a areia, quente como um seio de mulher que o perturbasse; leves espumas afloravam como pequenos sorrisos brancos nos labios azulinos das ondas pequeninas; e um rancho de creanças brincando sob um toldo branco, na praia, lembrava a primeira tenda de uma nova humanidade mais alegre.

Do pinhal divizava-se bem o mar quieto e azul, limpo de azas e velas, e avistava-se mal o grupo buliçoso dos petizes, porque, bordando a linha ferrea, uma grande sebe de cravos se estendia triumphal, aguerrida, e atravez d'ella os risos infantis, ganhando petalas, chegavam perfumados,

coloridos, como se fossem ainda cravos que pulassem contentes lá em baixo.

O craveiral balsamico, victorioso, guardava, estendendo-se-lhe a todo o redor, uma casita de campo, clara, fresca, despretenciosa — Villa Cravo chamada — cujas janellas, de par em par abertas, pareciam anciosamente beber a luz, sorver o ar.

O dia luminoso banhava-a de esplendor; os cravos ardorosos envolviam-na de perfume; o riso das creanças, subindo sadio da praia assoalhada, devia trazer-lhe a alegria.

Assim pensava eu, vendo tão esplendidamente convincentes, tão irresistivelmente inspiradores de alegrias, os cravos, o mar, o sol e as creanças, que, todos, me conquistavam á sua causa, emquanto no pinheiral eu gozava, na larga sombra de um copado ancião d'aquelle bosque, o prazer sobrehumano e magnifico de viver, de viver esse dia obra-prima, de viver, na paz harmoniosissima das suas horas, o encanto harmonioso das suas coisas.

Do meu tranquillo repouso assombreado, descobria inteiramente a fachada modesta da olorosa Villa Cravo, e se a sua dona, linda ao que diziam, assomasse a uma das varandas, eu logo satisfaria a imperiosa curiosidade que tinha de conhece-la, para logo a compadecer, desde que me contaram a sua triste historia cruel de martyrio e resignação.

Duvidei da narração que ouvira; o dia embriagador quasi a tornava inverosimil. Podia lá existir, maleficamente, tamanho soffrimento naquella casa clara, entre cravos rescendentes, a dois passos da praia, defronte d'este pacifico pinhal, ao alcance das risadas puras, das risadas frescas, que esvoaçavam

continuamente da tenda alegre de ao pé do mar? Sonho doentio fôra o que o amigo me contara, num dia em que havia nuvens — nuvens que queriam afogar o sol.

Consegui d'esse modo espavorir a historia cuja lembrança me pungia, e d'alma vasia, olhos sem sentido, entregar-me ao silencio, ao repouso que reinavam, confirmados, de vez em quando, pela bulha risonha dos petizes a brincar. A Villa Cravo alli estava, tambem serena, tambem desannuviada, tomando o sol, gozando o silencio, olhando o mar e o pinhal, sem dor, sem lagrimas, clara, appetitosa. Não são assim os carceres do pezar; são todas outras as prisões onde se soffre. O meu amigo enganara-se, confundira, mentira, e ainda bem.

Ia encostar, de coração tranquillo, a cabeça a um petreo travesseiro d'ermita, para, dormindo, ser tambem uma coisa naquelle delicioso concerto de coisas serenas, livres do homem, quando, ao procurar o menos peor geito á rijissima almofada, atirei os olhos, por acaso, até uma das janellas da Villa Cravo, e vi, finalmente. vi, debruçando-se, uma gracil figurinha.

Todo o meu glorioso raciocinio se desvaneceu : a triste historia ouvida accordou nitida, integralmente no meu espirito. Era ella, a pobre desditosa. Ella era essa mulher ludibriada, trahida, acorrentada. Soffria, soffria serenamente, compadecidamente, identificada, obediente, com essa maior agonia das amarguras, que é um certo sorriso, reverso mentiroso da medalha do martyrio, que para a alma traz sempre volvido o seu verso de desesepero e de lagrimas — d'essas lagrimas intimas, seccas

como pontas de punhal, seguidas como os grãos de uma ampulheta, que não se escoam, não se infiltram, não porejam nos olhos, e por isso se avolumam e pezam e opprimem, contidas, guardadas, accumuladas. Soffria, e soffria muito essa figura airosa, e soffria assim, ataviada, discreta, sob todo esse sol creador, que era, ardentemente, como uma enorme blasphemia do ceu indifferente, do surdo ceu ignorante.

***

Muito nova, creança ainda, quando as promessas das suas graças mal espigavam, e ella pouco mais conhecia do mundo do que o que a sua boneca lhe ensinara, pensaram os paes em lhe dar um senhor. Escolheram-no, como se fosse noivo para elles, a seu gosto. Ella, que ainda não dera pelo coração, não protestou; sorriu até a essa ideia de ter marido; e o casamento, com enxoval e convidados e carruagens, pareceu-lhe divertido como um brinquedo novo, como um jogo complicado, em que entravam novos e velhos, em que se recebiam prendas e se comiam confeitos. A ida á egreja lembrou-lhe a sua primeira communhão, que julgou repetir. Achou graça ao vestido branco, ás flores de laranjeira, ao banquete, e a viagem de nupcias, que lhe annunciaram, tomou para ella os ares de um passeio, como os que dava com a familia ao domingo, para o campo, para os jardins, ou até aos coretos para ouvir a musica.

Quando o padre lhe pediu o sim, esteve quasi a dizer não, por brincadeira. Era então alegre, tinha treze annos.

Assim casou, sem prazer, sem remorso, sem sabor. O marido tratou-a bem nos primeiros tempos; depois descuidou-a, passou a insulta-la, a engana-la, a bater-lhe. Os paes, que o sabiam sempre em orgias e aventuras, indignaram-se, intervieram, e tiraram-lha.

Trouxeram-na outra vez para casa, para o quarto de solteira, onde ella encontrou, sem surpreza, mas já sem alegria, a sua boneca, despedaçada pelas saudades. Começou então o seu martyrio. Com o marido não conhecera o amor, nem o ciume, mas conhecera a vida — o que era mil vezes peor — e agora sentia em todo o seu ser iniciado a ancia de amar alguem, de amar, pelo menos, alguma coisa — se os homens todos fossem como o outro — mas uma coisa que ella escolhesse livremente, independentemente, sem a tutella paterna, sem a pressão maternal.

Os paes, que lhe arranjaram uma separação judicial, decerto d'isso se aperceberam, e, desde então, todo o seu trabalho, carinhoso mas doloroso, é guarda-la, defende-la do amor, de uma sympathia por outro homem, de um primeiro capricho, que, nas especialissimas condições em que ella está collocada por culpa d'elles, seria, segundo elles e segundo as leis, a deshonra, a vergonha.

Entre tantas commoções seguidas, a saude d'ella vacillou, doeu-se, e, muito fraca, é agora uma eterna convalescente de um mal sem remedio. Os paes, que a adoram, e tanto, que a perderam, tem-na passeado

pelo mundo, levado a quantos medicos ha, sujeitado a todos os tratamentos, mas a filha não lhes sara, e alli está á janella, pallida, meiga, quasi formosa no seu ar doente, timida, com uns olhos receosos, que têm medo de descobrir na terra o que em sonhos desejam, que querem ver e sabem que não devem, que se entristecem por não encontrarem o ideal, e mais soffrem quando o encontram.

Olhos scismadores, timidos, disfarçados, como ainda outros não vi — eu do meu posto os gozava, sem que elles lograssem descobrir-me.

Dentro de pouco, veiu a mãe para a sua beira, beijou-a muito, e de mão estendida, foi-lhe mostrando as bellezas que se ostentavam. Estive para interromper a veneranda senhora, e dizer-lhe, muito simplesmente, ou que se calasse ou que não mentisse.

Ella insultava a dor de sua filha, querendo consola-la assim, d'essa maneira falsa, em que a sua velhice egoistamente proclamava, apenas, o que lhe agradava. O mar, o ceu, as creanças da praia, os cravos, tudo hallucinadamente gritava, exaltava, cantava o amor. O proprio dia, tão bello que augmentava o sabor da vida, era todo um poema amoroso, em vinte e quatro horas divinas. O mar suggeria caricias languidas, o sol inspirava beijos violentos, a areia tepida suggeria um leito nupcial e os cravos, esses cravos doidos, esses cravos rubros, esses cravos mil, eram boccas, boccas sequiosas, boccas frementes, boccas saciadas, loucas boccas amorosas. E as creanças que riam e brincavam, que eram, senão penhores vivos de amores felizes, fructos loiros do amor, premios de paixão?

Como hoje, este hoje esplendoroso, assim seria

aqui e em toda a parte, e mostrando á sua filha seja o ceu, a terra ou as flores, os homens ou as messes, os campos ou os salões, as cidades ou as estrellas, só lhe mostrará, só lhe lembrará o amor, universal senhor, razão do mundo, força das raças.

Sua filha, minha senhora — dir-lhe-hia eu mais — soffre do peor dos males, do mal da convenção, que a levará de preferencia á cova, em vez de a conduzir honestamente á felicidade. Se a senhora conhece, e todos a conhecemos, a historia de Tantalo, sabe o mal da sua menina descórada. Ella tem sêde, e está á beira da agua : tem fome, e tem um fructo perto de seus labios; não póde, porem, beber uma, nem comer o outro. V. ex. sabe porquê...

Simplesmente, talvez Tantala seja mais feliz. Tantalo não morreu.

***

Entristecido com a triste sorte de tão lastimavel creatura, deixei o pinhal, e fui para a tapada, quasi sempre deserta. Andados alguns passos, dou, porem, com um respeitavel cavalheiro a conversar, bastante compromettido, com uma rapariga nova.

Não quiz enfirmar-me muito; mas ia jurar que era o pae de Tantala. Era, pelo menos, sua a grossa bengala que lhe estava á beira...

1909. Junho 6.

XIX

RITA SACCHETTO

Eu estou em que o futuro pertence á dança. Realmente, de todos os lados surdem, nesse campo insinuante, tentativas innovadoras, ensaios novos, ineditas phantasias e deploraveis excentricidades — o que tudo demonstra um formigueiro latente de futuras dançadoras mais ou menos inspiradas, mais ou menos creadoras, mais ou menos bellas.

Depois das gloriosas, como Maud Allan, que a alta sociedade de Londres acolhe deferentemente; de Isadora Duncan, que alfim conquistou Paris e começa de industriar no seu sonho grego a graça toda outra das francezinhas arrebitadas e galantes; de Loie Fuller, a exhimia princeza das chammas, castigada cruelmente pela luz, que ella tão bem domou, e entra de cega-la; um enxame saltitante, piruetante, voluptuoso de creaturas irrompeu, atrevido, chusmarento, quasi assoladoramente, por esses palcos fóra, nos theatros, nos concertos, nos *cabarets*, nos *music-halls*, nas baiucas mais sordidas e nos amphitheatros mais esplendidos, e ao lado das orchestras, que o virulento padre José Agostinho chamava « viveiros das cigarras », impro-

vizaram-se buliçosos e fornidos viveiros de borboletas, de libellulas, de moscas de cor, que vêm, que vão, que saltam e se agitam cadenciosamente, variando, enriquecendo as attitudes, volteando, deslizando, movendo-se, e finalmente, cobrando bons preços.

Triumpha a dança, e nos tablados a mulher moderna, franzina, perversa, desmaternizada, tenta, com muito esforço mas pouco resultado, enfileirar tambem ella nessas repetidas figuras rimadas dos frisos hellenicos, dar a sua mão cuidada, incrustada, fina, á mão nua e simples das virgens das antigas seitas e das antigas pedras. Pretende-se repetir a Grecia irrepetivel, renascer a Hellade eternamente morta; copiam-se as métopas esquecidas, os frontões das aras decepadas, os bojos coloridos dos vasos, os frescos apagados, os tampos dos sacrophagos; reconstituem-se os trechos dos poetas, as laudas dos historiadores, os contos dialogados dos philosophos, improvizam-se *tanagras*, contrafazem-se sacrificios, bacchanaes, olympiadas.

A quem, com paciencia, ha annos viesse annotando esse movimento interessante, deleitoso, rendoso talvez resultaria um bosquejo pormenorizado sobre as successivas fórmas e vicissitudes dessa bailante cruzada, que — preciso é reconhecer-lhe esse merito — atravez da manifesta hostilidade do publico ineducado e do escarneo feroz dos profissionaes ameaçados da velha escola coreographica, gymnastizante, tem, pelo menos, conseguido desbravar o caminho, aplacar as susceptililidades, polir as inimizades e captar, senão o enthusiasmo, a annuencia das plateias — esses pacificos rebanhos de curta indignação.

A verdade é que o conjuncto d'essas dispersas tentativas de reformação da classica dança acrobatica tomou foros d'um emprehendimento attendivel e serio, e que, nessa atmosphera ainda indecisa mas já palpavelmente fecunda, se sente a approximação do genio que lhe garantirá a definitiva maneira. Estamos em presença da hora mysteriosa e gravida que cria o creador. Num dia proximo, elle ha de nascer predestinado, com o triumpho no seio e a nova arte na alma, quer como um maestro portentoso, que leve com a musica a eurythmia dos corpos a um novo prodigio, quer como uma mulher assombrosa, que renove com a sua belleza toda a dynamica da sua fórma.

Não ha duvida que a dança velha, a dança difficil, a dança musculosa, caduca, fraqueja, estacionou. A dança dos Vestris, de Pécourt, de Ballon, da Camargo, de Maria Sallé, da Taglioni, de Fanny Essler, de Gardel, parece encerrar a sua epocha. A typica bailarina de malha rosa, saial de escumilha e corolla de tarlatana — a duvidosa flor dos palcos d'opera — cuja desbelleza flagrante Dégas tão amorosamente disfarçou no seu quadro celebre, essa mulher agil, de artelhos fortes, mais elastica que flexivel, mais acrobatica que feminina, essa mulher-pião que, puxada pelo destro impulso, girava vertiginosamente sobre si mesma aos compassos convidativos da partitura, essas creaturas de perna leve e levissima cabecinha, que tamanho papel dissolvente e fascinante desempenharam nos romances de amor, agonizam, vacillam, tocam o seu fim, e parece que já se notam nas malhas esticadas lividas manchas de decomposição. Esse seu saio de gaze —

— tão bem comparado por uma senhora resentida á tunica dos martyrios — é uma corolla murcha, que até nem já seduz o empedernido, lubrico, lyrico frequentador, que, egualando-a, segundo a gasta imagem, a uma flor invertida, gostava de a ostentar a seu lado, com ternura, como uma orchidea cara que alfinetasse na lapella.

Morre a bailarina. Nunca lhe quizemos bem, porque sempre o seu aspecto se nos afigurou, aleijadamente, uma das mais horrendas figuras humanas. Não lhe quizemos nunca tambem mal, já que algumas havia que cá fóra, vestidas de gente, eram lindissimas mulheres. A sua morte, por tal, não nos commove, e se no seu enterro muitas ca, sacas irão a chorar sobre os peitilhos luzidios, nós, descobrindo-nos reverentemente, não iremos levar flores ao seu epitaphio curto, que deve, com poucas variantes, ser assim : *Ci-gît la crinoline* — e tenho de o copiar em francez, porque creio que jámais houve portugueza capaz de atar á cintura o horrivel desgracioso *tutu* de musselina. A arte d'essa dança ficará essencialmente franceza e italiana, e em francez ou em italiano tem de ser gravado o laconico epitaphio das rainhas dos *entrechats*, dos *passe-pieds*, das *musettes*, dos *tambourins*, dos *chássis* e dos *jetés*.

***

Todo esse coreographico arrazoado vem a proposito de Rita Sacchetto, uma artista que tem dado no

D. Amelia, com pouco successo, alguns espectaculos do que ella chama : *Renascimento da dança lyrica e dramatica.* Vem de Madrid, onde o rei a convidou a dançar em palacio e a applaudiu com a aristocracia. Rita Sacchetto, uma mui interessante figura de mulher, é uma das muitas que, vendo boa a monção de apresentar ao publico novidades, tentou fazer da dança uma coisa sua, escolhendo umas musicas, que diz interpretar inteiramente a seu modo, e compondo uns trajes, por vezes primorosos, copias d'isto e d'aquillo, arranjando, emfim, um programma agradabilissimo e desenfastiante, cujos unicos defeitos — alem dos que citarei — são o prurido de originalidade modernista e o excessivo estrondo que em sua volta fizeram as gazetas durante uma semana, dando-a como o *nec plus ultra* da nova arte, ainda sem nome, pois o primeiro, orgulhoso, capricho d'essas gentis innovadoras é não serem bailarinas.

A curiosidade do publico, assim instigada, cria perigosas responsabilidades a quem tem de as satisfazer, e o caso previsto foi que a uma plateia numerosissima, selecta, anciosa, Rita Sacchetto deixou desilludida. Em justiça, deve notar-se que a culpa não é toda dos seus numeros, que cabem melhor no capitulo divertimentos, do que na epigraphe da arte. Lisboa, que não é das cidades que mais gosta de dançar, por indole ou par falta de preparo, não aprecia a dança, talvez porque, erradamente, a considere uma arte inferior. Em S. Carlos, no mais extraordinario dos bailados que lá se possam dar — e não são vulgares nessas condições — Lisboa não applaudirá, ainda que uma phenomenal bailarina

appareça a piruetar genialmente. Pode vir um novo Augusto Vestris, *o rei da dança*, de quem o pae, esse impagavel Caetano Vestris, dizia « qu'il ne touchait terre que pour ne pas humilier les camarades » — Lisboa permanecerá de gelo. A Cleo de Mérode, rainha honoraria da Belgica, que é uma estrellinha insinuante nas suas danças francezes e orientaes, foi ruidosamente pateada no Colyseu dos Recreios. Em dominios de Terpsychore, Lisboa approva os dengosos e falsificados bailes de Hespanha, que aqui trazem frequentemente bailadoras ignorantes, e, como toda a capital civilizada, admitte os fandangos selvagens do *cake-walk* e do *kicking*.

Deixando, porem, ao publico o seu gosto, tão livre como a nossa opinião, vamos á lyrica dançadora — e assim lhe chamo, para que ella se não zangue com dizer eu bailarina...

Rita Sacchetto, que é filha de pae italiano e mãe austriaca, nunca aprendeu a dançar. Certas musicas, porem, começaram de despertar nella movimentos e sensações; foi seguindo esse natural pendor, requintando-o, aperfeiçoando-o, e um dia lançou-se aos palcos, desejosa de comunicar ao publico as suas impressões pessoalissimas de alguns maestros. Impressões, é a palavra que lhe compete: nisso, que ella denomina *dança lyrica e dramatica*, é uma impressionista. Mas como muito mal iria, na pintura, a um impressionismo que ignorasse o desenho, mal vae a esta dançadeira, que não sabe dançar. O seu trabalho, que. baseado na arte que é afinal o seu estribo, a dança, muito realce poderia ter, fica, privado da base essencial, dubio, confuso, cortado, sem quasi nenhuma efficacia communicativa. Percebe-se, com

esforço e paciencia, o que ella quer indicar, mas desde logo se affirma que Rita Sacchetto o não consegue, porque aos seus esboços, ás télas que são as suas scenas — e a artista é tambem pintora — falta a ossatura, o alicerce, o traço fundamental, que imprimissem contextura seguida e unidade impressiva aos seus numeros. As suas danças são como certos quadros que precisam um nome por baixo: quasi nunca pertencem aos melhores.

Como dançadora — e eu persisto em não a melindrar — os seus espectaculos são fracos. Nas Danças Hungaras de Brahms, por exemplo, appetece dar-lhe um mestre de baile, e na terceira Dança Hespanhola de Moszkowky, todos os movimentos que pertencem á base são dados, suggestionadamente, pela artista, com o busto, principalmente com os hombros, que se torcionam aborrecidamente.

Fallei ahi em suggestão. Ella entra em grande parte no trabalho de Rita Sacchetto, que, ia apostar, deve ser, em grau alto, uma hysterica auto-convencida de transmittir pormenores e impressões, que, absolutamente, não communica. Atravez do binoculo, lê-se-lhe, na expressão dos olhos, que são perturbadores, e nas inflexões do rosto, o esforço interior que ella realiza, o que pode fazer cruelmente dizer que, muitas vezes, dança para dentro.

Apezar de tudo, ella é uma insinuante figurinha de desiquilibrada e de voluntariosa. Se, como dança, os seus numeros falham, ella vence como pintora. A composição dos seus numeros é sempre d'um completo bom gosto, e num ou noutro, d'um sentimento decorativo requintadissimo. Citarei as suas Danças

Hespanholas, em que ella, com uma rodada saia preta, de barra de velludo, com um precioso chaile bordado a oiro, preso na cintura, o seu corpete de velludo com egual bordadura, uma banda encarnada cahindo do hombro esquerdo, e na cabeça uma rodilha de oiro com cravos rubros cravados, é uma deliciosa, encantadora figura de Goya, a passeio, fóra da moldura. Envolve-a á entrada uma capa negra, mysteriosa, de que a sua cabeça, em que os grandes brincos jogam, emerge provocante, airosa, altiva. Depois agita-a e desdobra-a, e o forro, todo encarnado, flammeja, reluz, barbaro, impertinente. E volteando-o, ao sabor da musica, expondo-lhe ora uma face, ora outra, Rita Sacchetto, com a sua capa negro-vermelha, as suas timidas castanholas, os seus pouco castelhanos meneios, consegue, com intelligencia e arte, dar uma impressão fugidia, apressada, estranha, da Hespanha, que essas tres cores maravilhosamente definem : o negro dos seus mysterios e dos olhos das suas mulheres; o rubro da sua alegria, da sua festa e dos labios das *majas*; o oiro do seu sol, do vinho andaluz e das tranças sevilhanas.

E' uma impressão hespanhola dada por uma estrangeira, mas graciosa e linda, picante, como picante e gracioso seria o *olé*! adulterado, que a artista poderia pronunciar com toda a sua alheia pronuncia.

Ainda assim, ao olhar o seu garavim de oiro, e o seu manto de fogo, pode lembrar-se a quadra patriotica de Rueda :

> De sangre y oro se viste
> Nuestra española bandera;

No hay oro para comprarla
Ni sangre para vencerla.

1909. Junho 13.

XX

UM NOVO OBJECTO

A mulher: prenda esplendida do mar ao sol ditoso de Chypre: mysteriosa especie, que na natureza marca a passagem da flor á estrella; rainha carinhosa das bugigangas; tem, segundo a verosimil informação de uma revista succulentamente fertil, mais um objecto ao seu serviço mais uma coisa inutil para a servir a ella — a coisa insigne.

O mesmo é dizer que o ser formoso e fragil, a creança incorrigivel e avantajada, possue mais um brinco, mais um mimo, na sua vasta collecção de coisas de capricho e coisas de entretenimento e seducção. O arsenal vastissimo em que Eva sóe brincar, no ocioso deslizar das suas horas vasias, enfiando os seus dias como um fio levissimo de contas ôcas onde ella se vae armar invencivelmente, com os seus mil nadas irresistiveis, para as pelejas deseguaes do amor — esse nada glorioso — conta com mais um petrecho galante no seu catalogo volumoso, cuja primeira reliquia deve ser a maçã compromettedora do frugal paraizo biblico, e cuja preciosidade maior será, — no dia infeliz em que o sol desappareça. para sempre desilludido, atraz d'esse

athaude que definitivamente sepulte a illusão e o sorriso vigoroso do homem — a mortalha sacratissima da ultima mulher, que na terra percorra, por entre a palpitação lucillante das palpebras desejosas, a sua estrada de graça, ao clarão ardente e implorador dos corações a arder nos peitos robustos como supplices almenaras em expostas torres ameaçadas.

Escusado é dizer que a invenção do novo objecto, a que resta saber se a Eva universal dará a sua sancção, se não deve a uma mulher. Seria exigir demais á nossa differentissima semelhante o pretender que ella, com perigo de encarquilhar a fronte lisa, se entregasse ao descobrimento dos petrechos complicadissimos da sua galanteria. Deus inventou-lhe o cabello, e ella depois aprendeu a pentear-se com os cabelleireiros.

Não compete ás creanças a fabricação de seus brinquedos. As bonecas, — essa humanidade de porcelana com musculos de elastico, — não nascem no regaço das minusculas mãesinhas que tanto as acariciam e as esfrangalham. Vêm á luz, com seus olhos de vidro, em ninhadas colossaes, que as fabricas estrangeiras produzem em açodados partos monstruosos. A maioria tem patria diversa da terra de suas pequeninas donas, o que explica sufficientemente certas desintelligencias vulgarissimas entre as pequenas mães e as pequenas filhas. Exceptua-se, talvez, essa outra simile-humanidade de trapos, sem nervos, que os pobres ageitam com miseros farrapos e com mais patriotismo. Mas, ainda neste caso, a feitura de insignificante creatura não pertence ás mãos que as vão embalar e revolver. E' a pobre

mãe popular, que, entre lagrimas, a cria para a filha a despedaçar, entre sorrisos.

O exemplo da creança é a constante lição da vida da mulher — cujo espirito nunca usa, no dizer de um casto philosopho, saias compridas, como o seu corpo. A mulher, de tal guiza, toda a vida se limita a servir-se, o melhor possivel, dos brinquedos que lhe offerecem, das coisas que encontra feitas, e ás vezes desfaz; quer se trate de um adorno para o seu toucado, d'uma fibula para a sua veste, d'um chapim para o seu pé, ou d'um collar para o seu pescoço. O proprio noivo é quasi sempre, para ellas, o casual transeunte que passou no casualissimo momento ante-matrimonial, e que escolheram, que desejaram, como a creança deseja o doce que vê num minuto guloso ou o polichinello apparecido num instante aborrecido, com esse presentimento vago e orgulhoso de se não arrependerem inteiramente de futuro, certas de, ao primeiro enfado, se começarem a divertir com explorar a interioridade do seu brinquedo — e mal dos maridos, quando as mulheres entram de desejar saber o que elles têm dentro, se não possuirem realmente um cerebro e um coração dignos de se ver.

A mulher tem, na verdade, mais inconsciente que esclarecido, esse instincto curioso de profundar ligeiramente as coisas. Quando o agrado pelas exterioridades que se lhe apresentam principia a sacia-la, enceta o seu exame ao miolo que contêm, e por isso talvez se possa garantir que ellas só chegam a amar completamente o homem que do avesso as satisfaz. Quem nunca ouviu a alguma esposa, em maré de sinceridade, esta affirmação

significativa, a proposito do marido? — Conheço-o por dentro e por fóra.! — E' a sua curiosidade das profundezas que se proclama, comprazida ou logradamente.

***

Não me proponho traçar aqui laudas amenas de facil psychologia feminina, no que muito desimparcial me tornaria o encendrado enthusiasmo pela sua fórma — prodigiosa miragem de toda a belleza. Quero, apenas, communicar-lhes o invento que a estas horas espera, no tribunal de Eva, que ella lhe dê a gloria, levando-o aos labios, ou lhe fulmine um anathema, atirando-o ao chão, enraivecida.

A invenção de tão novo modo, de tão inedito petrecho de galantejar, deve-se á menos galanteadeira das nações : á formidavel Allemanha, kaiseresca e arregimentada, que, no mais inaudito e vergonhoso dos dislates, anda a recusar, pela bocca solemne de varias cidades commerciantes, o posto devido á malfadada estatua do malfadado Heine, que o inegualavel e hystrionico Guilherme II, ao adquirir o Achilleon, expulsou de Corfú, talvez com odio á sua phrase celebre, ao affirmar-se « um prussiano libertado. » Assim, ao mesmo tempo que Hamburgo repudia o poeta livre, que dissera: « *je suis un rossignol germain niché dans la perruque de Voltaire*, » e a que uma escriptora hespanhola chamou recentemente « o deus das mulheres tristes », um

sabio de Berlim inventa um hygienico objecto anti-poetico, que Heine, sem hesitar, excommungaria furibundamente, e que compendía, com o maximo de pretenção, a petulancia e o terra-a-terra de certa sciencia moderna, empenhada em apavorar mais os pobres mortaes, prosperando, monetariamente, á sombra d'esse pavor.

O inventor em questão chama-se Hermann Sommer, e o seu invento, ainda sem nome official, consiste num mui portatil objecto, destinado á prophylaxia do beijo.

Ha muito que o beijo, esse élo magnifico do amor, vinha incorrendo nas iras dos hygienistas, que o accusavam de perigosissimo transmissor de muitas doenças. As vozes d'esse alarme, que nunca subiam muito alto, por causa da hygiene das larynges, acharam poucos echos. Aqui ou alem, formaram-se ligas contra o beijo, e um ou outro amador da sua saude, prégou, sem grande publico, a cruzada contra a imposição dos labios. O resultado foi, presumivelmente, quasi nullo, pois nem sequer extinguiu de todo o ridiculo e reprovavel habito das mulheres se beijarem umas ás outras, sempre que se encontram, nem mesmo o detestavel e criminoso costume que toda a gente tem de beijar, a cada passo, o rosto das creanças.

Por mais arreigados que estejam, no emtanto, esses detestaveis processos affectuosos, elles cahirão, mesmo sem ligas e sem cruzadas, pela imperiosa força do bom senso e da limpeza, que devia tambem impedir que se osculasse a mão ás damas, como se usa ainda hoje, numa parodia grotesca de velhas eras.

O beijo geral, se permittem o termo, o beijo das ruas, inevitavelmente ha de desapparecer, como desappareceram as mesuras e outras lerias da etiqueta. Parece que devia ser essa, preoccupantemente, a ambição dos hygienistas. O invento de Hermann Sommer vem provar outra orientação.

Como que desilludido, desesperançado de ver a humanidade renunciar ao beijo, lançou-se o imaginoso berlinez a descobrir um processo de impedir a transmissão de doenças pelos beijos, a inventar um meio de o prophylarizar; e vae de apresentar, ultimamente, um preventivo original, que segundo o auctor, satisfaz todos os requisitos da hygiene e as não menos necesarias imposições da elegancia.

O simplissimo apparelho do hygienista de Berlim consiste num aro de marfim, de tartaruga, de oiro, ou de outro qualquer material á vontade do freguez, com a fórma approximada de uma minuscula *raquette* de *tennis*, forrada de uma téla de seda extremamente fina, mas solidamente resistente, desinfectada por um processo inodoro. Quando uma senhora pretende dar ou receber um beijo, interpõe essa pásinha especial entre os seus labios e os da outra pessoa, e o beijo dá-se sem perigo, não dizendo, porem, o inventor se com o mesmo sabor.

E' assim que uma dama figura na gravura que acompanha o artigo, beijando muito ternamente seu irmão. Entre as vantagens enumeradas pelo articulista, aponta-se a de se poder perfumar a téla isoladora com o perfume que se quizer, dando d'esse modo aos beijos o aroma que se desejar ou preferir.

Eis ahi, summariamente, o que o senhor Hermann Sommer, berlinez e hygienista, extrahiu, com calculavel esforço, de seu paciente cerebro, para bem da humanidade e mal do beijo...

***

Ignoro absolutamente que destino está reservado ao novo invento, que, em seu singelo contorno, não exorbita do ridiculo de certos outros objectos, que a mulher, a usadora maxima, tem usado em sua soffrega ancia de agradar.

Lembra, com muitas parecenças, em seu alongado circulo, essa pásinha osculatoria, uma luneta de cabo de um só vidro, que, em vez de se adaptar aos olhos, se adapta aos labios, que tambem sabem ver, e que pode pendurada do cordão, ser manejada tão variada e tentadoramente como una *lorgnette*, com a ardilosa aggravante de, em vez de prometter um olhar, se prometter um beijo.

Quem sabe se a pásinha osculatoria de Hermann Sommer, que naturalmente é doutor, não virá a ser, por excellencia, o distinctivo das mulheres do seculo XX, perdularias de beijos e devotas da hygiene?

Reportando-me á série innumeravel dos petrechos galantes que a mulher tem usado, do leque, esse biombo de promessas, ao regalo, esse mysterioso ninho, em que as mãos se recolhem para

viverem invisiveis, mas tentadoras; da sombrinha rendada, que é um meio tenue de esgrimir com o sol, ao *lorgnon*, que, bem guiado, é um modo impertinente, mas gracioso de affirmar que se quer ver; não vejo razão de pezo para que a mulher não adopte com prazer, e até com enthusiasmo, essa pequena *raquette* allemã, que lhe vae permittir, nos grupos de adoradores, á luz clara de um jardim de estio, ou ao brilho quente d'um salão de inverno, nas ruas, como nos theatros, nos bailes como nas egrejas, como uma joia, como um premio, como uma blasphemia, a roubar, a ganhar ou a expiar, acenar seductoramente, como uma branca aza leve, a sua pásinha perfumada, sobre a qual pousará inquieta, como uma crystallização de neve fugaz, como um momentaneo rubi em fusão, a esperança irresistivel do seu beijo.

Ha apenas, talvez, um inconveniente. Sendo essa pá osculatoria obrigada rigorosamente á desinfecção, passaremos a ler, sobre uma caveira e dois ossos cruzados, nos frasquinhos de saes que as damas usam, este rotulo prosaico : *sublimado corrosivo...*

1909. Outubro 11.

XXI

UM EPISTOLARIO INEDITO

Portugal, classico paiz da saudade, tem pouco a curiosidade do passado, a que moralistas obsoletos chamavam o espelho do porvir. De todas as nações da Europa, é talvez aquella que menos tem escripto e desvendado a sua historia — historia como poucas interessante; historia como nenhuma valorosa.

Nascem pouquissimos historiadores em Portugal, e o estudo não faz nenhuns. Nasceu Herculano, esse formidavel fundidor de uma prosa egual ao bronze; nasceu Oliveira Martins, o eloquentissimo abrangedor dos seculos portuguezes; e nasceu, não o esqueçamos, esse impagavel e deleitoso monge que responde ao nome de Bernardo de Brito, e foi o melhor contador de historias que jámais houve em Alcobaça.

Nasceram outros, sem duvida, como Fernão Lopes, o ingenuo, como Damião de Góes, o austero; mas Schaeffer nasceu na Allemanha, Stephenson em Inglaterra, Henri Martin na França. Apezar de todos, a historia authentica, a historia integral, a historia scientifica de Portugal, está por fazer, dado que Herculano só joeirou nessa sua hones-

tissima peneira de ferro os primeiros reinados.

A' historia propiamente dita, essa disciplina gigante, outra disciplina mais amena maneirinha hoje se conjuga, com muito maior voga, e que, á falta de outro baptismo, tem de denominar-se historia anecdotica ou pittoresca, constituida pelas memorias, pelos epistolarios, pelas iconographias, pela papelada dos varios tempos. E' uma historia mais nova; veiu com a democracia, depois da Encyclopedia Está para a grande historia, digamos assim, como um discipulo insinuante e indiscreto para um mestre esquivo e reservado Ao lado do historiador, que peza e relaciona os factos, para concluir as leis da evolução, ella é a bisbilhoteira, que não mede as conveniencias e põe tudo em pratos limpos

Não tem, decerto, logar no throno da sciencia, mas está muito bem, como qualquer linguareira senhora comadre, nos degraus de todas as portas. Se a historia majestosa é um templo cheio de mysterios, ella, a historia ligeira, é uma cesta rôta, vasia de segredos, e, ao vê-la tão trefega e ladina e gaiata, lembra uma creadinha travessa espanando maliciosamente os cartapacios de um sabio

A essa insigne mexeriqueira prestam os tempos actuaes pronunciada sympathia Nunca, como presentemente, se editaram, se divulgaram, se remexeram tantos archivos, escaninhos, processos, cartorios. Ha a febre de surprehender, de pôr a nú — e a phrase pode, muitas vezes, ser tomada ao pé da lettra — as intimidades das passadas epochas.

Pois, nem mesmo essa facil e divertida historia anecdotica se cultiva em Portugal. Parece que essa

arte de mexerico e inconfidencia devia insinuar-se nesta tão soalheira raça do sul, e que furiosamente ella devesse começar a esquadrinhar, a farejar na classica poeira dos seculos idos Accresce que em Portugal existem milhares de manuscriptos totalmente ineditos, que ninguem pensa em publicar, porque talvez ninguem pensasse em lê-los, e accresce ainda, importantissima consideração, que, nnm paiz como este, em que a Inquisição dominou largos annos e a Censura foi uma instituição permanente, é nesses documentos sonegados á nefasta vigilancia das mezas censorias que se devem ir buscar os mais completos e insuspeitos testemunhos e pormenores sobre os costumes, os homens, os vicios e as virtudes das diversas eras

No emtanto, ha muito pouco, nesse genero, publicado em Portugal.

As memorias e as cartas, que formam actualmente, em quasi todos os povos, catalogos colossaes, são aqui raridade. Creio bem, que muitas curiosidades, e até preciosidades, devem existir por esses archivos fóra, o que, afinal, só poderiam bem attestar as traças — que são, neste cantinho do occidente, salvos raros eleitos, quem mais sabe de historia.

Suggeriu-me estas considerações o facto de, ha algumas semanas, me ter num amigo confiado um manuscripto, que descobrira num velho armario da provincia, e cuja publicação tenta fazer, onde se contêm as esquecidas impressões de um viajante antigo em Portugal. Devo á muita amabilidade do seu descobridor o poder aqui occcupar-me, sem detenção, d'esse manuscripto, inteiramente inedito, segundo se suppõe, o que talvez não desagrade ao leitor.

***

O manuscripto fórma um pequeno volume, subordinado ao titulo : *Cartas de hum viajante frances a hum seo amigo rezidente em Paris, sobre o caracter e estado prezente de Portugal, traduzidas da lingoa franceza na portugueza por hum portuguez assistente em Pariz. Pariz* 1784. — e declaro, desde já, que passo a não respeitar a orthographia do original, que é mais do que barbara.

Essa vintena de cartas, escriptas com certo methodo e uma tal ou qual despreoccupação, não são, evidentemente, a obra de um litterato. A sua fórma tem pouco brilho, e o observador mostra-se, quasi sempre, bastante superficial; mas, comtudo, ha nellas observações interessantes, referencias curiosas, e, principalmente, certas notas precisas sobre o fradesco e amaneirado Portugal do seculo XVIII. O auctor, que apenas escrevia para informar um amigo, suppre o talento, que alliaz se não arroga, com um expeditissimo bom senso, com uma louvavel intenção de exactidão imparcial, e com os commentarios de um espirito educado muito superiormente á baixa educação portugueza d'aquelle tempo.

Ouçam, para exemplo, este juizo sobre o reinado de D. João V : « Dizem os portuguezes que elle — o monarcha de Mafra — fôra muito amigo da Egreja. Não duvido, porem accrescento que lhe teve um

amor pouco illustrado. Não acho que seja ser amigo da Egreja o carrega-la de um immenso numero de frades e clerigos faltos de instrucção, cuja abundancia elle promoveu com a sua paixão pelas ceri-monias ecclesiasticas. No seu reinado, Portugal todo era um convento; não se viam senão clerigos e frades : tal houve que, para seguir o gosto favorito do rei e da côrte, ordenou quantos filhos tinha *per fas nefasque*, e metteu assim na egreja quatro ou cinco frades... »

Ao Marquez de Pombal, a quem considera « um monstro de fortuna » ,julga-o com injusta severidade, não podendo, comtudo, deixar de convir « lhe deve Portugal ser elle o primeiro a mostrar-lhe a luz da verdade em muitos pontos ».

O traductor, num pequeno prefacio, declara que o original d'essas cartas, devidas ao Cavalheiro de M..., lhe foi mostrado por Mr. de Sr..., em casa de quem se hospedara e que, ao traduzi-las — e traduziu-as pessimamente — o seu fim foi : « utilizar aos meus patricios, cujos defeitos estão aqui tão elegantemente notados : dar-lhes um claro espelho, em que vissem estas manchas que afeiam a sua natural formosura. »

Foi aos seus patricios que o traductor desastrado quiz mostrar o espelho do desconhecido Cavalheiro de M.... Egual lembrança não teria, certamente, para as suas praticias, porque o auctor, que se occupa em cartas successivas, sem interesse de maior, da lingua, das sciencias, das bellas-lettras, da musica, das fabricas, do commercio, etc., tem, numa carta intitulada *Mulheres*, uma terrivel e desapiedada catilinaria contra as portuguezas:

Tão violentamente as critica, que não é arriscado aventurar que ao rabujento Cavalheiro de M... não sorriram os fados femininos em Portugal. Sinto não poder transcrever na integra essa carta cruel bastante para erguer dos tumulos mais enterrados quantos Magriços jazem por esta linda terra de flores e sorrisos.

Começa o despeitado Cavalheiro de M... com um dythirambo enthusiasta ás mulheres do paiz que o acolhe. « As portuguezas, diz, são, em geral, muito bellas e airosas. A sua cor nem é tão alva como a das mulheres do norte, nem tão fresca como a das hespanholas meridionaes. Quasi todas são muito córadas e quasi todas têm excellentes cabellos pretos. Os seus olhos são vivissimos, bons dentes e excellentes vozes muito engraçadas. Nada deixou a natureza para adornar estas famosas europeias. »

E' caso para se perguntar que mais queria o Cavalheiro? Já vão vêr. « Porem, se da natureza foram tão bem dotadas, da arte da educação recebem muito pouco para adornar o que aquella começou. » — E entra o cavalheiro a criticar desalmadamente: — « Com effeito, desde creanças, acostumam aqui as meninas a olhar a formosura como o unico merecimento e a desprezar as qualidades do espirito e do coração, que só podem fazer estimavel qualquer ente. » « Por esta razão, é a sua sociedade, (a das portuguezas), muito pezada e de oppressão para todos aquelles que não são seus amantes » — ia apostar que era aqui que o sapato lhe apertava... « Apenas as tiraes do costumado entretenimento e conversação sobre as modas, enfeites e defeitos das suas conhecidas e amigas, pontualmente perdem

o uso da falla. Podemos compara-las áquelles pequenos carrilhões que não têm mais que seis ou oito minuetes ou *cotillons*, tocados os quaes acabou a musica ou é preciso tornar de novo ao principio.»

Faz o Cavalheiro de M... algumas excepções para certas damas da côrte e da provincia, e logo volta á carga, a respeito do vestuario : « O traje e adorno das portuguezas, assim como nos homens, é um mixto de todas as outras nações. Nem ha no mundo nação mais servil e imitadora dos trajes das outras do que é a portugueza. As mulheres d'este reino, ora no traje são francezas, ora inglezas, ora castelhanas, ora italianas, etc., ora, emfim, um mixto e collecção de todas as nações da Europa.

Basta que appareça em Portugal uma estrangeira com um novo vestido, penteado, mantelete, etc., para que logo todas as portuguezas, sem saberem se lhes está bem ou mal, o adoptem e usem cegamente. E basta que uma senhora não appareça na assembléa, na comedia ou no passeio com o traje favorito, para logo ser pelas demais capitulada de ridicula e antiquaria».

Acha que as portuguezas « são insipidas no amor» e « furiosas no seus ciumes e zelos»; confessa que ha em Portugal poucas preciosas, que todas sahem dos conventos e que a maior parte dos defeitos das mulheres portuguezas se deve aos homens, que não vêm com bons olhos as que se querem applicar ás artes e ás sciencias.

Devemos concordar que ha, por vezes, nessas ironicas observações, uma que outra nota justa, mas traçada com mão demasiado pesada. O incaracteristico imitado do traje da portugueza é, por exem-

plo, uma verdade ainda hoje, como já o não são as boas cores que o Cavalheiro de M... attribue ás nossas avós de mil e setecentos.

De resto, é incontestavel que o Cavalheiro de M... sabia ver e, ás vezes, sabia dizer. Recorde o leitor a deliciosa imagem dos « pequenos carrilhões ». Simplesmente, faltava-lhe uma coisa essencial para poder apreciar as mulheres e o amor : era saber « tornar de novo ao principio ». O D. C. é de regra nas sonatas galantes, d'onde se conclue que o Cavalheiro de M... não sabia musica...

1909. Novembro 15.

XXII

O « SERVIÇO SOCIAL »

A actividade barulhenta, que as mulheres por esse mundo desenvolvem em favor da causa que julgam a sua, vae tomando proporções de diario acontecimento, feito para nos entreter deliciosamente as horas desoccupadas. O feminismo, em suas variadissimas castas, passou de nobre aspiração emancipadora, de sonho acalentador e respeitavel, de utopia gentil, a epidemia contagiosa, a risivel mania, a praga desafiadora de esconjuros. Já me tenho lembrado de abandonar outros assumptos, para me confinar nesse, picante e facil, rabiscando, dia a dia, nota a nota, um pittoresco Diario de Eva, a que a verbosa insistente, reclamadora Eva moderna não deixaria de fornecer pontualmente o humoristico thema quotidiano. Não valeria, no emtanto, talvez a pena o sacrificio, e, por conseguinte, iremos assim, uma vez ou outra, entremeando nestas apressadas conversas o « ephemero feminino », quando elle nos der maior azo.

A mulher é, sem duvida alguma, a filha do exaggero : falta-lhe inteiramente a noção das proporções, do justo equilibrio, do meio termo, que é, muitas vezes,

o nome da verdade — outro fim que a mulher não sabe propor-se. Cegados pelo deslumbramento que ella irradia, envolvendo no amor que a uma, ou a varias votamos, todas as representantes do mesmo sexo, illudidos pela inegualavel maravilha da sua fórma, que é o vaso sagrado da belleza, nós, os homens, tendo sempre nos olhos a venda da paixão, moendo sempre na bocca o dithyrambo ou o madrigal, com o sangue accelerado, á primeira apparição formosa, pelo preamar do desejo, temo-nos esquecido ou não nos temos atrevido, a dissecar, a analysar miudamente a alma feminina, tão diversa da nossa como é diversa a aza de uma ave da aza de um morcego. Talvez porque, como quer Ibsen, nuns trechos ineditos agora divulgados, a historia é ainda accentuadamente masculina, do que eu discordo, nós nos contentamos com attruibir á mulher, quando lha attribuimos, uma alma egual á nossa, mais pequena, mais fragil, mais identica.

Está ahi o nosso engano. Com o despertar da alma feminina, a que vamos assistindo, começamos de verificar a inexactidão dos nossos juizos, a lobrigar horizontes completamente ignorados, a admittir a possibilidade de uma tremenda lucta futura entre os dois sexos, em que a mulher, por suas mãos, rasgue todos os seus privilegios de galanteria e de respeito, decrete a abolição de todas as regalias de que gozava no convivio social, e se torne a declarada inimiga, a perigosa contendora, a desleal adversaria do homem, que a protegeu, a orientou, e a fez viver.

O prognostico é desolador, e eu hesito em crer na sua realização. Em todo o caso, o que para ahi vemos em materia de feminismo — e, na sua fórma mais

grave e feroz, melhor se diria masculinismo — sobra para que um psychologo mais dia, menos dia, architecte theorias diametralmente oppostas á nossa velha theoria feminina.

Não sei bem como despertou a bella que dormiu cem annos no bosque encantado; sei, porem, que a Eva moderna, apoz o seu somno secular, desperta insupportavel, rabugenta, descomposta, como se sahisse dum horripilante pezadelo.

Certos governos já têm tido que preoccupar-se a serio com as attitudes endemoninhadas de certas suas subditas. O ministerio inglez, principalmente, tem sido, por vezes, posto á prova, sem clemencia. As suffragistas, por exemplo, na respeitosa e disciplinada Inglaterra, parecem empenhadas em parodiarem uma tribu africana na desordem e na indisciplina, já que aos respeitaveis annos da maioria d'ellas se não pode, razoavelmente, applicar o designativo de creanças, cujos processos de revolta ás vezes copiam, como quando procuram alcançar a liberdade, fazendo nas cadeias a greve da fome; e seria talvez mais exacto dizer o amuo.

Ainda ha pouco, o ex-ministro Churchill, ao desembarcar em Bristol, se viu ameaçado de chicote por uma « emancipada », e outra, que esfrangalhara os vidros de uma repartição publica, declarava que aquelles prejuizos eram nada, em vista dos corações femininos que o homem tem despedaçado. Curiosa logica, a d'essa mulher, comparando suas penas ao estilhaçar de uma vidraça — doutrina que, se ganhasse fóros de legitima, faria com que não houvesse nas cidades um caixilho de janella em bom estado.

Era longa, e ainda se continúa, a lista dos bene-

ficios de Eva; mas havemos de concordar que vae crescendo a lista dos seus maleficios, que, afinal, são quasi sempre as suas desillusões em acção, pelo que me julgo auctorizado a propor ao governo inglez, como o melhor remedio para a furia endiabrada das suas cidadãs, o casamento. Dê-lhes a todas maridos, e verá como ellas prescindem do voto, visto que, como mulheres, se devem sentir melhor ao pé dos berços que ao pé das urnas.

***

Mas não só Albião, a pudorosa e regrada Albião, produz d'esses irrequietos exemplares da fauna futura. Com exclusão dos paizes latinos, onde a mulher ainda se considera feliz com os seus trapos e com os seus amores, e são d'uma raridade quasi pathologica as excepções descontentes, todas as outras nações vão assistindo, com mais ou menos gaudio, ás crises mais ou menos frequentes d'esse agitado hysterismo feminista.

Da Suissa, da pacata e burguezissima Helvecia, vêm-nos tambem noticias de que o movimento, como qualquer forasteiro, já lá chegou, certamente em curta digressão, pois, para quem conheça as anafadas e rechonchudas matronas helveticas, não é de crer que ellas adoptem a serio a bandeira reformista, que as obrigaria a certas evoluções com que a prosperidade dos seus adipos se não compadecerá de bom grado.

No emtanto, no ultimo Congresso da Alliança Nacional das Sociedades Femininas Suissas — traduzo á lettra — celebrado em Berne, no principio d'este mez, houve uma proposta original. A Alliança das mulheres suissas não tem o rumoroso programma das suffragistas de Londres e de outras patrias. Propõe-se, não obstante, a reivindicação do que ellas chamam os direitos e deveres sociaes da mulher, e fundada, ha dez annos, com setenta socias, tem hoje vinte mil. Uma das suas victorias mais importantes foi a de conseguir, quando a todos os cidadãos se distribuiu o novo codigo civil suisso, um exemplar para cada dama da associação.

A proposta, a que me referi, foi apresentada pela Sra. Hilfiker, de Zurich, e mereceu larga discussão. A Sra. Hilfiker, reconhecendo que o serviço militar tem, para os cidadãos masculinos, não só o fim da defeza da patria, mas o de educar os rapazes, especialmente os das classes favorecidas, numa boa disciplina social, pondo-os em estreitas relações com os cidadãos das outras classes, inclusas a que lhes estão social e economicamente inferiores, affirmou que tambem a mulher deve passar por um tirocinio semelhante, de um ou dois annos. Não se trata de formar batalhões de mulheres, como se pretende na Allemanha. A Sra. Hilfiker quereria que toda rapariga entre os dezoito e os vinte annos fosse obrigada, durante um certo periodo de tempo — que poderia ser dividido em fracções como na instrucção militar suissa — a um « serviço social », como o tratamento dos doentes ou a prestação gratuita de serviços para outras obras philanthropicas.

Ahi têm a ideia pyramidal da sra. Hilfiker, que lhe

valeu fartas acclamações no congresso. A' primeira vista, pode parecer que a proposta tenha uma qualquer base acceitavel; mas, reflectindo-se um boccado, devemos rir do trabalho inutil que a Sra. Hilfiker teve para architectar semelhante destempero.

Creio que a estas horas a Sra. Hilkfier será no mundo a unica pessoa convencida do poder moralisador do serviço militar, que é um mal talvez inevitavel, mas não defensavel como escola de moral. Depois, a Sra. Hilfiker deve saber muito pouco das diversidades necessarias de educação entre a mulher e o homem. As virtudes masculinas são feitas de experiencia, e as virtudes da mulher tecem-se com a ignorancia da vida. O homem só tem a ganhar com os contactos da vida, por mais baixos; a mulher perde infallivelmente as suas melhores qualidades com o mais duvidoso attricto. De resto, o dever social do homem não é, como a Sra. Hilfiker julga, o serviço militar, que é, quando muito, o seu dever nacional. O dever social do homem é o trabalho, como o dever social da mulher é o amor.

Vamos talvez dar uma novidade enorme á Sra. Hilfiker, dizendo-lhe que o « serviço social » da mulher está ha muito estabelecido, e que ella o tem quasi sempre cumprido a preceito. Esse « serviço social », esse maximo dever da mulher para comsigo propria e para com a sociedade, é, em todo o seu rutilo esplendor e em toda a sua abençoada força creadora, a maternidade.

Se a Sra. Hilfiker pretendia crear heroinas, tem-nas, por esse mundo aos centos, de volta dos berços. E ha de concordar commigo a eloquente senhora: poderá ser util para um homem, e principalmente

para uma patria, ser soldado; mas é incomparavelmente mais bello para qualquer patria, e para qualquer mulher, o ser mãe.

Ignoro se a Sra. Hilfiker o é. Se sim, cumpriu excellentemente o seu dever, o seu «serviço social», e pode poupar-se ao trabalho de andar a inventar « serviços» para as mais. Se o não é, profundamente a lastimo, mas creio que, por mais feridos que trate e por mais discursos que faça, nunca conseguirá o valor fructificante que é para a terra uma creança.

Porque, emfim, lá diz o poeta :

> Nul poète, si grand qu'il soit, fut-il Homère,
> N'a jamais fait briller au jour
> Un poème si beau que celui de la mère:
> L'enfant, pur chef-d'œuvre d'amour.

1909. Novembro 23.

XXIII

UMA EXPOSIÇÃO FEMININA

Escusa de correr tanto o bom leitor, que não se trata, como o titulo poderia deixar presumir, de nenhuma collecção de mulheres patenteada a seus olhos. A exposição feminina a que me vou referir não tem nenhum dos encantos do sexo ephemero.

E' barbara como uma obra de troglodytas, e, tendo sido organizada por damas e constituida com obras de senhoras, parece arranjada para nos desilludir a respeito das mil seducções e das variadissimas graças que nós attribuimos a Eva e á sua descendencia, esse rosario de lindas penitencias que o homem jámais exgottará.

E' curioso, e é incontroverso, o poder fascinante d'esse encantador, desse perfumado adjectivo, que dir-se-hia, vem sempre envolto em seda e rendas. Feminino... Sôa como um estrugir de beijos vagarosos que se não querem soltar, alarma, aquece, dispõe bem. Um caso, é uma banalidade que muitas vezes não consentimos em ouvir : prometta-se um « caso feminino », e logo os ouvidos se inclinam á narração, como flores sedentas a um sol violento. Uma coisa feminina — e o adjectivo no feminino ainda mais feminilidade

ganha — nunca nos desgosta nem aborrece; pode inquietar-nos, mas não irritar-nos.

Depois, eu creio que feminino é essencialmente um adjectivo de carne. Sabemos dos resguardos, das couraças, dos tecidos com que se rodeia, mas vemos sempre um corpo por traz d'elle, e ao ouvi-lo, ha em nós, não sei porquê, uma desejosa suspeita de indiscrecção, uma vaga esperança de que uma saia se arregace ou se deslace um corpete. Por isso, talvez, o adjectivo inquietante — que é o seu — apavora as mulheres. Diga-se numa sala que se vão contar historias masculinas; todos, com mais ou menos interesse, se aprestarão a escutar, sem discutir. Troque-se o adjectivo : annunciem-se historias femininas, e, desde o olhar irado do dono da casa, receoso de inconvenencias, ás desculpas que as damas começarão a aduzir para se ausentarem, se reconhecerá o deslocado, o innoportuno da lembrança.

E' que feminino tornou-se, até certo ponto, um adjectivo suspeito, approximado synonymo de galante. E é tambem porque a mulher nunca gostou de ouvir apreciações geraes a seu respeito. Adora as historias em que se dizem nomes, que, naturalmente, nunca são o seu, as historias das outras, as historias de todas, excepto as da actual amiga intima, porque, para essas, precisa-se esperar um mez ou dois... Mas historias vagas, historias indeterminadas, desinvidualizadas, sobre as virtudes e defeitos do seu sexo, não as admitte de bom grado, pois que não ha mulher que se não considere, em sua pessoa e prendas, o sexo feminino em pezo.

Se se falla de Fulana ou de Cicrana, está muito bem, porque o bello sexo, para a interlocutora, nada tem

que ver com isso; alluda-se, porem, genericamente, á mulher, e logo a que nos ouve, precavendo-se, pensará: isto agora é comigo — e é capaz de se zangar se lhe dissermos, por exemplo, que a mulher é curiosa, no que todas ellas concordam, talvez para que não indaguemos mais a fundo as numerosas variedades d'essa curiosidade, que numas se contenta com saber se chove ou se gostamos de muito assucar no café, e noutras difficilmente se satisfaz com a relação das cores dos olhos dos noivos de nossas bisavós.

O leitor, que, ao ler «uma exposição feminina», arregalara o olho e estugara o passo, ha de concordar que sentiu toda a seducção do adjectivo attrahente. Pensou, quem sabe, que eu lhe iria contar algum espectaculo desanuviado e desenroupado, como certos concursos de canellas torneadas a que se assiste em Paris. Vinha pelo beicinho, confesse, e diga mais que a minha informação de que se tratava d'uma exposição de obras de senhoras lhe deu um surdo rebate de honestidade e semsaboria.

— Bem, já sei — exclamaria então o leitor, deitando-se a adivinhar, que é o prazer e a vaidade de todos os leitores — trata-se de uma collecção de trabalhos caseiros, bordados, pinturas, porta-relogios pyrogravados, sapatos aguarellados por meninas sem vocação, molduras de cortiça ou de fitas de madeira, bugigangas, trapalhadas a missanga, a retroz, a lentejoulas. Não leio — concluiria o leitor enfastiado — tenho muito d'isso cá em casa...

O leitor, segundo a boa logica, acertou : trabalhos de senhoras são, no geral isso que pensou, e vão da limpida alvura d'uma toalha bordada a branco ao

luxo oriental d'um barrete de dormir com borla de oiro. Mas, á vista dos factos, ante a realidade, rival da logica, o leitor enganou-se, e fez talvez mal em deixar de ler, porque havia de ficar sabendo de outras proezas femininas — e eu repito o adjectivo irresistivel, para ver se ainda o faço voltar atraz.

***

Foi em Londres, no nebuloso colosso, que ha dias se inaugurou essa exposição feminina. E' constituida por inventos, projectos e trabalhos de mulheres. O catalogo tem uns quinhentos numeros — o que, haveriamos de concordar, seria muito, se não andassemos cada vez mais identificados com as faculdades inventivas da nossa semelhante desegualissima.

Um catalogo de invenções femininas! Abre-se com o presentimento, com a esperança, com o alvoroço de irmos encontrar um thesouro de encantos, de folhearmos, como num missal sagrado, versiculos de amor, deparando caricias, surprehendendo caprichos leves, gracilimos.

Inventos de mulher! Ha de alli haver de certo, chapeus floridos, rendas originaes, leques extraordinarios, gestos bellos, adornos, toucados, talvez um leito macio de mais flaccida profundez para um noivado, talvez um novo sorriso, talvez um olhar inedito, certamente um berço admiravel que embale como agua suave o somno suavissimo das creanças.

Devem lá existir, entre os numeros expostos, receitas de toucador, espelhos mais lisongeiros que os vulgares, segredos de cozinha, a historia da visinha do lado, erros encantadores de ortographia, processos infalliveis de vencer namorados, systemas aperfeiçoadissimos para convencer maridos, drogas maravilhosas para sumir as rugas, tudo emfim em que a mulher pensa e que a mulher deseja, o que a mulher sabe.

Infelizmente, entre esses quinhentos numeros do catalogo, não figura sequer um prego de chapeu, nem um atacador de botas, nem um novo gancho de cabello, nem mesmo uma touquinha de creança. As mulheres que concorreram a essa exposição expõem — tremendissima blasphemia! — canhões, aeroplanos, machinas, utensilios industriaes, coisas de ferro, coisas de aço, coisas de desesperar. Creio mesmo que uma expõe uma espingarda de sua invenção; outra — ironia suprema! — um relogio certo. Já as mulheres sabem medir o tempo...

Se não fosse colossalmente ridicula, seria enormemente desalentadora essa exposição, com que, num canto ignorado de Londres immensa, quinhentas maniacas ignoradissimas pretenderam exhibir os seus indiscutiveis direitos á irrisão universal.

A mulher inventora de canhões... Preciso afiançar que li tal nova numa gazeta seria, para me não pavonear com a gloria de ter inventado tão engraçada leria. Já tinhamos visto, nas feiras antigas, a mulher-canhão, esses viragos famelicos que aguentavam a pé firme a descarga ruidosa d'um vintem de polvora; o canhão inventado por uma mulher, no emtanto, estamos certos que pode talvez, muito estrondosamente,

adornar-lhe a mavortica alcova, transformada em bateria, mas nunca rodará em campos de batalha.

Em Portugal, quando alguem não sabe o que ha de fazer, manda-se-lhe que faça colheres. As inglezas desoccupadas parecem ter outro systema : agarram num buraco e põem lhe aço fundido á roda, segundo a velha receita. Que, afinal cada um interrompe as comichões á sua moda.

Uma machina para mattar certos insectos, eis ahi até um bello thema, assaz feminino, para a desenfreada actividade da ingleza do tal canhão, que talvez não passe, para sua gloria, precisamente d'um apparelho insecticida, ou seja, ainda talvez, um canhão de chocolate para carregar com rebuçados, o que salvaria, pela doçura, a balistica feminina em Inglaterra.

Essas inglezas que assim se deitaram a inventar coisas feias, e, o que é mais curioso, já inventadas, devem todas ter galgado a quarentena. Estão provavelmente, na quadra perigosa dos disparates scientificos, e, certamente, não devem ter sido muito bem succedidas na outra, a dos disparates lyricos, pois, para sabér tanto, é preciso começar muito cedo a não ter amores.

A não ser que as obras expostas, inclusivè o canhão impagavel, sejam trabalhos dos maridos das expositoras, tão inglezes que um d'elles se deforrou a inventar, para o triumpho humoristico da sua pouco cara metade, uma arma exterminadora cuja mira deve ter sido ella ou a sogra...

1909. Novembro 8.

XXIV

MARIA CRUZ

Não sei se esse nome simples, tão trivial e modesto, que tanto custaria attribui-lo a uma mulher do campo ou a uma dama de cidade, tão incolor, que, de egual modo, poderia ter dezoito ou sessenta annos, tão discreto e inexpressivo, que lhe vão os cabellos loiros com a mesma verosimilhança que os cabellos de azeviche, passará á historia, a essa historia incoherente e apaixonada, que ás vezes se entretem a devorar as almas, como os tumulos se occupam em consumir os corpos. Na chronica e no noticiario, tem elle andado persistentemente, e durante dias seguidos não abandonou as boccas de todo Madrid — porque na capital das Hespanhas se deu o caso tremendo que o salientou; que em um minuto covarde de loucura a tornou heroina popular e discutida.

Ignoro, repito, se o seu nome humilde ficará na historia, e comtudo a sua tragedia, a sua portentosa tragedia, é d'essas que não têm precedentes, e, por felicidade, difficilmente terá continuação. E' um destino totalmente inedito esse seu.

A sciencia do coração humano, com todas as combinações a que elle pode dar logar, com a serie inter-

minavel das paixões que ellas comportam, com todas as suas miserias e todas as suas possibilidades, aprende-se nos livros, affirmam-no os escriptores, nos antigos como nos modernos. Impossivel parece — e a realidade o comprova — arranjar na vida, muito principalmente na vida feminina, uma situação que não tenha existido primitivamente nos capitulos dos romances, nas scenas do theatro, ou nas estancias dos poemas.

A vida, á primeira vista, é quasi, na affirmação disparatada de Nordau, copia da arte. E' certo que, aqui ou alem, ella se encarrega de desmentir a omniprevidencia da arte, forjando uma que outra variante aos seus modelos, mostrando-nos factos que não vêm nos livros ou, pelo menos, lá não vêm tal e qual. Mas a arte, ciosa dos seus direitos clarividentes, accode logo, desfaz o equivoco, invalida-lhes a originalidade, demonstrando como essa pretendida variação não passa de uma modalidade, de um prolongamento de tal ou qual força, d'esta ou d'aquella figura por ella tratadas e reconhecidas, e que até por signal já vêm em Homero...

De modo que, se o inedito em arte é rarissimo, o inedito na vida assemelhava-se ao impossivel. Eis senão quando, numa fria manhã d'este Janeiro, uma rapariguita madrilena se encarrega de alterar todas as nossas supposições, creando, com elementos inteiramente novos, um drama absolutamente imprevisto, com um desenlace perfeitamente unico.

O theatro hespanhol, essa mina borbulhante de inspiração, que lembra uma avalanche de corações refervendo violentos num grande caldeiro de oiro sonoro, todo lavrado de rimas, não tem em nenhum

dos milhares das suas comedias heroicas, que parecem exgottar, em sumidouro, todos os sentimentos humanos, dos mais barbaros aos mais suaves, nada que prepare, que deixe adivinhar essa tragedia recente acontecida em Madrid, e que faz desejar, para que ella não falleça na memoria dos homens, a herculea phantasia e o verso animador de Calderon.

O successo é simples em seus traços geraes : conta-se em duas linhas. No caminho de baixo de Santo Izidro, perto de um dos cemiterios de Madrid, appareceram, um d'estes dias, dois cadaveres. Um era d'um homem já grisalho, um pobre veterano das campanhas de Cuba, a quem haviam no hospital amputado uma perna e que necessitava de muletas para caminhar. O outro era o de uma linda costureira, com vinte annos cheios de frescura e graça. Ambos os cadaveres apresentavam ferimentos, e á auctoridade não foi difficil reconstituir a scena. O ancião, com um revólver, mattára primeiramente a companheira, e suicidara-se em seguida. Assim o haviam combinado, segundo o declararam em cartas que deixaram. Enojados da vida, decidiram morrer juntos.

Naturalmente que, num povo de imaginação frenetica, como o hespanhol, a occorrencia ganhou logo fóros de um extraordinario acontecimento romantico. Favoreceram-no as primeiras versões dos jornaes. Bernardo Salgado, o invalido, loucamente apaixonado por Maria Cruz, a sua victima, resolvera desposa-la; mas, ante a opposição invencivel da familia da namorada, induzira esta áquelle duplo e barbaro suicidio.

Assim contado, o caso não era banal, pois não está nos costumes d'esse amor fogoso, d'esse amor tão

hespanhol, que arrasta á gloria ou á morte, uma paixão de vinte annos formosos por uma velhice aleijada. Surprehendia, revoltava, por mais sincero e puro que fosse, o amor d'essa noiva desditosa; havia nelle como que uma aberração.

Não podia ser sagrada essa virgindade louca, quasi perversa, que consentira em sacrificar-se a um velho, e, dado que era linda, decerto fizera penar, ao engeita-los, outros corações mais moços, que esses, sim, com o amor, com o amor verdadeiro dos vinte annos, que não cabe num coração gastado, lhe dariam, já que a tanto aspirava, o direito á morte.

Apezar d'isso. a triste heroina d'esse caso horroroso commoveu e interessou. Uma carta sua, a esse noivo terrivel que havia de ser seu carrasco, e é na verdade um estranho documento, foi glosada de todas as maneiras. Dizia assim : « Apreciavel Bernardo : Faze o favor de esperar-me no *Café Habanera*, ás onze em ponto, porque eu nunca me nego a cumprir a minha palavra : não creias que sou covarde; apezar de ser nova, não me arrependo do combinado; mas, se tu, como homem, mudas de ideia, não serás para mim senão um covarde e não tens coração. Eu. *Maria Cruz.* »

O *Eu* final, tão despotico e soberbo, faria sorrir, numa carta que não fosse uma sentença de morte; uma das mais terriveis e impressionantes sentenças de morte que póde sonhar-se; porque não é, afinal, a despedida de uma suicida que vae mattar-se, mas uma ordem assustadora de morte contra si propria, escripta com uma certeza e um sangue frio que raiam pela obceção.

Essa carta, que certamente o leitor estimou que

eu copiasse, revelava, da primeira á ultima linha, a falta de amor ao homem a quem era dirigida. Chega a parecer filha de um fundo desprezo; exprime quasi apenas o desejo de querer aviltar o amante com o labeu de assassino, fazendo-o empunhar a arma que ao seu punho fragil repugna disparar. Seria esse documento um bom indicio de que se não tratava de um drama de amor; pelo menos de um drama d'esse amor. E aos poucos dias de se haver commettido esse crime atroz, começam a surgir revelações, que o collocam em campo muito diverso.

Segundo ellas, Maria Cruz desde muito nova manifestou exaggerado amor ao luxo e ao renome. Toda a sua ambição era ser bailarina celebre. Com uma sua prima, matriculou-se numa das muitas escolas de dança do visinho reino. Mais tarde, essa prima vae com o mestre até Paris, e ahi, com o nome de *La petite Otero*, alcança um enorme exito de applausos e brilhantes. Quando Maria Cruz a viu, de volta a Hespanha, coberta de sedas e de joias, desesperou-se de não ter tambem ella essa fortuna, e, cheia de inveja, entregou-se nos braços do mestre e emprezario da outra. Este acolheu-a com falsas promessas de lhe conseguir a celebridade vistosa da prima, e gozou-a emquanto quiz, até que se casou com a rival.

Maria Cruz ficou atordoada com a noticia, e tornou-se desde então sombria. E' aqui que apparece como confidente Bernardo Salgado, o invalido veterano. Parece que entre elles havia apenas relações de amizade, e que Maria Cruz chegou a pensar em outro namorado. O mestre de baile, um dia, embarca com a mulher, *La petite Otero*, para a America, e o despeito de Maria Cruz não conhece limites. Tão pro-

fundamente a magoam os triumphos da rival, que cogita esse drama tenebroso em que deixou a vida, drama que nunca ninguem saberá, ao certo, se foi devido aos seus ciumes de mulher, se ao egoismo feroz d'esse aleijado que com ella quiz morrer.

Agora, espalhou-se em Madrid que *La petite Otero* morreu em viagem — o que seria uma coincidencia a aggravar a tragedia.

Seja como for, esse caso, que eu qualifiquei de unico na vida, não figurava ainda na arte, e é, em toda a sua sangrenta enormidade, a tragedia da cidade moderna.

Quem mattou essa pobre rapariga, que seria talvez feliz com um filho ao collo, se o espectaculo tentador dos oiros, das sedas e das palmas a não fascinasse, foi a cidade luxuosa, a cidade viciosa, a cidade-palco de hoje em dia.

Maria Cruz ! O nome é simples e engana. Deu-lhe a vida essa aura dolorosa e passageira da celebridade, por que se mattou. Talvez a arte lhe não dê nunca honra tamanha, porque a essa creatura de carne appetitosa e olhos cubiçosos faltou inteiramente o segredo maior das heroinas : o amor.

1910. Janeiro 25.

XXV

A MORTE DAS ANDORINHAS

As andorinhas, essas grandes andarilhas pequeninas, são timidas, humildemente modestas, e modesto é tudo que a ellas se refere, desde o seu pio implorante e curto, aos seus ninhos terrosos, mal occultos sob os beiraes. Modestos são os seus amigos, modestas as suas cores, modesta a historia, parcamente dita, das suas immensas viagens de epopeia, modestamente timido esse seu amor invencivel, na timidez afoito, que as faz correr o mundo e os ceus em perseguição da primavera, modestos seus gostos sobrios, modestos seus banquetes frugaes. E modesta egualmente será esta sua chronica ligeira, que versa, doridamente, o emmurchecente crepusculo d'essas avesitas travessas e desostentosas, que, pelo modesto, caricioso viver, se poderiam dizer as violetas do espaço.

Modestas são tambem, por conseguinte, como lhes convem, as minguadas noticias que a seu respeito, de raro em raro, apparecem perdidas no pelago indiscreto dos jornaes. Restringem-se á inserção de uma breve, desamavel local sobre a sua chegada ou abalada, á publicação de alguma truncada carta de um

« antigo assignante » ou « constante leitor », dando fé de que as andorinhas já voltaram ou já partiram — o que, entre as columnas cerradas em que se affixa a farça e a tragedia da cidade, impudorosamente, tem os ares pueris de uma creancice de velho scismatico, preoccupado com esses nadas futilimos, no intervallo rabujento de dois sorvos de simonte ou de duas zangas sem pretexto.

O leitor, o outro leitor, afazendado ou vicioso, que procura, com pressa ou com appetite, na sua gazeta, a ração diaria de informações praticas e urgentes, a tabella dos cambios, o annuncio dos vapores, o programma dos divertimentos, o estendal dos crimes, o rol dos desastres ou das novidades da vida alheia, mal passa os olhos pela apagada referencia; e, se acaso chega a inteirar-se-lhe do conteúdo, esboça logo o sorriso ironico com que soe acolher as pieguices, admirando zombeteiramente a paciencia do « velho amigo das andorinhas », ou invejando o innocente provinciano — são sempre provincianos e, muitas vezes, boticarios, esses informadores desinteressados — que tem tempo para perder com taes infantilidades inuteis.

Bem lhe importa a elle, homem ralado, atarefado, preoccupado com negocios de arromba, curtido pela lucta mesquinha e quotidiana, insensibilizado pela pontualissima brutalidade que o jornal lhe escancara, bem lhe importa que as andorinhas vão ou venham, arribem ou debandem, nasçam ou morram.

Modestos ainda como ellas dir-se-hia que são esses seus amigos. E' com o maior laconismo, desculpando-se envergonhados do pouco espaço « roubado », que esses anonymos, namorados, se lhes referem nos gran-

des quotidianos, nos de cá, como nos do estrangeiro. Custa-lhes divulgar o seu amor modesto...

***

O anno passado, noticiava *Le Figaro* que as andorinhas tinham morrido aos milhares, e ninguem com isso se mostrou impressionado. Ninguem, digo mal, visto que a desoladora communicação mereceu a honra de ser glosada lyricamente por Affonso Lopes Vieira, no livro que prepara — *Canções da chuva e do sol.*

Este anno, é o collaborador agricola do *Temps* quem veiu soltar o grito de alarme : « As andorinhas não tornaram por emquanto aos seus ninhos, pelo menos em França ».

Receia o citado chronista que o facto seja prenuncio de uma má estação estival, e pergunta apprehensivo se a causa não estará no desapparecimento lamentavel da graciosissima ave.

« O numero de andorinhas — diz elle — diminue em proporções alarmantes. Aldeias da Borgonha, que ha dez annos hospedavam de quinhentas a seiscentas andorinhas, não receberam mais de cincoenta no ultimo anno. As casas que guareciam dez ou doze ninhos não ouvem mais as suas vozes maguadas. Se não se oppõe ao exterminio uma barreira, os nossos filhos poderão vêr o ceu povoado de aeroplanos, mas debalde procurarão nelle as andorinhas ».

« Faz certa tristeza o pensar que a sua doce nota falte um dia á symphonia primaveril » — exclama, com simples enternecimento, esse collaborador do *Temps*, que é um magistrado do Supremo Tribunal — velho jurisconsulto, refugiado, como um grego, das tristezas agrestes da sua carreira severa no estudo amoroso da natureza pacificadora.

Procurando apurar as diversas hypotheses formuladas sobre os motivos determinantes do compungente phenomeno, cita esse meigo juiz das andorinhas as mais verosimeis. Os frios excepcionaes d'este anno — frios insistentes que, ainda á data em que escrevo, nestes meados inacreditaveis de Maio, e em Portugal, nos perseguem — devem certamente, em grande escala, ter contribuido para a dizimação das delicadas aves.

Ha quem affirme que a sua morte se deve a alguma epidemia maligna, contrahida em paizes remotos. Parece apurado que, por vezes, em climas propicios, se desenvolvem d'esses males funestos entre as aves. Assim, crê-se que os passaros migradores tragam para os campos do sul os germens de uma doença especial, conhecida pelo nome de « cholera das gallinhas ». Os patos bravos, por exemplo, facilmente a transmittem aos domesticos.

De um mal como esse estarão, segundo tal criterio, sendo victimas as andorinhas, e, a essa visão dolorosa, penso com esperança no pintor generoso que, num quadro triste, com tristes tintas, guarde tristemente, para a saudade revoltada dos vindouros, o tristissimo espectaculo da « peste das andorinhas ».

Outros, talvez phantasiosamente, opinam que as ondas hertzianas da telegraphia sem fios podem ful-

minar as andorinhas. A ser isso verdade, deveriamos, mais uma vez, maldizer do egoismo despotico do homem, que, alargando de continuo a esphera ousada da sua tyrannia, não cuida de saber da vida que destróe.

Demos de novo o silencio ao ar, se por acaso o som da nossa voz, navegando nas suas ondas domesticadas, o echo vertiginoso das nossas palavras fugazes, assim espavorem as azas macias e velozes!

Abatamos, sem detença, os postes orgulhosos d'essas harpas eolias e potentes, promptas a vibrarem rapidas ás nossas ordens, para que no ceu se não extinga a graça flebil dos vôos mansos pelas tardes quentes!

Recuemos as balisas de mais essa nossa maravilhosa conquista, provado que seja que ella offende ou anniquila a pequenina maravilha agil, que tanto gostava de avelludar mais o velludo das azas no banho resplandecente do occaso!

***

Mais causas se apontam. Uma respeita á moda e ás mulheres — inconscientes causadoras do mais revoltante morticinio. Em busca de pennas para as guarnecer, os caçadores não hesitam mesmo deante d'essa coisa commovente e apiedante que é um cadaver de andorinha, para lhes roubar, com o mais féro dos gestos de carrasco, a humilima plumagem escassa.

Vêde, senhoras, a que nefandos excessos levam a vossa ancia desrazoada de agradar, a vossa sujeição de escravas submissas á moda desapiedada!

Nós, os homens, temos, nesse capitulo, as mãos virgens de sangue, pois mãos de homem não merecem dizer-se essas, energumenas, que trucidam ambiciosamente nos dias calmos as aves sagradas do verão. Move-as — não o podeis negar — o desejo ostentoso da mulher. Sois vós que, folheando figurinos, despreoccupadamente lhes lavraes a sentença. Reflecti e desenveredae d'esse rumo malvado! Desviando o perfume embriagante com que vos ungis, applicae por uns momentos vosso olfacto ao cheiro de morte, fatidico, que de vossa *boa* de pennas se desprende. Como, asquerosamente, desdiz d'essa vossa belleza cheia de vida, que parece egual em frescura e pureza ás flores, esse adorno miserando que trazeis, e é — só agora o sabemos — um collar selvagem de mortas andorinhas.

Colhei, arrecadae, accumulae, para vossos chapeus, vastos como freguezias, amplos como praças, complexos como tropheus gentilicos, todas as flores da terra : desnudae os prados, empobrecei os campos, enluctae as devezas, descarnae as veigas — é menor o trucidio ! Mas respeitae a aza veneranda da pobre viajante inoffensiva, inerme flor do ar, confiada só na piedade humana. Sêde clementes para mais bellas serdes !

Repudiae, desfazei, esfrangalhae, no arrependimento, esse mundo prolixo que sobre a cabeça usaes, e que é — crime entre os crimes criminoso — um amaldiçoavel cemiterio de andorinhas. Saccudi, afugentae dos cabellos a morte.

***

Ha tempos, Henri Lavedan. numa chronica da *Illustração*, chamava ás andorinhas aereos crucifixos, e a imagem rebuscada afigurou-se-me deselegante. Hoje, ao saber da sua infinita desventura, vejo-as, eu tambem, pobres victimas de um feminino calvario, hirtas, crucificadas por vós — gentis criminosas! — com um alfinete cruel em cada ponta de aza, e o minusculo coração sem pezo trespassado pelas lançadas hediondas dos vossos penetrantes pregos de chapeu.

Revogae vossas modas, senhoras!, para que, alanceante, vos não punja afflictivo, insupportavel, um tamanho remorso. Demonstrae, banindo a aza do numero incalculavel de vossos enfeites, a contricção reparadora. Sereis bellamente absolvidas, e heis de ganhar a recompensa mais apreciavel. Não só o perdão attrahente dos homens de coração — que esse só talvez vos não bastasse, habituadas como estaes a consegui-lo em cada hora — mas o premio irresistivel, o galardão fagueiro, a gloria suave do perdão gentil das andorinhas.

Amparae-as, socorrei-as, valei-lhes na desdita e na doença, para que todas não morram! Com vossas brancas mãos mimosas, de onde o afago se entorna, mandae, atirae beijos ao ar, para que elle se purifique e acalme, e ellas se reanimem e sarem. Talhae-lhes

em vosso seio formoso e recondito, em vosso regaço curvo e sagrado, um logarzinho placido e bom, onde um ninho caiba e se calente. Ponde, nas ruas, sobre vossas cabelleiras admiraveis, o sorriso indorido das flores, que não a agonia cruciante das pennas. Protegei, cuidae, velae as andorinhas, para que na terra, que o progresso afeia, onde já os animaes das caminhadas vão cedendo aos motores o antigo e lento encanto das jornadas; para que no horizonte, em que os melodiosos, brancos moinhos já não movem — paralyticos, destelhados — a rosa rinchante das suas velas; para que no ceu, onde os velivolos riscam lineares os seus horriveis perfis de fardos embrulhados; volte a haver a belleza de sempre, e tornem essas harmoniosas, negras senhoras do crepusculo a traçar, ante nossos olhos, com seus vôos enviezados, imaginosos, sybillinos, a emmaranhada pauta adejante por onde só o sonho dos poetas — que é, mulheres! o vosso sonho — sabe caminhar, como um anjo atravez de uma chamma.

Senhoras! Nas andorinhas havia o melhor symbolo dos culpados amantes que se arrependem. Com os primeiros frios — no amor, sujeito a estações, tambem elles existem — ellas debandavam, inconstantes e voluveis, em busca de outro ceu, como elles em demanda de outra bocca. Voltavam porem, com a primavera, fieis e sem engano.

No seu retorno annual, havia a mais proveitosa das lições para o amor. Ellas ensinavam, habilidosas conselheiras, o perigoso prazer do recomeçar, do reatamento. Quantos corações, porque as viram tornar, se reuniram?

Para vossas maguas amorosas, quando algum

coração de vós querido se partia de vossa beira em pessoa, em espirito ou em desejo, havia sempre, para vosso amparo, o exemplo, a lição das andorinhas.

Se ellas não voltarem mais, com seu conselho sem resentimento, quem nos ha de novamente persuadir a tornar á que passou?

1910. Maio 17.

XXVI

ISTI MIRANT STELLA

Reza assim, com pittoresca ingenuidade e errado latim de mulher, a expressiva legenda que acompanha o rei Aroldo e os seus companheiros, attonitos á vista carrancuda de um cabelludo meteoro, tosco e horrivel, nesse estupendo bordado da rainha Mathilde, conservado na Normandia, e erroneamente conhecido pela « tapeçaria de Bayeux », a que um critico recente, historiando as artes do tecido, chama deliciosamente uma « epopeia feita á agulha ».

A estrella barbada, que essas comicas personagens apontam, na interessantissima chronica figurada da paciente esposa de Guilherme o Conquistador, é, nem mais, menos, do que o cometa prodigioso de Halley, que vem de causar, involuntariamente, na terra muito mais reboliço e pavor do que no ceu — onde nos é dado agora vê-lo, á boquinha da noite, a desapparecer para o seu eterno fadario de alarmador de povos e agoureiro de catastrophes, seguido dos olhares já desassustados das gentes, que quasi o despedem com a familiar saudação dos pastores aos bolidos errantes : *Deus te guie!*

De todos os povos da Europa, o menos alarmado

com esta sua tão annunciada e pontual visita, foi o inglez. Dizem as gazetas que o luto tremendo que sobre a Inglaterra se abateu absorveu de tal modo as attenções, que logar nellas não ficou para o receio de outros perigos.

Verosimil é a explicação, mas convem notar que, mesmo sem esse motivo lutuoso, não teriam os inglezes fortes razões para se sobresaltarem, porque o de Halley era, manifestamente, um cometa amigo da Inglaterra, como o demonstram differentes factos, que não tenho tempo de enumerar.

Bastará apontar que a sua vinda em 1066 concidiu com a invasão dos normandos, com a decisiva victoria de Hastings, que está muito longe de ter sido nociva á historia ingleza.

De todas as suas periodicas visitas, creio que é esta a primeira em que o destino favoravel do cometa halleyano se corta para a Inglaterra, em cuja velha corôa, segundo uma velha lenda, ha uma pequena particula do astral viajante.

O sucesso, para primeiro, foi funestissimo. Eduardo VII sumiu-se numa epocha gravissima, em que da sua popularidade muito havia a esperar.

Succede-lhe Jorge V, um enygma physionomicamente parecido com o czar — e podem os apprehensivos perguntar-se se, em todo o seu esplendor, a historia da Inglaterra. que a apparição do Halley, em meados do seculo XI, abre com uma inicial de oiro, se não cerrará, no maximo apogeu, com o ponto de fogo que elle agora traçou nos espaços.

Deixemos, porem, os inglorios vaticinios da politica internacional, e embrenhemos-nos em mais amenas considerações.

***

Sobre cometas, haveria um magnifico capitulo a escrever : o da sua esthetica. A esthetica cometaria seria, alem de uma optima documentação da phantasia celeste, um admiravel panorama da imaginação humana e das creações do terror.

E' curioso como o homem, que todas as noites o pode contemplar com seu vagar, ignora o firmamento — esse prodigioso museu suspenso.

A melhor prova d'esse quasi completo desconhecimento está nas variadissimas e imaginarias fórmas que elle attribue aos astros errantes. Folheiem toda a historia da plastica cometaria, se assim me posso exprimir, agora tão divulgada em jornaes e revistas, enfronhem-se em algum *Theatrum Cometicum*, para empregar a terminologia de Lubienitscius, e encontrarão, com mil feitios arrebicados e caprichosos, cometas parecidos com tudo, menos com qualquer corpo celeste.

Livres estaes de deparar com um só que seja d'esses «signaes do ceu» ou d'esses «avisos de Deus», semelhante a esta ou áquella estrella, a alguma constellação ou combinação de astros, mesmo áquelle ou áquelle outro cometa — que, em boa logica, deveriam ser os modelos de que elles mais se approximassem.

Não topareis com uma comparação d'essa ordem, para a « coisa má », que anda lá pelas alturas.

Em compensação, recordae os objectos terrenos, e com todos elles achareis cometas mais ou menos identificados e parecidos. Espadas de fogo — que são a antiga imagem biblica — cruzes ensanguentadas, punhaes flammejantes, lanças incendiadas, alfanges coruscantes, pyras fabulosas, fogueiras monstruosas, yatagans scintillantes, braços luminosos, açoites resplandecentes, buzinas faulhantes, palmas ardentes, etc., etc., — tudo o que o homem usa, ou que o homem conhece, para destruir, assassinar, ameaçar; ou então uma prodigiosa zoologia incandescente, transferida em delirios de sangue e fogo aos espaços, como dragões abrazados, monstros igneos, leões esbrazeados, feras apocalypticas sahidas de fornalhas — de tudo o que o homem treme e se arreceia, lá haverá a imagem nesse gigantesco atlas supersticioso, que é a iconographia dos vagabundos da astronomia.

Attentem na mirabolante, na funambulesca illustração que Ambroise Paré fez ao cometa de 1528, agora muito reeditada, que parece a representação hallucinada de um auto de fé, e ficarão identificados sobre a humanização que o homem, sempre apavorado, deu aos pobres Ashaverus das altitudes mysteriosas.

Que o homem sempre deu.. e vae dando ainda. A proposito do recente hospede, ainda visivel, popularizou-se entre o vulgo a ideia patusca de uma vassoura.

O homem não temia já ser abrazado por uma chuva de fogo, amolgado por um murro formidavel do ceu, degolado por uma cimitharra de chammas, trespassado por uma lança em combustão. Receava,

assustadissimamente, esta coisa, muito prosaicamente attentatoria dos seus majestosos direitos de racional : ser varrido.

A' humanidade pavida e espavorida, não assustava tanto converter-se, com sua carne e seus ossos, em lenha rebelde de uma fogueira colossal, que devorasse o mundo. Preoccupava-a, revoltava-a, o poder tornar-se em lixo immundo, em cisco desprezivel, que uma varredura impiedosa expulsasse da terra miseravelmente, como um caco ou como um farrapo.

***

Pôde tambem notar-se agora que a sciencia caminha pouco mais que um caranguejo no conceito e na credulidade dos mortaes. Apezar dos seus calculos rigorosos, das suas previsões tranquillizadoras, houve povoados onde o panico d'este cometa inoffensivo muito se assemelhou aos terrores medievaes do anno 1000. E' que a humanidade caminha de vagarissimo nas estradas da verdade.

Desconfiando dos sabios, teimando em não os querer acreditar, é egualmente curioso de observar que, emquanto o cometa se não viu — e podia, portanto, não passar de uma invenção dos astronomos — — todos o temeram apavoradamente. Mostra-se elle finalmente no horizonte, e logo a calma volta aos espiritos mais alvoroçados Houve até quem começasse a fazer-lhe declarações de amor.

Que afinal, pode muito bem ser o amor a causa primaria das apparições cometarias...

Quem nos garante que elles não sejam, prodigiosamente inflammados, a crystallização vagarosa da paixão dos astros pela terra, astros elles proprios, namorados, timidos, que, muito em segredo, procurem vir dar-lhe de fugida, num minuto feliz, o beijo apaixonado e radioso?

Oppõe-se-lhe sempre esse ciumento despotismo do homem, seu tutor, querendo conservar a terra virgem de contactos estranhos. Gritam os sabios em alta voz o approximar do platonico amante ardoroso, denunciam-lhe os gestos, desvirtuam-lhe as intenções, e quando o pobre, o ardente namorado se abeira contente da redonda mansão da noiva appetecida, julgando ir emfim, com seu cálido osculo de luz, diviniza-la, fecunda-la, torna-la mais bella, encontra mil antipathicos oculos assestados sobre seus passos, vê milhares de boccas ameaçadoras, e milhões de braços esbravejantes, a amaldiçoa-lo, e foge, envergonhado, timido, perturbado, não querendo sujeitar a amada a algum vexame terrivel, por sua causa...

Não ha duvida que, como as mais atrevidas aves de preza, os cometas parecem medrosos. E' talvez por isso que se conta que o infeliz D. Affonso VI pretendeu correr um, que appareceu no seu reinado, a tiros de pistola.

Seja como for, ahi fica essa inedita theoria amorosa dos cometas, que tem, pelo menos, o merito de ser tão verificavel como as outras, que o não são, e de não dar que fazer aos observatorios — esses ninhos de mentiras respeitaveis.

***

Não só com tiros, como o fez o citado monarcha desthronado, mas com outros barulhos varios se tem pretendido afastar os cometas, como quem espanta um gato ou afugenta um rancho de pardaes.

Calixto III, por exemplo — nestes tempos alarmados e ensinadores, de cometite aguda, a erudição é facil — ordenou que, para esconjurar as maleficas influencias do cometa de 1456, se tocassem os sinos ao meio-dia, chamando os fieis á oração. E' essa a origem do Angelus meridiano, das avemarias diurnas, que se ouvem ainda nas aldeias, e talvez o papa que isso decretou andasse enfronhado na mythologia.

No seculo XV, não custa a acredita-lo. Elle devia saber, apezar da tiara, que Hercules, com um chocalho de bronze, que lhe dera Athenéa, afugentou, para todo o sempre, os passaros bronzirostros de Stinfalo.

Com ruido festivo e algazarra nutrida, se preparava tambem Lisboa a passar a noite memoravel do fim do mundo. Se não fosse a chuva, que catadupou inclemente, sem intervallos, teriamos tido por essas ruas e praças arraial de estrondo.

Em reconhecimento do seu valor, manda a verdade dizer que Lisboa foi uma das cidades onde o cometa menos pavor infundiu. Houve alguns assustados,

mas a grande maioria da população, que o mau tempo prohibiu de folgar, dormiu a somno solto e despreoccupado, preferindo, segundo o disse um Calino que por mim passou: acordar morta, a andar extremunhada no dia seguinte.

Aqui ninguem se muniu de balões de oxygenio, para o caso da asphyxia pelo cyanogeneo, como em Berlim; ninguem se suicidou com medo de morrer — dois paradoxos num só — como em Madrid; as egrejas não se abriram, como em Roma; e até os namorados, no geral, continuaram a tratar da data do casorio, para obterem as noivas, que, em outros pontos, o terror atirou para os braços dos adoradores — o que deve fazer esperar, para o principio do anno que vem, a ranchada innocente dos filhos do cometa, talvez assignalaveis, como o celebre vinho francez do mesmo nome, com uma estrella na testa, ou uma cauda luminosa em outro sitio.

De todas as attitudes que cada um resolveu adoptar para a occasião tremenda do cataclysmo, a mais encantadora foi certamente a d'aquella facil veneziana, de que os telegrammas estrangeiros se occuparam, descendente provavel das *honeste meretrici carpaccesche* — é de D'Annunzio a classificação — que, ao annunciarem-lhe o surgir do monstro no horizonte, se despiu toda escrupulosamente, e, perfumadamente nua, se foi pôr á sua janella, com a tocante esperança de seduzindo pelas graças o féro forasteiro, poder, sacrificando-se ao abraço horrivel, prender entre os braços, annullando-o, entontecendo-o, o perigo hediondo que ameaçava a humanidade.

Ante tal exemplo de humana e feminina e gentil

resignação, faz pena que já não haja bordadoras de talento, com a paciencia santificadora de Mathilde da Normandia, a da agulha immortal, para que o feito edificante e generoso d'essa simples cortezã modesta passasse á historia, com uma divisa singela, que poderia ser esta : *Ista concupit stellam...*

1910. Maio 23.

XXVII

UM CRIME HEDIONDO

Na segunda-feira ultima, pela manhãsinha — a manhã fresca de um dia voluptuoso de verão — numas aguas-furtadas de um dos bairros altos da cidade, de onde naturalmente o rio se avistava, uma mulher, já deixada da mocidade e ainda não entrada na tranquillidade da velhice, que toda a noite velara, acariciando e polindo um projecto, assomou-se á sua janella, e, olhando o Tejo ao longe a brilhar, com um sorriso estranho, esteve por momentos saboreando o ar picante, que ainda cheirava a noite.

Depois, deante do espelho, que lhe reenviava a mascara agreste, toucou os cabellos com cuidado, envergou o seu vestido de seda preto, e, decidida, quasi alegre, sinistra, foi accordar a mãe, que, na alcova exigua, passava por um somno ligeiro e amargurado.

Ao primeiro ruido, a pobre velha, que as privações e os desgostos haviam enfraquecido e avelhentado mais, accordou sobresaltada e interrogou com uns laivos mortiços de esperança na voz pallida :

— Então, sempre queres, minha filha?

— Tem de ser, minha mãe. Não desate agora com lamurias! Temos de ir. Ponha-se a pé, vá!

E sem esperar mais resposta, passou a outro quarto humilde, onde as duas irmãs mais novas, ainda nos vinte annos, dormitavem.

— Meninas, toca a levantar! E é arranjarem-se depressa, que vamos hoje ao tal passeio.

Timidas, apavoradas, surprehendidas, as duas debeis creaturas, assim estremunhadas, trazidas talvez de chofre de um sonho enganosamente feliz á miseravel realidade, nem ousaram pôr duvidas á ordem imperiosa da irmã, a quem se haviam costumado a obedecer cegamente, e depressa estavam arranjadas com seus vestidos negros e suas negras mantilhas — o seu traje melhor.

Na saleta, a irmã mais velha arranjava sobre uma meza os saquinhos que por suas mãos haviam feito, e tinham de levar para o passeio. Em cada um d'elles, previdente, metteu uma corda bem ennovelada, e, concluida a tarefa, poz-se á espera das *preguiçosas*.

Quando todas appareceram, trataram de arrumar escrupulosamente as ultimas coisas, de pôr mais ordem naquelle ordenado lar de mulheres, que era um brinco, cujo aceado arranjo a visinhança propalava. Certificada a filha mais velha de que em cima da meza ficava uma carta, prevenindo um irmão que vivia fóra d'aquella inesperada ausencia, deu o aviso para sahirem.

— Vae tudo? — perguntou.

— Tudo — responderam as tres.

— Não esquecem nada? Levam os saquinhos?

As tres mulheres limitaram-se a mostrar os saccos de chita, que apertavam nas mãos tremulas, e

pois que coisa alguma faltava, sahiram, fechando cuidadosamente a porta.

Caladas, compostas, de preto, decentes, as quatro mulheres seguiram pela rua fóra.

A cidade accordava radiosa para a vida, na algazarra dos pregões, no discutir dos preços com os vendedores, no abrir estrepitoso das janellas, em que as casas suffocadas pareciam soltar ais de gozo, nos carros que rodavam, nas saudações dos visinhos que se avistavam, no varrer das lojas que se adornavam para o negocio, nas risadas das creadas a caminho da praça, que um galanteio grosseiro retinha e contentava.

Numa esquina, a mãe, reparando num marco de correio, disse commovida para a filha mais velha, que era quem tudo ordenava :

— Olha o postal para teu irmão !

— E' verdade. Deixe estar que não me esquecia — e, afastando-se do grupo, léste, sinistra, foi deita-lo na caixa.

— Coitado ! Quando elle souber ! — murmurou a mãe, suffocando as lagrimas.

— Vá, comece agora a mãe com as suas coisas. Veja lá se quer dar espectaculo na rua. Se não querem vir, voltem para casa, que eu vou sósinha — atalhou, cruel, a filha, que de novo se juntara a ellas.

— Está descançada. Havemos de ir todas — balbuciou a mãe.

Sob o ceu resplendente e desanuviado, a capital mandava ao ar, que entrava de se amornar, os seus echos vibrantes, entre os quaes se perdiam os passos leves, apressados, das quatro mulheres de negro.

Surdas aos murmurios da rua, cegas á seducção

dos estabelecimentos, indifferentes ás instancias teimosas dos vendilhões, guiadas pela filha e irmã voluntariosa, que á frente seguia sinistra, alcançaram em breve a estação do Caes do Sodré, quasi vasia naquelle convidativo dia de trabalho.

Com decisão com emphase, com petulancia, batendo bem o dinheiro sobre a prancheta chapeada da bilheteira, a filha mais velha pediu quatro bilhetes para Cascaes.

— Tambem ellas um dia haviam de ir á praia elegante, como a gente rica — commentou com sarcasmo, sinistramente.

Ao que uma das irmãs, com voz receosa, retorquiu : Uma vez a Cascaes para nunca mais...

— Quem te pediu sentenças?

Num compartimento de terceira, olhando, umas saudosas, outra enraivecida, a cidade que deixavam, as quatro mulheres, de estação em estação, chegaram ao seu destino.

***

Em Cascaes, colheu-as, logo á sahida, o esplendor magnifico da admiravel curva da bahia azul e linda. Por um momento as ganhou, absorventemente, generosamente, a visão maravilhosa do mar calmo e fecundo, onde velas pousavam como azas disformes.

— Vêem como isto é bonito? — exclamou a

sinistra irmã para as outras e para a mãe, enlevadas.

— Eu não lhes dizia que valia a pena?

Com a apparente despreoccupação de simples passeantes, entretiveram-se algum tempo na praia e circumvagaram pela pequena villa. Depois, dirigiram-se para a Bocca do Inferno — essa fornalha tenebrosa e escarpada, onde referve o mar em labaredas de agua e rôlos de espuma nos dias bravos, e que é, nas visinhanças de Lisboa, um sorvedouro tragico, vertiginoso, infallivel, escancarado vorazmente a todos os desesperos.

Deambulando pelos rochedos escorregadios, debruçando-se sobre a hiante bocarra infernal, pareciam ellas encantadas com o panorama, deslumbradas pela voragem tremenda, attrahidas pelas escarpas abruptas da penedia, roida do herculeo embater das ondas.

De repente, mais sinistra, a filha mais velha perguntou lugubremente, com um luzido feroz nos olhos sem doçura :

— Têm os saquinhos?

Hypnotizadas ao seu olhar pungente, domadas ao som imperioso d'aquella voz tyrannica, todas apalparam com crispados dedos a chita que envolvia as cordas, estremecendo.

Lançando então ao mar azul, vasto como o seu desalento, um louco olhar sem nome e sem força, disse a mãe quasi a medo :

— Filha ! Se fossemos dar mais uma voltinha? Está tão agradavel !

— A mãe tambem nunca se farta de passear — replicou, sinistra, a filha. — Mas vamos lá. Não quero que diga que lhe não fiz essa von-

tade. Não ha pressas. Temos o dia por nossa conta...

Vieram até ao Estoril, onde as vivendas de luxo agora se remexem e aviam para receberem os donos. Pelas ruas amplas, adustas, varridas do vento desabrido, andaram ao acaso sem repararem em nada. O calor, porem, ia-as fatigando, e, ao passarem por um restaurante, a filha mais velha convidou para uma cerveja.

Abancadas a uma mesa de ferro, beberam vagarosamente, tendo feito cada uma, antes do primeiro golo, muito para comsigo, uma saude. Com as ultimas moedas que lhe restavam a filha mais velha pagou a despeza, dando-se ares de abastada, e de novo se puzeram a passear.

— Agora vão sendo horas — disse a filha, sinistra.

Nenhuma se atreveu a dissentir. Silenciosas, vagarosas, disfarçadas, novamente se encaminharam para a Bocca do Inferno.

A' roda do pelago havia gente que viera de Lisboa, e para alli estava em modorra ou em contemplação — testemunhas que urgia evitar.

Fingindo conversar animadamente, levou-as a filha mais velha, com surdas ordens, entre dentes proferidas, para mais longe, para uns rochedos desviados da vista dos visitantes, sobranceiros, assustadores, a pique sobre o mar.

Alli, nenhuma das tres, que se dispunham á obediencia final, teve coragem de olhar a que pela ultima vez ia mandar. Era a hora fatal. Do ceu parecia baixar, azul, a morte; e o mar, em baixo, cavava profundezas de tumulo.

Procuraram pedras soltas para encherem os sac-

cos que haviam trazido, com uma corda dentro de cada um. Não as havia espalhadas, naquella pedreira immensa.

Então, cobrindo o ronquido oceanico, a criminosa sentença sahiu sinistra dos labios perversos :

— Vá, minha mãe, depressa! Emquanto não vem gente.

Nessa alma já batida de todas as procellas, dilacerada pela vida, rasgada por mil espinhos acerados, todas as fibras que restavam se juntaram num supremo esforço, para resistirem ao mandado atroz Num minuto horroroso, á propria dor ainda inedito, todo o seu sentimento, todo o seu instincto materno confluiram ao cerebro, e, sob o olhar assassino da filha inconcebivel, teve a pobre velha de renegar da sua alma, do seu corpo, até do seu coração de mãe, num horrivel martyrio, que certamente a enlouqueceu — e atirou-se ao mar.

Atráz d'ella, a filha sinistra, assegurando-se de que as duas irmãs a seguiriam, ebria d'essa sua victoria nefanda. sentindo na sua frente a primeira morte e a seu lado mais duas victimas, lançou-se num arranco vigoroso, pezado, profundissimo. Depois, foi a segunda irmã, o terceiro naufrago.

A que faltava ia a despenhar-se, completando a obra agonizante, quando alguem, que á distancia surprehendera a horrenda scena, e accudia, se lhe chegava á beira e a segurava, salvando-a, talvez porque ella, raiz mais nova, se agarrasse á terra com mais apaixonado vigor.

Do mar accudiram pescadores, que em seus barcos humildes conseguiram recolher os corpos moribundos da mãe e da segunda filha, que foram expirar no

hospital, pois que o mar, sabendo-as innocentes, lhes não quiz os corpos.

Da filha mais velha, a sinistra, multi-suicida, que ao matricidio barbaro juntou a morte da irmã, não foi possivel até hoje descobrir o cadaver.

Nesse corpo, que para as outras preparara as cordas com que se atassem pezos para não fluctuarem; para que á morte não restasse nenhum subterfugio; havia no peito, em vez do coração, uma pedra brutal, que devia pezar toneladas. Todo o seu odio á vida, toda a sua covardia cruel, toda a sua peçonhenta descrença, a devem ter levado até ao mais fundo do pelago, de onde só sahirá, talvez desfeita, repellida, cuspida, pelo mar ennojado.

***

O caso que narrei deu-se, como disse, na segunda-feira passada, aqui em Cascaes. Não lhe accrescentei um pormenor, que a narração da sobrevivente não auctorize.

Encontrando-se ao que parece, sem dinheiro para pagarem a renda da casa, suggestionadas por essa filha mais velha, que a todas trazia obcecadas, decidiram morrer, e mattaram-se, a conselho d'ella, d'esse modo horroroso, dando á tragedia, á mais vil e mesquinha das tragedias, uma figura que lhe faltava.

Essa sinistra creatura de ruina, essa megéra sem

dó, essa fera sem commoção, inimiga da vida e onzeneira da morte, chamava-se, muito vulgarmente, Josephina, tinha 41 annos, e era costureira.

Devia ter muitos seculos, chamar-se Aello ou Ocipetes, e ser uma das harpías...

1910. Julho 3.

XXVIII

AZUL-CLUB

O *club*, essa fórma elegante da solidariedade, é uma instituição retinctamente ingleza, que os outros povos se têm esforçado mais ou menos a copiar, como uma qualquer moda, sem que, no emtamto, consigam adaptar-se-lhe inteiramente, Para se ser integralmente um *clubman*, necessario se torna nascer inglez, tal qual como para saber fumar cachimbo ou beber *wisky*.

Tratando-se de uma coisa ingleza, deve naturalmente o *club*, segundo os seus mais profundos apologistas, a sua invenção a Shakespeare.

Em Inglaterra, em ultima instancia, tudo se remonta ao grande classico. Tudo elle descobriu, annunciou, ou previu.

Já conheci uma ingleza, uma excepcional ingleza de pés pequeninos e canellas torneadas, que convencer-me queria de ter aprendido um seu graciosissimo ademan ao deslaçar das botinas num dos versiculos da biblia de Hamlet.

Shakespeare é, para os seus fanaticos patricios, mais que a sua obra immensa e poderosa, mais que o genio maior. E' um mundo, que marca uma edade;

12.

mais do que Homero, uma floresta de mythos, onde tudo encontra symbolo, equivalencia ou origem — e longe de mim o pretender ver, nessa devoção exemplar de uma raça, sombra de exaggero.

Como preoccupação dilecta da mente ingleza, o *club* devia tambem pertencer originariamente á imaginação shakespereana, e desvanecidamente, assim o affirmam os *clublogos* mais documentados.

Um dia, Guilherme Shakespeare — inventando, provavelmente, na mesma occasião essa outra typica inglezice ,que se chama o *spleen* — communicou a alguns dos seus amigos, como Johnson, Raleigh, Seldon e Flechter, a ideia de se reunirem periodicamente para discorrerem de arte e litteratura. Não foi preciso mais para que os inglezes considerem esse projecto do tragico de Stradfort como a semente veneravel dos milhares de *clubs* que hoje têm.

A espiritos menos anglizados, pareceria que essas reuniões de Shakespeare com os seus amigos, a terem fatalmente de dar origem a algumas outras, deviam originar, quando muito, as academias, que já vinham dos gregos. A exegése ingleza guia-se por outra logica. Vê nesse desintencionado convivio de artistas, nobilitadoramente, o primeiro esboço do *club* — e barbaridade inqualificavel seria o tirar-lhes, a tal respeito, as illusões.

O segundo *club* foi fundado pouco depois, tambem em Londres, na Taberna do Diabo, e seguiu-se-lhe, sempre em Londres, o da *Cabeça de Vitella*, pittoresco conluio annual de revoltados de bom estomago e maus figados, antigos partidarios da Revolução, que, nos dias 31 de janeiro, se reuniam, com appetite e sêde de vingança, para, divertida e symbolica-

mente, devorarem o prato que lhes dava o nome, a cabeça de vitella — digerivel e inflammada allusão á cabeça do rei Carlos I.

O *Club* denuncia assim em seus primeiros tempos, deturpando o primitivo e supposto caracter que Shakespeare lhe attribuira, prosaicas origens comesinhamente culinarias.

Depois d'esse, impagavel, da *Cabeça de Vitella* á revoluccionaria, houve o *Beefsteack-Club*, que ainda existia em 1840, e cujos fins explicitamente se deduzem do expressivo titulo, e o *club* famoso da *Empada de Enguias*, conhecido egualmente por *Kit-Cat-Club*, em honra do seu fundador, Christovão Cat, um pasteleiro celebre.

Amiudando-se e popularizando-se em seguida, o *club* vulgariza-se, tornando-se uma coisa corrente e diaria, em que já ninguem attenta. senão quando uma excentricidade qualquer convoca as attenções sobre algum dos novos que se abrem.

***

Fertil em achados estapafurdios, a phantasia ingleza á cata de notoriedade, num meio em que ninguem repara no visinho, emquanto elle não passeia nú pelo telhado ou se não atira ruidosamente da janella abaixo, architectou alguns *clubs* originaes. Bizarros uns — como o *Club dos Mentirosos*, cujos membros se compromettiam a nunca dizerem a verdade, nem

mesmo aos collegas; o *King-Club*, ou *Club dos Reis*, que só admittia socios com o appellido de *King*, ou seja *rei*, tão vulgar em toda a Inglaterra, como o Silva ou o Costa em Portugal; o *Club dos Feios*, que, mandando um diploma de socio honorario a Mirabeau, recebeu em resposta um esplendido discurso em louvor de Esopo, que era horrendo : o *Club dos Bonitos*, que se pintavam, espartilhavam, e inventaram o aphorismo : *A gravata é o homem!*; o *Club dos Magros*, o dos *Gordos*, o dos *Gigantes* e o dos *Annãos*. Macabros, sinistros, outros, como o *Club dos Desgraçados*, que não admittia socios sem, pelo menos, uma fallencia; o dos *Scelerados*, composto de rapazes de nome e fortuna, que, depois de bem embriagados, corriam as ruas de Londres, entregando-se a toda a casta de tropelias; o *Club dos Cegos*, cujos socios, segundo o regulamento, deviam andar, quando menos, com um dos olhos fechado; ou o *Club dos Avarentos*, que tinha as suas assembleias de noite, numa sala ás escuras, para economia de luz, etc., etc.

Alem d'esses, cujos nomes, garanto, não inventei; outros muitos se registram nos annaes da *clubmania* ingleza.

O *club* é, como disse, uma fórma amena da solidariedade. Nasceu, certamente, da necessidade que o homem sente de se juntar a outros para qualquer empreza, seja, embora, para se aborrecer ou mattar o tempo em commum.

Das variadas maneiras com que os diversos povos satisfazem essa tendencia humanissima de mutuo aborrecimento, se inferem rapidamente as caracteristicas que os distinguem.

Confrontem um club inglez, silencioso, limpissimo,

beberrão, com um *cercle* francez, animado, remexido, jogador, ou com um *casino* hespanhol, barulhento, desarrumado, galanteador — e terão, num segundo, inteirinho, deante dos olhos, o homem da Hespanha, o homem da França, ou o homem inglez.

***

Exactamente na Inglaterra, fundou-se em Fevereiro d'este anno um novo *club*, para o qual, quem desejar ver, como acima aconselhei, o homem inglez, excusa de olhar, porque perde o seu tempo.

— E' um *club* de espiritos, já sei, pensará o leitor.

— Pois, não senhor!

— E', então, um *club* de cães, de gatos, de ratinhos da India. Esses inglezes sempre têm cada uma... supporá a leitora.

Pois tambem não senhora!

E' um *club* de mulheres — seres naturalmente anti-solidarios, que se julgaria mais facil armarem uma questão do que organizarem um centro. E nenhuma malquerença envolve a minha constatadora phrase. Reconheço, pelo contrario, nessa incompatibilidade inter-feminina, a melhor das qualidades, desde o momento em que, como quasi sempre succede, reverta, solidarizadamente, a nosso favor...

Certo que esse *club* feminino, que surge agora na

Inglaterra, onde a mulher passa a vida a imitar o homem, não é o primeiro do fragil sexo. Ha centenas d'elles. Este, porem, é um *club* sui-generis, de nova especie. As surprezas começam no titulo — *Club do Passaro Azul.*

O « passaro azul», sabel-o-ha o leitor, é, para o norte, um dos pseudonymos do ideal, do que se não encontra, do extra-terreno, do muito raro; o nome da sorte, da ventura, do quasi inobtivel, um dos disfarces da illusão. E' o dominó azul de certos bailes de mascaras, que, quando estavamos distrahidos, nos murmurou ao ouvido uma qualquer terna phrase, que não ouvimos logo. Ao inteirarmos-nos d'ella, procuramo-lo, buscamo-lo, percorremos tudo, mas o azul dominó mysterioso desappareceu, azul sempre, e se, passado muito tempo, casualmente elle se abeira de nós, é para desapparecer outra vez, sempre azul.

« Vêr o passaro azul», é, para os septentrionaes, conseguir a felicidade; e, precisamente, uma agencia diligente de felicidade se propõe ser esse recente *Club do Passaro Azul*, que, em portuguez, rigorosamente, se teria de chamar, se acaso o traduzissem, do Passarinho Verde — já que a ave invisivel das mil ditas, no sul muda de cor.

O « passaro azul» foi de novo posto em voga na metropole ingleza — desde o tempo remoto das fadas — pela bella peça phantastica de Maeterlinck, que tem esse titulo.

Apoz as primeiras representações da linda magica no Haymarket, appareceram nas lojas dos bairros elegantes de Londres passaros azues de todas as grandezas e feitios: passaros embalsamados, pas-

saros de metal esmaltado de azul, passaros azulmente miniaturados em medalhinhas de oiro.

Enthusiasmadas com o cerulo symbolo da ventura. algumas damas da alta sociedade ingleza fundaram o *club* supracitado, com o fim louvabilissimo de procurarem a felicidade para as suas associadas, e ainda com o proposito, menos realizavel, de, obtida ella uma vez, a não deixarem fugir.

Em termos mais claros, taes senhoras procuram, pelo que se vê, fechar a felicidade que conseguirem a sete chaves, creando môfo ; finalmente, metter numa gaiola, tão inforçavel que parecerá uma jaula, a rarissima ave azul.

A alma da empreza foi uma poetisa, miss Diana Delaunay, que começou por offerecer ao novo *club* um sumptuoso alojamento no centro da cidade.

O salão principal, ao que diz o jornal que vou seguindo, é verdadeiramente um aposento do paraizo. Cobrem-lhe as paredes frescos claros, representando mulheres de suave encanto e symbolos de mysteriosa belleza, que lembram a extraordinaria camara dos pavões de Whistler.

Sob um baldaquino rendilhado, enthroniza-se o emblema venerado, o amo d'aquella casa, um passaro formoso de um azul vehemente de anil, por cima da divisa, que é um conselho : *Busquemos a felicidade!*

Harmoniosamente, para não destoar do tom geral da installação, miss Delaunay e as suas consocias estão sempre vestidas de azul. Quem sabe mesmo se não será condição essencial dos estatutos que as tentadores eleitas, as *membras* gentis, não tenham os olhos pretos, nem castanhos, nem verdes — o

que fará da aggremiação a Confraria dos olhos azues?

O regulamento do interessante circulo é simples e liberal. Não ha premio de entrada, nem quota mensal, para as agraciadas socias. Têm apenas a obrigação de se reunirem uma vez por semana, num banquete. Os homens são terminantemente excluidos d'aquelles soalhos tapetados de azul fôfo.

Depois do jantar, essas sacerdotizas da felicidade reunem-se solemnemente no salão azulissimo, e entregam-se recolhidamente aos descobrimentos mais transcendentes sobre a felicidade e sobre a vida e os habitos do « passaro azul ».

Como? Com que processos? E' segredo profundo, que ellas não revelam — o que, optimamente, se presta ás interpretações mais arriscadas.

Segredos de mulher, mesmo a respeito da ave azul, não podem permanecer muito tempo ineditos. Verá o leitor que qualquer dia nos informam de que esse « passaro azul », que ellas buscavam, não chegou ou já levantou vôo. Ou que então se reduz a algum azulado exemplar empalhado.

Essas desoccupadas senhoras, empenhadas em estudar os mysterios da ornithologia da ventura, principiam por commetter um erro gravissimo, dizendo que se propõem encontrar a felicidade.

A felicidade é uma caprichosa dama, certamente loira, que nunca está em casa para ninguem que a procura. Não tem dias certos, nem horas marcadas, para receber. E' incorrigivelmente bohemia.

Com ella, o unico recurso é dispor em nós proprios, com o cuidado que essas *club-women* puzeram na sua luxuosa séde, um cantinho risonho e aceado

para a recebermos, quando ella, desprevenidamente, quando menos o esperarmos, se lembrar de passar á nossa porta e de nos bater ao ferrolho...

1910. Junho 15.

XXIX

MUMIAS MODERNAS

No baile da vida, incessante, a mulher — compensação das compensações! — é, alem do premio que todos os trabalhos vale, a graciosa mascara voluvel dos mil trajes, dos mil aspectos, das mil cores, que, se agora nos apparece, frugalmente appetecivel, de pastora á Watteau, e d'ahi a pouco, de deslumbrante rainha oriental, cujo beijo poderoso deve resoar vibrante como o descarregar de uma clava num escudo, logo nos surge, desvendada e perversa, numa tunica fendida do Directorio, para dentro em breve retornar, veneravel, no hieratico veu de uma Salambô, perfidamente desafiadora na folhuda tentação das roupas do Segundo Imperio, exotica na ostentosa bizarria das polychromicas vestes da velhissima antiguidade ou, seduzente, no discreto, unichromo, casto recolhimento dos alvos cendaes venezianos.

No mundo, a mulher é a sempre mascarada, porque, é, pois deve ser, a eterna cambiante, a irmã da luz que se não repete, a irmã da agua que jámais é a mesma.

O curso extasiante d'esse magico ser de indesencantiveel magia, vavndo, sem nunca as gastar, toda

a belleza nos gestos, toda a perfeição num meneio do corpo, toda a gloria num olhar que mal pousa, marca-se na memoria infiel, mas agradecida dos homens com a historia gentil d'essa gentillissima arte, que é a moda, astrologia variavel do variabilissimo astro-rainha — a mulher, fusão das artes, razão dos artistas.

A' moda chamou Enrique Gomez Carrillo, na sua *Psychologia da moda feminina*, agora traduzida para o francez, com um agradavel prefacio de Paul Adam : « Nossa Senhora do Capricho ».

Talvez seja essa uma das possiveis invocações d'essa deusa inexgottavel dos deslumbramentos, padroeira do luxo e egide feminina por excellencia. Quantos out os nomes, no emtanto, se lhe poderão dar, a essa bruxa venerada dos mil feitiços?

Ella é, antes de mais, a princeza sem par dos amores novos, pois natural seria que, sem a moda, magnanima transformadora, não existisse o amor.

Que bruto mortal indigno se atreveria, conseguiria amar uma mulher que, em toda a vida, só usasse um mesmo vestuario? Uma insupportavel e irrealizavel amante que tivesse sobre a carne sempre a mesma cor com o mesmo córte, e nunca variasse de rosto com o ageitar diverso dos cabellos?

Se as estatuas, que são apenas um aspecto de uma figura que aos olhos do nosso espirito vemos evoluccionar, mudam de feições e de todo, segundo as encaramos de aqui ou de alem, que horrorosa e inamavel pedra, peor do que as pedras dos museus, não seria essa fixa, essa obstinada, essa inolhavel mulher, que, passada a ephemera febre fugacissima do desejo, volvida a estação curta que no-la dera, entraria de

envelhecer, apressadamente, vertiginosamente, em cada dia que passasse, a cada hora que soasse, e as outras todas enchessem do encanto renovado e variante das novas roupagens e dos novos toucados!

Estou certo de que tal mulher, vivo paradoxo, nunca existiu, nem nessas almas viris das duvidosas santas do deserto, ennojadas do mundo; que essas, por entre a mantilha movediça dos farrapos, se eram bellas — e não o sendo, nem mulheres já eram — tinham os lampejos da carne palpitante; que, essa, é sempre cheia de fresca novidade.

Um corpo desvestido nunca é egual a si proprio; como um rosto desataviado jámais se reproduz.

As monjas — apontar-me-hão — que nunca variavam seu severo habito. Não quero desviar-me para a monastica seducção. Acreditem, porem, que traje algum foi mais provocante e traiçoeiramente inventado para a tentacão do que esse apparentemente monotono traje de prohibição, que, mesmo nas penitentes mais castigadas e humildes, nas sem leito, tinha a variedade do perfume das hervas sobre que dormiam.

A vestimenta monacal era, de resto, tão espicaçantemente provocadora, como por exemplo, o seria uma velha armadura de cavalleiro, absolutamente inexpugnavel, se dentro d'ella se mettesse um corpo branco de mulher.

***

Mas não me propuz dissertar sobre a mui complexa ideia de seducção. Quiz apenas frizar a va-

riabilidade, a caprichosidade da moda, que louvei, mas nem sempre se tem mostrado digna d'esse louvor.

Haja vista a moda actual das mulheres ensaccadas, amortalhadas, algemadas pelas saias, nos jarretes ou nos artelhos, essas figurinhas de estapafurdia linha, a que os francezes chamam já, pittorescamente : *les entravées*.

Paul Adam, no prologo que citei, diz que « a moda, fórma o caracter da raça que observa as suas leis », que « o traje exerce uma suggestão permanente no individuo que o usa ».

A darmos credito a tão auctorizadas palavras, difficil nos seria conseguir formar uma ideia do caracter da mulher moderna, e, muito menos, da suggestão sobre ella exercida pela centena de figurinos que tem usado, a não ser que quizessemos chegar á conclusão, retinctamente evoluccionista, de que cada mulher se entretem pela vida fóra, em cada estação do anno, a reviver, uma por uma, as muitas epochas que para traz deixou, passando assim em revista, resuscitando temporiamente em si, cada primavera e cada inverno, cada estio e cada outomno, uma das suas innumeras avós.

O que talvez não seja inteiramente verdade, visto que, nessa revida das idas vidas, se nos depara, pelo menos, uma lacuna contristante, que é a Grecia.

Nenhuma mulher do nosso tempo, por mais bella, mais superior e mais perfeita, será capaz de, por horas que seja, resentir em si o halito puro da Hellade magnifica, o admiravel impeto de divindade das hellenicas.

***

Em pouquissimos annos, têm as mulheres, ás ordens dos costureiros, passeado ao sol, mesmo á chuva arregaçante, copias mais ou menos rigorosas, imitações melhor ou peor succedidas, de quanto traje a historia regista.

Depois das modas discretas do romantismo, as modas detestaveis do realismo, com mangas de presunto, indigestamente roubadas á Renascença, com os justilhos medievaes, que punham no peito da mulher, revestido de uma baleia resistente como o ferro, dois obuzes replectos, e lhe salientavam as bases, no dorso, como authenticos altares de campanha.

A seguir, mil inspirações se confundiram. Dos trajes deslavados e ingenuos dos primitivos, acreditados pela Inglaterra, aos flammantes tecidos de Byzancio. Das tunicas leves, vindas do Directorio, que não de Athenas, aos *kimonos* japonezes, com que, parece, vieram tambem as saias sem roda, que obrigaram as mulheres a reduzir o passo, a caminhar miudinho, como as voluptuosas creaturinhas dos *yoshiváras*.

Temos, presentemente, ultima creação, as damas pediatadas, peadas, amortalhadas — as mumias.

Em verdade, nada se parece mais com uma mumia egypcia de ha muitos seculos como uma parisiense

em Junho de 1910. Foi, seguramente, a essa secção archeologica do Louvre, que os figurinistas recorreram, para espalharem depois nas ruas tão anachronicas e desequilibradas Nitokris.

Ei-las, por lá, nos passeios, nos theatros, nos automoveis, entaladas, ligadas, enfachadas, como as mumias com as ligaduras interminaveis. Asseveram todos que estão mal. Inevitavelmente. O traje de mumia é um traje de morte, que se não compadece com as exigencias da vida.

Depois d'esse obsoleto Egypto, com as suas mumias, resta que tenhamos, para a proxima estação, os figurinos da prehistoria, constituidos, mui summariamente, por pelles mal cerzidas.

Verão que certas damas adiposas, que, actualmente, sem olharem a suas volumosas dimensões, se mettem, com sacrificio e com habilidade, nos modernos espartilhos americanos, que lhes dão, vistas por traz, comprimindo-as a direito da cintura para baixo, a apparencia grotesca de lavadouros inclinados, se apressam a descobrir-se com pelles anti-diluvianas.

Hoje, uma saia de mulher, sem corpo dentro, é uma bem triste coisa, pingada, escorrida, que, num cabide, lembra, com sua errada fórma de pera invertida, um balão vasio a que faltou o gaz, ou uma cobertura de chapeu de chuva que se abrisse ás avessas. E' desolador! Querendo sempre absolver a nossa mui diversa semelhante, essa incondemnavel e innocente criminosa, julgamos ter descoberto uma razão, se não plausivel, explicativa, para que a mulher moderna desatasse assim, de um momento para o outro, a atar as saias.

Estamos no seculo da aeronautica. Deve ser esse o traje das aviadoras.

Eva prepara-se para subir em aeroplano ou em dirigivel, que, todos sabem, são coisas indiscretas. E está no seu plenissimo direito de não querer que lhe vejam a cor das ligas...

***

Tornando ás ideias de Paul Adam, se, no meio d'essa confusão de estylos e de datas, que a moderna indumentaria feminina baralha, quizessemos acertar com uma ideia da mentalidade que tal babylonia traduz, seriamos forçados a concluir, insophismavelmente, pela salada.

E quem sabe se não andariamos bem perto da verdade?

Que é, afinal, intellectualmente, a mulher, senão uma remexida, picante, salada de ideiazinhas cortadas aos boccados, temperada pelo vinho doce do seu sorriso, regada talvez, de onde a onde, de lagrimas que não têm dor, e na qual, entre os picados restos das ideias, sobrenadam os morangos saborosissimos dos seus beijos...

1910. Junho 19.

XXX

UMA RAINHA QUE MORRE

« Povo sem tradição, formado por creaturas sem memoria? Que milagre conserva essa agglomeração de moleculas tão movediças? Não tem historia : chegando até nós numa nuvem de contos, costumou-se a viver nella, e tão bem lhe encorporou as sombras, que hoje não poderia distinguir a sua realidade da sua fabula. Nenhuma lembrança de uma era primitiva, nem a mais vaga nostalgia de um paiz natal. Dir-se-hia que no primeiro dia do seu Exodo atravessou a nado o rio do esquecimento. Não tem Deus : a sua religião é a mesma das cegonhas, que indifferentemente se alcandoram, segundo as estações, na cornija das cathedraes ou nos balcões de um pagode — escreveu Paul de Saint-Victor no seu admiravel livro *Homens e Deuses*, definindo em algumas fulgurantes paginas os caracteres bizarros d'essa mysteriosa raça exotica, que uns dizem oriunda da India, e querem outros originada no mais remoto Egypto, e que vive, um pouco em toda a terra, accossada unanimemente pelas auctoridades mais diversas, e innegavelmente protegida pelas incognitas divindades dos caminhos, zombando, sem bandeira, d'essa ca-

13.

rinhosa ideia de patria, tão acalentada e defendida pelos restantes mortaes; raça de paradoxo e de contradição, que humilha os contrastes, com a docilidade que sabe impor ao cobre; sendo na rebeldia a primeira e a primeira na obediencia; a um tempo patriarchal e nomade; tumultuosa e ordeira; malfazeja e virtuosa; disciplinada e insubmissa; laboriosa e indolente; criminosa e pura.

« Não tem historia » — garantiu-o, lapidarmente, o arrebatador lettrado das *Duas Mascaras*. Parece contradize-lo um telegramma recente de Nova York, annunciando a morte da rainha d'esse povo simples e enygmatico, temivel e encantador : Jessy Key Habersham,[1] que, essa, contra o desmemoriado habito de seus aventureiros subditos, tinha uma historia.

Uma inverosimil, accidentada historia, que foi um attrahente entrecho de romance, e seria, no romance, um capitulo do romantismo, se a Esmeralda de Victor Hugo, como outras figuras da sua grandiloqua galeria, não tivesse existido, antes da *Nossa Senhora de Paris*, áquem Pyrineus, pois a cubiçada de Claudio Frollo e de Quasimodo, a esposa de Pedro Gringoire, é muito proxima irmã da Preciosa das cervantinas e exemplares novellas, e, a não se ter passado na moderna America da industrial vertigem, destacado de uma novella hespanhola do seculo de oiro se afiguraria o episodio apaixonado d'essa americana, preferindo á banal e ostentosa soberania dos milhões paternos a arriscada e instavel tutella dos matrapilhos da tribu do esposo.

Poderia, nesse paiz das faceis e ephemeras dynastias argentarias, ser princeza dos salões e rainha em

throno de dollars. Quiz antes dar-se inteira ao difficil e mais ephemero amor de um pária violento e poderoso. Em vez de se tornar em *Lady* cortejada, escolheu que uma horda suspeita a acclamasse como *gipsies's queen* — rainha dos ciganos.

Porque foi realmente a rainha dos ciganos quem morreu, o mez passado, num seu acampamento de acaso, dando-nos com a sua breve historia uma parcella de poesia, muito para destacar, redemptoramente, entre a trivialidade soez das insistentes excentricidades das suas desenfreadas patricias.

***

Jessie Key Habersham, rainha dos ciganos, nada teve de cigana, a não ser essa sua funesta sêde de amorosa aventura, que a levou a apaixonar-se pelo seu rei Jorge-Miguel, senhor dos milhares de familias bohemias espalhadas pelo territorio americano, e cuja séde preferida são as margens occidentaes do Mississipi.

Nasceu num palacio sumptuoso em Baltimor, de uma das mais aristocraticas familias dos Estados Unidos. Nelle se creou entre o conforto e a opulencia, até que, por morte da sua mãe, foi internada num dos magnificos collegios de Nova York.

Esperava-a ahi o primeiro contacto com a sua futura gente. Num dos passeios que com as companheiras fazia ao campo, deparou-se-lhe uma caravana

de zingaros; uma dessas caravanas repellentes e interessantes de farrapos, animaes sovados, figuras morenas e olhos perfidos, que se encontram sempre eguaes em qualquer latitude.

Contra sua habitual reserva, os ciganos, acolhendo-a com brandura, mostraram-lhe as tendas promiscuas, os carros para todo o uso, e, para sua maior perdição, contaram-lhe historias tentadoras, trechos d'essa sua eterna historia de ar livre, solidariedade e rapinagem. Sentiu-se a pequena Jessie deslumbrada, e volta e meia fugia do collegio para os ir ouvir.

Começava, insensivelmente, a seducção.

Aos quatorze annos, as professoras, alarmadas com a predilecção que ella não encobria pela vida errante dos errabundos zingaros, reenviaram-na ao pae, a quem tambem não occultou a sua inclinação, e, em vez de se deixar impregnar pelos habitos elegantes da sua roda, de volver para o luxo a quente phantasia, entrega-se ao estudo dos costumes dos ciganos e ao da sua lingua — idioma de babel, feito de retalhos, como as saias das mulheres que o fallam, com um fundo oriental, onde persistem, adulterados, vocabulos do sanskrito a attestar como mais plausivel a origem indica, que, alliaz, contra os que sustentam a egypcia, se poderia provar com outros argumentos, decisivos alguns, como o facto de nas tribus de ciganos de todo o mundo não apparecerem, no que diz respeito aos animaes preferidos, nenhums vestigios dos velhos *psyles* encantadores de serpentes, e nunca faltarem numerosos os macacos do *Mahbarata* e do *Ramayana.*

Um bello dia, concluidos os preparatorios, Jessie Habersham foge de casa — talvez para a primeira

iniciação. Quem tiver lido a *Jitanilla*, de Cervantes, a que já alludi, invertendo o sexo ao namorado Andres, póde segui-la passo a passo.

Tornando ao palacio, não disse onde estivera. Soube-se, depois, que fora encontrar-se com o querido bando. Era certa a conquista.

Estava decidida, melhor direi, enfeitiçada. Comtudo, apezar das sympathias do individuo, costuma a raça oppor-lhe embargos. Talvez de um dialogo assim, entre a voz da sua estirpe e a aspiração da sua mente, nasceu para Jessie Key o capricho de se fazer aia de creanças, para visitar a Europa com uma familia que annunciára num jornal.

Queria defender-se, experimentar a sua tenção, pôr-se á prova da curiosidade, com o conhecimento dos outros povos. Desejava mesmo, naturalmente, ensaiar-se menos severamente no nomadismo que tanto a attrahia.

Cançou-se depressa, ou reconheceu em breve que errara irremediavel o seu destino. Sem o saber, atraiçoando a sua missão, principiava a mostrar-se digna dos ciganos. A ternura pelas creanças, que elles vêem como uma preza, ou simplesmente como uma cria, não é apanagio d'essa raça sem berços.

Na viagem de regresso, encontra um indio que a instrue na sciencia de predizer o futuro e no occultismo.

Voltou a Baltimor, e dois annos depois desapparecia de casa para sempre. Para onde foi, já o leitor o adivinhou. No emtanto, apezar das maiores diligencias, ignorou-o o pae, contristado, durante muito tempo, até que uma carta d'ella lhe veiu annunciar que ingressara numa das mais importantes tribus

da fragmentada raça que adoptara, e que, tendo-a o rei dos ciganos Jorge-Miguel escolhido para esposa, fora elevada á cathegoria, para elles respeitabilissima, de rainha da ciganagem.

Não ha duvida que, nesse momento, via Jessie Habersham realizado com esplendor o seu sonho. Para a sua nova raça de ciume e sensualidade, o thalamo nupcial é, na verdade, o throno melhor. Nessas rudes, nullas almas, sem lembrança do passado e sem cuidados do porvir, concebendo a mulher como escrava e o mundo como saqueadouro; instinctivas creaturas do dia a dia; o triumpho voluptuoso e brutal dos corpos no noivado deve ser o unico instante memoravel da vida, em que elles não memoram nem os que morrem, nem os que nascem, nem sequer os que mattaram.

***

Os chronistas, a seu tempo, garantiram incondicionalmente a belleza de Jessie Miguel. Fora celebre em Baltimor a sua gentileza. Morre, portanto, com ella, não só a rainha dos ciganos, o que seria alguma coisa, mas uma mulher bonita, o que é, indiscutivelmente, muito mais, pois que a formosura prima a todas as majestades.

De que morreria Jessie Habersham, com vinte e cinco annos apenas?

Não o dizem os telegrammas, e melhor é assim, do que citarem alguma doença prosaica.

Pode cada um dar-lhe o mal á sua escolha — e ha sempre um pequeno prazer amargo em escolher a morte das heroinas.

Sem abandonarmos Paul de Saint-Victor, poderiamos explicar o successo com esta sua phrase : « A belleza das ciganas deslumbra e extingue-se como um meteoro ».

Começando a ser menos bella, a linda baltimorense teria morrido pela saudade da belleza.

Mas o velho cigano de Cervantes, summo mestre em ciganismo, talvez nos dê melhor chave para o mysterio, quando diz a Andres : « entre nós tanto divorcia a velhice como a morte : o que quizer pode deixar a mulher velha, se for moço, e escolher outra que corresponda ao gosto dos seus annos ». Mattou-a a humilhação.

Para a belleza toda educada de Jessie Habersham, talvez tivessem tido um incentivo picante as caricias selvagens do cigano. Todas as mulheres, afinal, amam todo o amor.

Só as ciganas, porem, sabem queimar nelle a mocidade, e sobreviverem-lhe sem dor, abandonadas como coisas vis.

Para o amor soube Jessie tornar-se cigana, submissa e lubrica; mas, para o desprezo que entre ciganos o segue, preciso é nascer-se cigana. Quando se viu desamada, não soube, não podia, ser cigana. Morreu da humilhante affronta de outros beijos que na sua tenda se davam — e, quem sabe, talvez a sua tribu, tornando a abalar para novos rumos, tenha deixado a apodrecer a um canto, sem sepultura, o seu cadaver, talvez ainda lindo.

Não o disse tambem o pittoresco cigano velho de

Cervantes? « Com a mesma facilidade as mattamos e enterramos pelos montes e desertos como se fossem animaes damninhos ».

E' que essa raça, sem berços, que vê na mulher que prolifica como que um repositorio natural para guardar os filhos, que nem lhe pertencem, é tambem uma raça sem tumulos, que desconhece os cemiterios...

1910. Dezembro 11.

XXXI

A MULHER DA MASCARA DE OIRO

Antinoéa, a cidade de Adriano, explorada lenta e sabiamente por Alberto Gayet, o encantador archeologo que, conciliando essas duas desavindas palavras, levou para a sua rigida sciencia a graça fascinante de uma imaginação de artista, tem patenteado em successivas desvendações, e fornecido aos museus de Paris em remessas numerosas, a mais preciosa e inedita collecção de achados remotamente historicos que os annaes das pesquizas contemporaneas inventariam.

Se o seu valor puramente archeologico pode talvez ser excedido por outros documentos, mais enygmaticos, mas menos attrahentes, é incalculavel, é supremo, o seu valor artistico, o seu valor de belleza, e, talvez ainda mais assignalavelmente, o seu valor de evocação.

Os relatorios das excavações a que regularmente se procede na desapparecida cidade são perfeitos capitulos de uma obra deveras insinuante de phantasia integralmente escórada em dados positivos, em verificadas conjecturas, restricta aos acasos dos descobrimentos, cingida á contingente realidade que foi

e reapparece, mas phantasia exuberante que o melhor poeta a custo egualaria.

Creio na probidade scientifica do consciencioso erudito que é Alberto Gayet, historiador illustre da arte persa e da civilisação pharaonica, mas acredito tambem, e por tal mais profundamente o admiro, na sua alma creadora e inquieta de sonhador.

Antinoéa é certamente uma fecunda, uma surprehendente necropole de maravilhas, em cujas ruinas, com as pedras vetustas dos edificios derrocados, com a madeira roida dos sarcophagos, com os votivos vasos dos enterramentos, com os embalsamados cadaveres olorosos, com as mumias resequidas e milagrosamente perdurantes, com a morte emfim, se amalgamou sonho.

Confiada a missão de a dessepultar a outro sabio, que não esse imaginoso Gayet, mais severo, mais sereno, menos vibrante, indubitavelmente, mais cedo ou mais tarde, veriamos á flor do solo os primores e as reliquias que elle vem pondo a descoberto, mas, alem de a ninguem ser possivel traçar um mais rapido, seguro e efficaz plano de investigações, quanta d'essa delicadissima poesia que Alberto Gayet, escrupulosa, generosamente, nos traz de Antinoéa, se perderia, se pulverizaria, na mente de um secco archeologo menos attreito e fadado ao imaginar?

Assim, com elle, que por tamanho bem mui louvado seja, a belleza que em Adrianopolis se guardar ainda, inteira, recomposta, luminosamente decifrada, nos será restituida. Elle vela para que o encanto mais humilde se não fane, para que as opulentas seducções se não empobreçam ou ennevoem.

Os corpos e os objectos sahem d'essa terra prodi-

giosa, que ha tantos, tantissimos annos, fiel e sollicita, os esconde e defende, oxydados pelas tintas suaves do tempo, mas tocados tambem, suavemente embebidos, das tintas suavissimas do sonho.

Nesse terreno privilegiado da beira do Nilo, as picaretas dos trabalhadores não despedaçam, não fragmentam, como em outras sepultadoras paragens menos afortunadas, recolhidas em mil pedaços, o sonho multi-secular da terra e das coisas.

A terra, que desde muito longe vem sonhando, accorda docil aos chamados insistentes dos golpes repetidos que lhe vibram, mas continúa a sonhar sob a face clara do sol, e as coisas, que, sob ella mantinham inviolada, na paz do segredo, a sua intimidade carinhosa, resurgem á luz, sem a descontinuarem, intimas e carinhosas.

Entregam aos amorosos rebuscadores o segredo que elles demandam, mas mantêm, ellas, inviolavel, a paz augusta e perenne da subterranea jazida.

Esse sonho admiravel, jocundo, da terra velha e das coisas remotas, e, principalmente, o sonho magnifico das antigas vidas, vem proseguir-se, perpetuizar-se a nossos olhos.

Dir-se-hia que essas mumias extraordinarias e gentis, que Gayet tão apaixonadamente desenterra e identifica, nem dão por que lhes tocam modernas mãos humanas.

Suggerem essas exhumações prodigiosas a ideia de serem feitas como que em tão melindroso silencio, com tanta ternura e receio, com mimo tão subtil, que as resistentes figuras resurgidas não chegam a despertar ligeiramente. Persistem dormentes, e dormentes vêm, em seus caixões almofadados, até

ao museu d'Ennery, seu actual refugio, dormir no Bosque de Bolonha, ao ruido da Paris ultra-moderna, sem interrupção ou quebra minima, o mesmo somno, de sonhos velhos florido, do poderoso Egypto mais que millenario, cabendo ao pobre Sena de aguas turvas aprender, para as embalar, os liquidos responsos do limpido Nilo riquissimo.

***

No opulento espolio até ao presente restituido pela cidade de Adriano, herdeira da Thebas das cem portas e visinha de Heliopolis, a noiva do sol, innegavelmente primaciam as mulheres, que Gayet tem commentado com a mais enternecida das devoções.

Essa, sempre crescente, farandula feminina das princezas, das sacerdotizas, das bailadeiras de Antinoéa, é a mais bella, expressiva e avultada que a archeologia nos deu.

Não se trata, como para a Grecia, de maravilhosas estatuas, de preciosos relevos, de estatuetas magnificas, de bronzes estupendos, ou barros perfeitos. A arte, no rigoroso sentido, não se enriqueceu grandemente com essas pesquizas — se exceptuarmos as importantissimas revelações que ellas trouxeram para a historia da indumentaria.

Não são productos estructuralmente artisticos os que lá se têm encontrado. São productos de vida, ou de morte, que o mesmo dá. E' estatuaria viva, em

que a curtida carne tem o logar do marmore ou da argila. E' uma espantosa collecção de cadaveres completos, de mumias assombrosamente conservadas, com suas roupagens, suas insignias, seus utensilios, com todo o seu caracter, em todo o seu ambiente.

Não se trata, conseguintemente, de maravilhas de fórma, oriundas da arte; se bem haja, em muitos objectos, em certos pertences, e em varios estofos, fórmas artisticamente ineditas.

E', mais ou menos do que isso, uma serie abundante de typos e exemplares, que, providencialmente resguardados em seus tumulos, nessa cidade, segundo affirma Gayet, funebre por excellencia, nos vieram restituir intacta, com minucias extraordinarias de evocação e multiplices indicios de reconhecimento, a epocha afastadissima da sua morte, e, portanto, a vida quasi integra d'esse remoto tempo.

Já numa destas chronicas, que, *á hora do correio*, forjo como a disposição ordena e o assumpto consente, me occupei da prodigiosa theoria das mulheres antinoítas. Devo nesse artigo, que mal recordo, ter registrado alguns de seus nomes de magia : *Leukyonéa*, a grega sectaria da Pedra Negra; *Myrithis*, a feiticeira dos lichens, da taphsia, da mangerona, e do tambor de pelle de gazella; *Khelmys*, a cantora do deus novo, com as suas estatuetas, de marfim; *Slythias*, a paramentadora das imagens sagradas; depois, a anonyma *Bacchante* e a *Prophetisa sem nome*; a seguir a perturbante *Mulher do Espelho*, exhumada em 1908.

Quero hoje dar-vos noticia de novos descobrimentos, emprehendidos, com o magnifico resultado de sempre, por Alberto Gayet na sua Antinoéa —

e favor não é reconhecer-lhe a propriedade de tão fecundo terreno, devassado, aberto, por elle, tão fecundamente.

Claro está que novas mulheres vieram, mysteriosas, intrigadoras, encantadoras. Antinoéa é um prodigioso gyneceu.

E, no facto de ser, entre todos os primores alli rehavidos, essa quieta e ostentosa sarabanda mulheril a mais saliente particularidade, ha talvez, da parte da arrazada cidade, um posthumeiro desejo de rehabilitação.

Sobre a fundação de Antinoéa, peza, em verdade, a maldição culposa de um amor perverso de Adriano, seu edificador, pelo seu favorito Antinoeu, o joven pastor da Bythinia, de fórmas graciosas, branco e loiro, que no sagrado Nilo se deitou a afogar, para esconjurar de sobre a cabeça do romano imperador a tragica prophecia, que o faria perecer caso o seu mais estimado amigo se não immolasse aos deuses irados.

Deveu, por conseguinte, essa Adrinopolis a sua origem a uma torpe paixão infamante. Em vista do criminoso inicio, ella deveria ter sido a cidade dos ephebos, dos afeminados. Porem, se a semente maldita do vil peccado infame lá fructificou, encarregou-se a terra, honestamente, de lhe consumir as criminosas memorias.

A Antinoéa que se nos restitue é uma patria attrahente de irresistiveis creaturas, votadas quasi todas aos complicadissimos serviços da divindade, sobre que, nos mais voluptuosos mysterios, o hieratismo desdobra um casto veu illibador.

Como referi, Alberto Gayet vistou de novo, na

passada primavera, essa necropole vasta, e de lá trouxe novos achados, que já ao publico se patenteiam no museu d'Ennery, em Paris.

Deixarei de ennumerar muitos objectos notaveis agora catalogados, como, por exemplo, algumas imagens funerarias, pintadas em cera sobre finas laminas de madeira ou esculpidas em gesso colorido, que, para a historia da arte, são de inapreciavel valor.

O que neste momento me interessa são as novas mumias. E', principalmente, completar, pôr em dia, a lista encantadora das mulheres antinoítas.

E' certo que este anno veiu tambem um estudante, o pequeno *Flavius Coluthus*, sepultado com os seus petrechos de estudo e os seus exercicios de escripta. Mas passemos, sem lhe interrompermos o estudo da lição.

Mumias femininas, salientam-se duas. Uma sacerdotiza, que, pelos attributos que a rodeiam, deveria adorar Tar, a deusa da primavera; e uma deslumbrante figura, a que, na falta do seu nome original, infelizmente perdido, se deu a linda alcunha de *Fada da mascara de oiro.*

Como vêem, não ha litteratura de imaginação que em phantasia ganhe á archeologia de Alberto Gayet.

A mulher da mascara de oiro! Que seducção estranha e que immensa visão galante! Em que epocha de faustuosidade, de decadencia brilhante, de luxo e requinte, sonhou alguem tão tremendo artificio, tão precioso adorno?

A mulher da mascara de oiro! Parece o achado moderno de um romancista genial. Ao desferir d'esse nome, que é todo um livro, vejo, numa esquina alta, tracejado por um pincel habil, um grande cartaz

vistoso, no qual uma mysteriosa mulher, de negro dominó, ligeiramente afasta do rosto branco a sua mascara, a sua lupa de oiro.

A mulher da mascara de oiro! Semelha o titulo de um romance para fazer fortuna e apaixonar leitores. E', simplesmente, antiquariamente, uma mumia velha. Apezar d'isso, quanta juventude, quanta novidade, quanta occulta virgindade nesse nome!

Que condemnação elle inflige, que vexame elle traduz, para a nossa pretenciosa e fallida arte de adornar a mulher. Como, ao dar-nos esse cadaver, o velho Egypto nos arrebata a palma de civilisados!

A mulher da mascara de oiro — e, como sabe bem o repizar-lhe as syllabas! — é, foi provavelmente, uma sacerdotiza de Isis. Veste-a um sudario esplendido, povoado de figurinhas, gravadas a oiro, entre as quaes avulta o cynocephalo, que acclama o sol nacente. Sob o manto, tres veus isiacos em lã de tons diversos, que vão do amarello ao verde, e se marcam nos cantos com o escaravelho da deusa.

Mas é o rosto, o seu carcomido rosto a desfazer-se, que aguenta a sua mais veneranda insignia : a sua mascarilha de oiro — uma chapa delgada do luzente metal ajustada ao nariz e perfeitamente semelhante a uma lupa das que se usam pelo Carnaval, sem cobrirem a bocca.

Na sua tumba, nesse extraordinario cofre, que tão surprehendente maravilha encerrava, appareceram tambem algumas curiosas estatuetas de terracóta, com penteados altos terminados em vasos — onde, nas cerimonias, se inseriam flores de lotus — uma cesta, que representa o jardim de Osiris, com as folhas do salgueiro, que era a arvore osiriaca, e, já

mais vulgares, lampadas em fórma de aves, o touro symbolico, etc.

O ritual do culto de Isis, ao qual essa mulher da mascara de oiro terá sacrificado, tinha, assevera-o Gayet, grandes analogias com o velho mytho egypcio da primaveril deusa Tar, a que a sua companheira de museu se consagrava.

Nós, os que hoje, neste descrente tempo desviado da belleza e quasi divorciado da sua fórma maxima, que é a mulher, ainda cantamos com fé e devoção a mulher e a belleza, só com muita saudade podemos olhar para essa epocha formosissima e defuncta, em que a primavera encontrava na terra, para a celebrarem condignamente, as perturbantes, as amaviosas mulheres das mascaras de oiro.

Neste adeantado, mas banalissimo seculo dos dois XX, temos de nos contentar com invejarmos ferozmente esse atrazado, mas insinuante seculo dos dois II, sem que lograr possamos sequer adivinhar que divinos, immarcessiveis, infinitos segredos de amor encerraria um beijo antinoíta, desprendido, infinita e divinamente voluptuoso e sagrado, de sob a aurea lupa esplendente...

1910. Julho 13.

INDICE

Chartres. — Imprimerie Ed. Garnier. — 117-4-11.